



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Artes

Herbert Roberto De Paz López

**Um estudo sobre a Pintura Mural Maya:
O legado de mulheres arqueólogas e artistas**

Rio de Janeiro
2024

Herbert Roberto De Paz López

**Um estudo sobre a Pintura Mural Maya:
O legado de mulheres arqueólogas e artistas**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História da Arte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Área de concentração: História da Arte Global.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Barros de Castro

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

P348 Paz López, Herbert Roberto De.
Um estudo sobre a Pintura Mural Maya: o legado de mulheres
arqueólogas e artistas / Herbert Roberto De Paz López. – 2024.
109 f.: il.

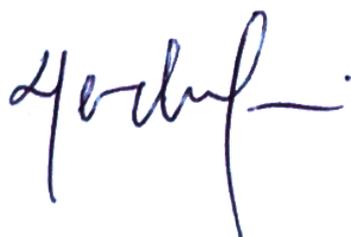
Orientador: Maurício Barros de Castro.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Artes.

1. Arte maia - Teses. 2. Pintura e decoração mural - Teses. 3.
Indígenas da América Central – Teses. 4. Arqueologia – Teses. 5.
Mulheres artistas – Teses. I. Castro, Maurício Barros de, 1973-. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. III.
Título.

CDU 7.031.85

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta dissertação, desde que citada a fonte.



30/04/2024

Data

Herbert Roberto De Paz López

**Um estudo sobre a Pintura Mural Maya:
O legado de mulheres arqueólogas e artistas**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História da Arte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Área de concentração: História da Arte Global.

Aprovada em 30 de abril de 2024

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Maurício Barros de Castro (Orientador)
Instituto de Artes - UERJ

Prof^a. Dra. Fernanda Pequeno da Silva
Instituto de Artes - UERJ

Prof^a. Dra. Julie Avila do Brasil Almeida
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Dedico esta investigação aos povos originários da Mesoamérica e aos seus descendentes, principalmente aos povos Mayas e a todos aqueles que encontram no passado ferramentas para entender seu presente e, assim, poder pre-figurar um futuro ancestral.

Às lideranças que lutam por manter o equilíbrio ambiental nos seus territórios e aos que já morreram porque suas vidas foram condenadas à luta pela dignidade que lhe foi tirada e que, mesmo submetidos não se esquecem que a sua raiz milenar pulsa em todas suas ações guiadas pelo desejo de reparação social e histórica.

Aos que são capazes de se comunicar com o plano espiritual, que são guardiões dos segredos que lhes foram herdados e que vivem em função de conectar a humanidade com o sagrado.

Aos artistas que buscam conhecimento e que encontram inspiração nos traços dos antigos pintores e escribas Mayas.

Às pessoas que valorizam os saberes ancestrais e que são entusiastas da preservação dos saberes culturais originárias, sendo conscientes dos danos e consequências causados pela empreitada colonial europeia neste continente.

Aos meus descendentes, porque esta será minha forma de compartilhar com eles.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Oxóssi e a Shipetz Tuteku por guiar meus caminhos, à minha mãe Blanca Estela López Ochoa Montenegro e ao meu pai Isabel De Paz Henríquez pelo presente da vida e pelo apoio incondicional; à minha esposa Raquel Alice Lemos Guimarães Santana por aceitar ser o meu par, por acreditar em mim e me apoiar em tudo; a Mãe Celina de Xangô por compartilhar seus conhecimentos e cuidados; ao meu amigo Pauan Gomes Soares por ter me ajudado desde que cheguei nestas terras, aos seus progenitores Dona Ivonete e Seu Severino por terem me acolhido na casa deles, sua ajuda foi fundamental para que eu pudesse realizar meus sonhos. Agradeço a Laura Sermeño pelos anos de amizade por compartilhar o gosto e interesse pela cultura Maya e pelos saberes sobre arqueologia, mesmo na distância, ao longo de todos estes anos de amizade; à Dayane Nascimento pela descoberta de encontrar prazer na escrita acadêmica; à Marcela Cantuária pela sua amizade e parceria artística, compartilhando o encantamento da pintura nos últimos anos; a Ademar Britto por compartilhar o conforto da sua casa neste momento de transição em que escrevo estas palavras; a Maurício Barros de Castro por ter aceitado ser meu orientador nesse percurso e pela sua generosidade de compartilhar seus conhecimentos comigo; a Julie Brasil, Fernanda Pequeno e Eduardo Natalino dos Santos pelas suas valiosas contribuições, quero agradecer a todas e todos os professores do Instituto de Artes que me ensinaram a pesquisar e a expressar minhas idéias sobre o temas que me interessam; e à Universidade do Estado do Rio de Janeiro por ter me dado a oportunidade de me tornar um profissional das artes e um acadêmico.

Los pueblos originarios todos fueron invadidos, pero nunca fuimos convencidos. No podemos decir que hay conquistadores porque nadie nos ha conquistado, porque todavía utilizamos nuestras herramientas, nuestra vestimenta, que es donde está plasmado todo un pensamiento cósmico. Tenemos nuestros idiomas maternos, nuestros idiomas nativos, que desde ahí está la esencia de la espiritualidad, está la esencia del mensaje que uno pueda decir y puede hablarle al fuego como hablar con el Creador y Formador de la vida misma.

Nana Marina Cruz, Ajq'ij del pueblo Maya Tz'utujil

RESUMO

PAZ LÓPEZ, Herbert Roberto De. *Um estudo sobre a Pintura Mural Maya: o legado de mulheres arqueólogas e artistas*. 2024. 109 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Na ancestral civilização Maya, a pintura mural era uma das formas de arte mais importantes e existe até os dias atuais. Ela se encontra espalhada nos sítios arqueológicos do território maya, na Mesoamérica e destaca-se pela sua notável qualidade artística, seu conteúdo histórico, religioso e pela sua função de servir de apoio à tradição oral da região. Até agora, as mais velhas das quais se tem informação são as de San Bartolo, localizadas na Guatemala. O desenvolvimento desta prática teve seu apogeu entre os séculos II e IX d.C. Ao longo da história recente, foram encontradas algumas nos complexos arquitetônicos do território maya como no Chichén Itzá, Bonampak, Calakmul, Uxactun, Xelhá, e outros. Além de existirem desde os tempos pré-hispânicos, elas também foram feitas durante os tempos da colonização espanhola. Estas expressões plásticas estavam presentes em vários contextos, incluindo templos, residências, palácios e tumbas. Durante o Período Pós-clássico (1000–1542 d.C.) a Pintura Mural Maya ainda era realizada, porém, formalmente mais simples e menos elaborada do que as pinturas feitas anteriormente no Período Clássico (300–900 d.C.). De maneira ampla, esta expressão retrata uma série de temas que incluem cenas da vida cotidiana dos nobres, a mitologia, acontecimentos importantes, datas comemorativas e eventos religiosos. Ela teve sua importância na sociedade para educar, entreter e transmitir costumes; através desta prática, podemos entender melhor a cosmogonia e o cotidiano dos antigos Mayas. Nas últimas décadas, importantes contribuições sobre a Arte Maya foram realizadas por mulheres arqueólogas, artistas e historiadoras que criaram o repertório que serve como base para entendermos a história visual da cultura maya antiga.

Palavras-chave: arte Maya; pintura mural; arqueologia; Mesoamérica.

ABSTRACT

PAZ LÓPEZ, Herbert Roberto De. *A study of Maya Mural Painting: The legacy of women archaeologists and artists*. 2024. 109 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

In the ancient Maya civilization, mural painting was one of the most important art forms and still exists today. They are scattered throughout the archaeological sites of the Maya territory in Mesoamerica and stand out for their remarkable artistic quality, their historical and religious content and their role in supporting the oral tradition of the region. To date, the oldest known are those of San Bartolo, located in Guatemala. The development of this practice peaked between the 2nd and 9th centuries AD. Throughout recent history, some have been found in the architectural complexes of Maya territory such as Chichén Itzá, Bonampak, Calakmul, Uaxactun, Xelhá, and others. As well as existing since pre-Hispanic times, they were also made during the times of Spanish colonization. These plastic expressions were present in various contexts, including temples, residences, palaces and tombs. During the Post-Classical Period (1000-1542 AD) Maya Mural Painting was still carried out, but formally simpler and less elaborate than the paintings made earlier in the Classical Period (300-900 AD). Broadly speaking, this expression depicts a series of themes including scenes from the daily life of the nobles, mythology, important events, commemorative dates and religious events. It played an important role in society to educate, entertain and transmit customs; through this practice, we can better understand the cosmogony and daily life of the ancient Maya. In recent decades, important contributions to Maya Art have been made by women archaeologists, artists and historians who have created a repertoire that serves as a basis for understanding the visual history of ancient Maya culture.

Keywords: Maya art; mural painting; archeology; Mesoamerica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Reprodução dos murais de Chichén Itzá por Breton, aquarela, México, 1909.....	24
Figura 2 –	Desenho da reconstrução da Estrutura I em Xpuhil feito por Tatiana ao grafite México 1940.....	26
Figura 3 –	Fotografia da fachada da Estrutura I em Xpuhil, México, 2000.....	26
Figura 4 –	Vaso Maya no estilo Códice, 13 x 10 cm. Desenhos de personagens são misturados com hieróglifos na composição.....	30
Figuras 5 6 7 –	(a) Fotografia da estela H. Waxaklajuun Ub'aah K'awiil vestido como o Deus do Milho, Copán, Honduras 2000. (b) Ilustração de Catherwood 1839. (c) Desenho de Linda Schele, 1980.....	32
Figura 8 –	Fachada de estrutura arquitetônica como representação antropomorfa no sítio arqueológico de Uxmal em Yucatán, México.....	36
Figura 9 –	Pintura Mural de Tikal, Guatemala. (c. 50 a.C.).....	41
Figura 10 –	Registro dos Murais de Río Azul, Guatemala. (c. 50 a.C.)...	42
Figura 11 –	Mural dos Jogadores de Bola na estrutura Sub-39 no sítio arqueológico de Tikal (370 d. C.).....	42
Figura 12	Pintura 2 na Caverna de Joljá, Chiapas, México. (c. 297 d.C.).....	43
Figura 13 e 14 –	(a) Mural 3 de La Sufricaya na estrutura 1. (b) Sequência de datas em hieróglifos (nomeando o visitante Teotihuacano Sihyah K'ahk', Rã Fumaça) do mural 6 (foto: Brianna Rego, 2005 (379 d.C.).....	44

Figura 15 –	Murais do sítio arqueológico de Xelhá na estrutura 86 (c. 400 – 600 d.C.).....	45
Figura 16 –	Murais do sítio arqueológico de Uaxactún na estrutura B-XIII na Guatemala (c. 450–550 d.C.). Dibujo de Arturo Reséndi.....	46
Figura 17 –	Reprodução dos Murais de Mulchic. “Os enforcados”. Zona Arqueológica de Yucatán (c. 600–800 d.C.).....	47
Figura 18 e 19 –	(a) Fragmento dos murais de Xuelén. (b) Fragmento de tampa de cofre de Dzibilnocac em Campeche, México.....	47
Figura 20 –	Murais de Xultún na Guatemala (c. 800 d.C.).....	48
Figura 21 –	Murais de Chiik Nahb na estrutura Sub 1-4 (620–720 d.C.).....	49
Figura 22 –	Mural do sítio arqueológico Las Higueras na estrutura Edifício 1 (c. 600–900 d.C.).....	50
Figura 23 e 24 –	(a) Murais de Ek’Balam na Sala 42 da acrópole. (b) Fragmento do mural de Ek’Balam encontrado em 2023 em Yucatán. (c. 600–900 d.C.).....	51
Figura 25	Mural do Templo de los Guerreros de Chichén Itzá. Reprodução de Adela Breton.....	53
Figura 26 e 27–	(a) Lintel 1 da pintura mural de Playa del Carmen (c. 1200–1520). (b) Dibujo de Christian Pager, 2004.....	54
Figura 28 –	Murais de Mayapan na Estrutura Q161. Yucatán (c. 1350–1400 d.C.).....	54
Figura 29 –	Fragmento de pintura mural de Xcaret. Quintana Roo (circa 1200 – 1400 d.C.).....	55
Figura 30 –	Murais de Tancáh, Quintana Roo. Mural na Estrutura 44. Rep. Templo de los Frescos, Estrutura 16 Tulum.....	55
Figura 31 –	Figura 31. Estrutura 16 Tulum. Reprodução de Dávalos. (c. 900–1200 d.C.).....	56

Figura 32 – Reprodução do mural do Templo del Dios Descendente, Estrutura 5, Tulum (circa 1200–1400 d.C.).....	57
Figura 33 – Reprodução do mural Rancho Ina, Quintana Roo, Estrutura P-I, Quintana Roo (c. 1300–1450 d.C.).....	57
Figura 34 – Rep. do Santa Rita Corozal no Belize (c. 900–1200 d.C.).....	58
Figura 35 – Lucas Asicona e sua família frente aos murais encontrados na sua casa em Chajul, Guatemala.....	59
Figura 36 – Mural Maya cristão Monasterio de Santa Clara em Dzidzantún, Yucatán.....	60
Figura 37 – Reprodução do Mural da Segunda Sala do Sitio Bonampak a partir das aquarelas de Heather Hurst, 2001.....	64
Figura 38 – Detalhe dos Murais de Bonampak: Sala 1 muro este, Procissão de Músicos. De Agostini Picture Library.....	66
Figura 39 – Murais de Bonampak, Chiapas (México). Detalhe mostrando uma cena de celebração entre os nobres.....	67
Figura 40 – Rina Lazo e sua reprodução dos Murais de Bonampak. Archivo Histórico del Museo Nacional de Antropología.....	69
Figura 41 – Estado original do Mural Oeste da Estrutura SUB-1A.....	71
Figura 42 – Interior da Estrutura SUB-1A, Heather Hurst, 2008.....	74
Figura 43 – Repro. do Mural Oeste da Estrutura SUB-1A, parte 1 de 3, Heather Hurst.....	75
Figura 44 – Repro. do Mural Oeste da Estrutura SUB-1A, parte 2 de 3.....	75
Figura 45 – Repro. do Mural Oeste da Estrutura SUB-1A, parte 3 de 3.....	75
Figura 46 – Detalhe da parte central do Mural Oeste, Aquarela original de Heather Hurst.....	78

Figura 47 –	Repro. do Mural Norte da Estrutura SUB-1A, Heather Hurst.....	79
Figura 48 –	Exposição 7.000 <i>Maya Fragments</i> : Maya murals from San Bartolo, visita guiada na Tang Gallery, New York, 2018.....	81
Figura 49 –	Visita de estudantes no Museo Popol Vuh na Universidade Francisco Marroquín, Guatemala, 2024.....	82

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	IDENTIFICANDO ASPECTOS DA ARTE MAYA	17
1.1	Herbert Spinden, pioneiro no estudo da Arte Maya	19
1.2	O trabalho artístico das arqueólogas Adela Breton, Tatiana Proskouriakoff, Linda Schele: suas contribuições para o entendimento das formas de representação dos Mayas	22
1.2.1	<u>As aquarelas dos Murais de Chichén Itzá de Adela Breton</u>	23
1.2.2	<u>Interpretação da escrita na Arte Maya no trabalho de Tatiana Proskouriakoff</u>	24
1.2.3	<u>Inserção dos Mayas antigos na cultura visual e literária dos Estados Unidos. O trabalho de Linda Schele</u>	29
1.3	Entre mulheres arqueólogas e historiadoras: A arqueóloga mexicana Adriana Velázquez Morlet	32
2	IDENTIFICANDO A PINTURA MURAL MAYA	38
2.1	O Estudo da Pintura Mural Maya no século XX e XXI	38
2.2	Aspectos históricos e religiosos nos Murais de Bonampak no estado mexicano de Chiapas (791 d.C.)	61
3	OS MURAI DE SAN BARTOLO E O LEGADO DE MULHERES ARTISTAS E ARQUEÓLOGAS	70
3.1	Reconstrução de um imaginário milenar através do trabalho artístico da arqueóloga Heather Hurst e sua contribuição para compreensão da cosmovisão maya representada nos Murais de San Bartolo no Petén, Guatemala (100 a.C.)	70
3.2	O legado de mulheres arqueólogas, artistas e historiadoras da Arte Maya	82
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89

REFERÊNCIAS	92
ANEXO – Imagens de apoio	104

INTRODUÇÃO

Atualmente, as manifestações artísticas dos antigos Mayas¹ fazem parte de um restrito circuito acadêmico, que promove a circulação de informação no campo da arqueologia, afirmando, assim, as relações de poder que existem entre os países que promovem estas pesquisas de campo e os territórios que sofreram perdas culturais significativas devido ao passar do tempo a falta de preservação de saberes antigos e os apagamentos resultantes da violência da colonização, que hoje são perpetuados no descaso dos Estados Nação e na falta de recursos destinados a manter a preservação de bens patrimoniais. Esta realidade me levou a refletir sobre a ausência de conhecimento. Eles deveriam explicar a importância das manifestações e dos bens materiais dos povos originários do continente americano. Especialmente no contexto geográfico em que estão inseridos. Tenho interesse especial pelo tema porque sou de El Salvador e os assuntos que dizem respeito à arqueologia sempre me instigaram; já no ensino médio eu manifestava esta inclinação pelo tópico e o apresentava em redações. Ingressei no Programa de Pós-Graduação em História da Arte (PPGHA) da UERJ com o objetivo de aperfeiçoar minha capacidade de produção teórica e obter as ferramentas para expressar meu interesse em criações artísticas e contribuir com a minha produção. A pesquisa apresentada neste documento de dissertação é das poucas no contexto brasileiro ao abordar o tema da Arte Maya, porém, para elaborar sobre o assunto, foi necessária a junção de diversos conteúdos bibliográficos em três idiomas: espanhol, inglês e português, fato que gerou algumas dificuldades pelo cuidado especial ao lidar com traduções. Dessa maneira, este trabalho apoia-se em uma literatura híbrida composta por artigos científicos, textos de história da arte, teses, dissertações, matérias de jornais e revistas. Este estudo da Arte Maya será feito considerando as contribuições teóricas dos autores Herbert Spinden (1913), Linda Schele (1986) e Heather Hurst (2004), William Saturno (2005), Alejandra Martínez de

¹ A escolha da grafia Maya ao invés de Maia, corretamente do português, busca valorizar a identidade cultural etimológica de origem Mesoamericana (território ocupado pelo México, Guatemala, Parte de Honduras, El Salvador e Belize) em respeito a autodeterminação desses povos e citando a Convenção para a grafia de nomes indígenas assinada durante a 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, em 1953. ANTONELLI, P. H. L. 2018 p.15. São atribuídos vários significados a esta palavra, um deles é "Antepassado". No período Pós-clássico tardio e colonial, a elite de Yucatán utilizou aparentemente o termo "Maya" para reivindicar a supremacia de sua descendência de Mayapán. W. VOSS, A. 2002. p. 13.

Velazco (2011), Beatriz De La Fuente (2001), Loredana Ribeiro (2017), Mary Miller (2013), Whitney Chadwick (2019), Diana Taylor (2013), Leticia Staines e Sonia Lombardo (2004) e outros. Periodizações encontradas na bibliografia com frequência divergem entre elas, para padronizar esta informação recorri à que é proposta por Ana Luisa Izquierdo de la Cueva. Os métodos utilizados por essas autoras podem ajudar a traçar linhas paralelas dos casos e no que diz respeito ao valor cultural, estético, artístico e científico das Pinturas Murais Mayas e à contribuição de mulheres arqueólogas, artistas e historiadoras.

Nesta pesquisa, usamos os métodos iconográfico e comparativo. O primeiro interpreta imagens enquanto o segundo investiga similaridades e diferenças na leitura de imagens e outras manifestações artísticas. Dessa forma, pretendemos contribuir para o avanço do debate sobre a importância da investigação antropológica que criam pontos de intersecção na História da Arte e nos estudos antropológicos. Cabe expressar, portanto, que as principais contribuições na intersecção da História da Arte e da Arqueologia foram realizadas por mulheres arqueólogas e artistas dos Estados Unidos, apesar da falta de outros nomes de pesquisadoras protagonistas originárias dos territórios estudados. Podemos afirmar que no campo da Historiografia da Pintura Mural Maya as instituições mexicanas como a Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) têm assumido o protagonismo. O objetivo principal deste trabalho é aprofundar na produção acadêmica sobre a Arte Maya, especificamente a Pintura Mural, em um circuito acadêmico restrito e histórico com um viés interdisciplinar que contempla a Arqueologia, a História da Arte e a Antropologia. Com essa abordagem chegaremos a conclusões que, a princípio, não poderiam ser consideradas isoladamente. O primeiro capítulo desta dissertação contextualiza o surgimento do conceito de Arte Maya e explica o lastro histórico da disciplina na academia norte-americana, expondo as contribuições de Herbert Spinden, Adela Breton, Tatiana Proskouriakoff, Linda Schele e da mexicana Adriana Velázquez Morlet. O segundo capítulo discorre sobre o conceito de Pintura Mural Maya e apresenta um compilado de registros desta manifestação e o estudo descritivo feito por Leticia Staines Cicero, dando ênfase às investigações sobre os Murais de Bonampak, que foram estudados por Mary Miller e Beatriz De La Fuente. No terceiro, apresenta-se uma avaliação detalhada dos Murais de San Bartolo e o legado de arqueólogas, artistas e

historiadoras, no qual é apresentada a hipótese de que existem poucas mulheres nessa área ou não existem nenhuma de origem Maya à frente destas pesquisas.

Permanecem, assim, os desafios na sociedade contemporânea para existirem mais mulheres cientistas originárias destes países, indígenas, ladinas, e mestiças responsáveis pela liderança em projetos arqueológicos. Instituições acadêmicas de elite possuem recursos para investigações arqueológicas. Elas baseiam suas interpretações em estudos de campo junto a populações locais e organizações governamentais de pesquisa e preservação. Espera-se que o estudo da Arte Maya e a circulação das imagens destes projetos possam servir para fomentar o respeito pelas culturas indígenas da Mesoamérica e fomentar a reparação histórica que busca reconstruir fragmentos do passado que existem, mesmo após séculos do tempo em que foram feitas. A Pintura Mural Maya evidencia tendências e padrões em suas manifestações que, a maior parte do tempo, usa um repertório mítico em suas narrativas e serviu como complemento às tradições orais locais. Diante da existência de relações de poder desiguais entre os países do norte e do sul global no contexto da academia, busco entender como os Murais de San Bartolo e Bonampark são transportados para essas instituições por meio de exposições de arte em circuitos acadêmicos realizadas pela arqueóloga-artista Heather Hurst. Por isso, este texto se propõe a descrever os fatos históricos que contribuem para que o tema possa ser estudado. Me interessa, também, comentar sobre a noção de “descoberta” por parte de equipes de arqueólogos dos Estados Unidos, considerando que tais descobertas se desdobram sobre manifestações criadas pela mão do homem. Essa produção pode nos ajudar a compreender as dinâmicas da memória, seus usos e o seu resgate no mundo contemporâneo. Tal procedimento historiográfico se faz necessário para que, enfim, possamos apreciar e compreender a visão de uma sociedade antiga, que foi historicamente relegada, para dar lugar à reconstrução desses saberes ancestrais da região Mesoamericana adotados nesta pesquisa para investigação e inserção na História da Arte produzida na academia brasileira.

1 IDENTIFICANDO ASPECTOS DA ARTE MAYA

Entendemos que a Arte Maya se expressa no material de estruturas arquitetônicas, esculturas de pedra, peças talhadas em madeira, modelados de estuque, pinturas murais, cerâmica, códices, pedras preciosas, tecelagens e decoração corporal. O estudo desta disciplina possibilita estabelecer pontos de comunicação na cultura visual, principalmente, no que diz respeito à compreensão de saberes culturais, acontecimentos, cosmovisão, e formas de sociedade.

Portanto, podemos traçar uma linha historiográfica que começa com as publicações dos desenhos e fotografias de sítios arqueológicos do Período Clássico (300–900 d.C.) dos exploradores Stephens, Catherwood, Maudslay, Maler e Charnay, no final do século XIX e no início do século XX. Em 1913, Herbert Spinden (1879–1967) publica o livro ***Um estudo da Arte Maya***², sendo a primeira vez em que o termo Arte Maya aparece em uma publicação. Este texto foi a base dos estudos da iconografia e da Arte Maya. Ele apresenta a análise dos temas e dos motivos presentes nas expressões artísticas, da figura humana à zoomorfia³, das composições de fachadas em estruturas arquitetônicas e monumentais, painéis, máscaras e templos. Décadas depois, em 1950, as pesquisas cronológicas da Arte Maya seriam atualizadas por Tatiana Proskouriakoff (1909–1985) no livro ***Um Estudo da Escultura Clássica Maya***⁴. A historiografia dos Reinos Mayas, principalmente a de Palenque, tomou a centralidade nas investigações pelas contribuições de Linda Schele (1942–1998) a partir da década de 1970. A interpretação histórico-artística de Linda Schele foi fundamentada nas pesquisas de Proskouriakoff e ambas foram amplificadas nos cursos ministrados como professora durante seus anos na Universidade do Texas e em seus dois livros ***O Sangue dos Reis: Dinastia e Rituais na Arte Maya***⁵, impresso em 1986 e ***A Floresta dos Reis: a História não contada dos antigos Mayas***⁶, publicado em 1990, que descrevem os modos de viver da sociedade e sua relação com as expressões artísticas e religiosas.

² Tradução do autor para: *A Study of Maya Art*.

³ SPINDEN, H.; 1913. p. 39.

⁴ Tradução do autor para: *A Study of Classic Maya Sculpture*.

⁵ Tradução do autor para: *The Blood of Kings: Dynasty and Ritual in Maya Art*.

⁶ Tradução do autor para: *A Forest of Kings: The Untold Story of the Ancient Maya*.

Nos anos seguintes, novos estudos emergiram devido às escavações arqueológicas das últimas décadas do século XX. Isso criou um repertório imagético mais abrangente e superou o patrimônio dos vestígios da cultura grega antiga. Investigações das pinturas murais ganharam certa relevância pelo seu relativo bom estado de conservação e muitas delas permaneceram intactas até os dias atuais como resultado da forma em que os Mayas construía esses recintos que, geralmente, eram assentamentos dos nobres. As pinturas adotam uma linguagem visual com motivos decorativos que se repetem, tais como flores e animais entre cenas da vida cotidiana, rituais que incluem representações de deidades como vemos nos de Bonampak e San Bartolo, cidades localizadas no México e na Guatemala, respectivamente. Os painéis de Bonampak, originários de 791 d.C, estão esculpidos nas paredes de um complexo arquitetônico de três residências que exibem cenas de nobres indo para a batalha e realizando um sacrifício humano; além disso, os músicos da corte também são representados, aparentando estar em uma cerimônia religiosa. Os murais de San Bartolo, que datam de entre 100 e 200 a.C., contam uma versão do mito do deus Maya do milho e das colheitas, associado a Hun Hunapúh, pai de Hunahpú e Xbalanqué, os gêmeos protagonistas da história principal do Popol Vuh, literatura sagrada, considerada o Gênesis dos Mayas. Os de Bonampak e San Bartolo são os objetos da maior investigação na História da Arte Maya e ambos foram estudados e reproduzidos pela arqueóloga-artista Heather Hurst.

As contribuições feitas por arqueólogas-artistas citadas neste texto (Adela Breton, Tatiana Proskouriakoff, Linda Schele, Rina Lazo, Mary Miller, Heather Hurst) são exemplos de como essas mulheres tiveram o protagonismo intelectual no processo de produção de conhecimento referente ao entendimento da cultura visual Maya no século passado e na contemporaneidade, especificamente, nas pesquisas da História da Arte Maya. Nesse contexto, refletir sobre o protagonismo feminino na investigação dos códigos da Arte Maya se faz necessário para reconhecermos o valor dessas pesquisadoras e suas formas de produzir conhecimento em um meio que foi predominantemente composto por intelectuais homens durante muito tempo. Existem, também, historiadoras e arqueólogas mexicanas responsáveis pelo estudo comparativo da pintura mural maya em Mesoamérica, elas são Beatriz De La Fuente que publicou *Reseña de "De Bonampak al Templo Mayor: el azul maya en Mesoamérica"* (1994) ela desenvolveu o projeto *La Pintura Mural Pre-Hispánica* na

Universidad Autónoma do México (UNAM) coordenado por Leticia Staines Cicero que organizou a publicação ***La Pintura Mural Pre-Hispánica***, na qual contém o texto de Sonia Lombardo ***Los Estilos de la Pintura Mural Maya*** (2001). Leticia Staines publicou um estudo comparativo chamado *La Pintura Mural Maya* (2004) e nele, ela apresenta um compilado das pinturas murais estudadas até a data da publicação

1.1 Herbert Spinden, pioneiro no estudo da Arte Maya

Os primeiros registros e escritos sobre Arte Maya tiveram seu início no final do século XIX com as contribuições dos acadêmicos William Henry Holmes (1846–1933), no seu livro *Entre as cidades antigas do México*⁷ publicado em 1897, e George Byron Gordon (1870–1927), no seu livro *O tema da serpente nas antigas civilizações da América Central e do México*⁸ publicado anos depois, em 1905. Essas publicações mencionavam alguns aspectos formais da representação artística de relevos e artefatos dos antigos Mayas e sua cosmovisão, mas estavam longe de serem estudos aprofundados no tema. O primeiro especialista em focar suas pesquisas na iconografia da Arte Maya foi Herbert Spinden (1879–1967) no seu livro ***A Study of Maya Art***, publicado em 1913 e desenvolvido a partir de 1906 no *Peabody Museum*, quando era estudante na Divisão de Antropologia da Universidade de Harvard; pesquisa que lhe conferiu o título de Doutor em Filosofia.

O livro é um estudo pioneiro neste complexo tema e constatou que a Arte Maya antiga está intrinsecamente relacionada à religião; Herbert Spinden compara o assunto à arte medieval europeia que é muito religiosa e que, pelos processos coloniais europeus no nosso continente, podemos decifrar os códigos inscritos nela muito mais do que poderíamos fazê-lo com qualquer manifestação de arte pré-hispânica⁹. Portanto, a arte flamenca medieval também apresenta temas religiosos e se vale de paisagens, cenas de interior e da arquitetura; tanto na pintura italiana quanto na pintura flamenca identificamos incidentes presentes na religião católica

⁷ Tradução do autor para: *Among the Ancient Cities of Mexico*.

⁸ Tradução do autor para: *The Serpent Motif in the Ancient Art of Central America and Mexico*.

⁹ SPINDEN, H.; 1913. p. 181.

como a Anunciação, a Natividade, a Última Ceia e assim por diante. As pesquisas de Herbert Spinden foram realizadas em Honduras, Guatemala, Yucatán e outras partes do México. Para a época da publicação do livro de Herbert Spinden, já se falava sobre murais mayas de Chichén Itzá (1889), porém, os de Bonampak (1946) e San Bartolo (2001) não haviam sido “descobertos” e estudados. Herbert Spinden afirmou logo cedo que a Arte Maya tem correspondências memoráveis entre as datas de acontecimentos relevantes em diversos períodos e as representações de significado religioso¹⁰.

A partir da década de 1940 surgem as investigações de George Kubler¹¹ como um novo historiador da arte especializado em Arte Maya. Mesmo sendo pioneiro no assunto, Herbert Spinden não chegou a aprofundar os murais mayas, porém George Kubler sim e o retomaremos mais a frente. Assim, é importante refletir sobre o significado ocidental do que entendemos por arte com base nas ideias de Alfred Gell¹². Ele reflete sobre o conceito de arte e explica que os objetos produzidos são componentes eficazes de uma tecnologia do encanto que instiga à fascinação; as expressões artísticas Mayas são, além de elementos cotidianos, cerimoniais ou decorativos, imagens e objetos que carregam significados produzidos pelo gênio criador humano e que não deveria haver uma distinção entre meros itens “funcionais” e obras de arte “significativas”¹³. Esta subjetividade é contemplada a partir deste artefato milenar que hoje em dia faz parte do patrimônio da humanidade. É importante mencionar que no final do século XV, quando os europeus chegaram às Américas, a civilização Maya encontrava-se em estado de pós-colapso e não estava assentada em grandes centros urbanos, isto é, os principais reinos não existiam mais e eles se depararam com grupos diversos de descendentes dos Mayas antigos que foram responsáveis pelas construções dos grandes centros urbanos. Segundo Herbert Spinden¹⁴, a primeira vez que um texto da época colonial faz menção à representação artística da cultura Maya se deu no livro ***A verdadeira História da Conquista da Nova Espanha***¹⁵, de Bernal Díaz Del Castillo, acompanhante de Hernán Cortés,

¹⁰ SPINDEN, H; 1913. p. 15.

¹¹ George Kubler (1912–1996) foi um historiador da arte norte-americano estudioso da arte pré-hispânica.

¹² MENEZES H.; HUPSEL R.; 2015. p. 1.

¹³ GELL, A.; 2001. p. 189.

¹⁴ SPINDEN, H. 1913. p. 3.

¹⁵ Tradução do autor para: La Verdadera Historia de la Conquista de la Nueva España.

concluído em 1568. No terceiro capítulo ele descreve os primeiros contatos com os Mayas da costa mexicana enquanto vinham de Cuba. Del Castillo descreve essa passagem da seguinte maneira:

E nos levaram a umas casas muito grandes, que eram para adorar seus ídolos, bem construídas de cal e pedras, e tinham figurado nelas vultos de serpentes e cobras grandes, e outras pinturas de ídolos de figuras más, e ao redor de um altar, todo respingado de sangue. Em outra parte, dois ídolos tinham uns como a maneira de sinais de cruces, e tudo pintando, do qual nos admiramos por ser uma coisa nunca antes vista nem ouvida.¹⁶

A descrição de Díaz Del Castillo menciona haver figuras talhadas tanto quanto pintadas nas paredes. A perspectiva de um soldado europeu do século XVI se referindo à arquitetura e às expressões artísticas dos Mayas foi o marco para o estudo aprofundado das relações coloniais entre estrangeiros e nativos nos séculos seguintes; a plástica mesoamericana foi valorizada de várias formas mesmo sendo considerada associada ao diabo, o que com frequência levou a sua destruição, porém, logo depois estas manifestações artísticas chamaram a atenção dos europeus que não estavam acostumados ao estilo que passou a ser tido como exótico por isso, muitos artefatos foram enviados para o Rei Carlos V da Espanha como presentes de curiosidades das Índias; décadas mais tarde estes objetos foram parar em coleções particulares¹⁷, o que pode justificar o aparecimentos dos códices mayas e outras peças em cidades europeias. Herbert Spinden foi a principal referência para os estudos sobre a colonização da Nova Espanha, México-Tenochtitlan por muito tempo e foi curador do *Instituto Americano de Arte Indígena e Culturas Primitivas*¹⁸ no *Brooklyn Museum of Art* e responsável por montar uma coleção de artefatos milenares entre 1939 e 1940. Sua premissa era contribuir com a formação do pensamento e da identidade pan-americana da época, isso influenciou, por um lado, a criação de acervos de objetos pré-hispânicos, e por outro, a circulação e venda ilegal dos mesmos.

¹⁶ Tradução do autor para: Y llevarónnos a unas casas muy grandes, que eran adoratorios de sus ídolos y bien labradas de cal y canto, y tenían figurado en unas paredes muchos bultos de serpientes y culebras grandes, y otras pinturas de ídolos de malas figuras, y alrededor de uno como altar, lleno de gotas de sangre. En otra parte de los ídolos tenían unos como a manera de señales de cruces, y todo pintado, de lo cual nos admiramos como cosa nunca vista ni oída. DEL CASTILLO, B. 1938. p. 58.

¹⁷ SAVKIC, S.; 2011. p. 39.

¹⁸ Tradução do autor para: *American Institute of American Indian Art and Primitive Cultures*.

1.2 O trabalho artístico das arqueólogas Adela Breton, Tatiana Proskouriakoff, Linda Schele: suas contribuições para o entendimento das formas de representação dos Mayas

A história da origem do ser humano e sua relação com o mundo contada pelos antigos Mayas aparece pela primeira vez escrita no Novo Mundo no *Popol Vuh* (ou Pop Vuj, cujo significado na língua Maya-Quiché é Livro da Comunidade) em meados do século XVI por um indígena conhecedor da língua espanhola, batizado como Diego Reynoso, que teria feito uma versão do livro sagrado, por ordem do Frei Franciscano Diego de Landa, escrita em caracteres latinos, porém, usando a fonética local para descrever os relatos sobre a origem do mundo. Suspeita-se que esta versão tenha sido influenciada por crenças cristãs e manipulada por sacerdotes católicos para facilitar a catequização. Apesar disso, prevalece o teor mitológico que relata o início da humanidade e sua relação com o divino, baseado na criação dos humanos a partir do milho¹⁹. Estes acontecimentos também aparecem representados no Códice de Dresden (1121–1214 d.C.), um dos poucos manuscritos milenares que não foi destruído e que tem como finalidade a contagem dos dias, dos meses e dos anos.

É importante ressaltar que devido às atrocidades feitas no *Auto de Fé de Maní*²⁰ promovidos pelo Fray Diego de Landa (1524–1579), nas Terras Baixas²¹ e pela imposição dos espanhóis no território, são poucos os registros da cultura Maya antiga que não foram destruídos pela demonização por parte da conquista católica e da colonização. Devido a isso existiram muitas dificuldades para entender aspectos da cosmovisão desta cultura durante muito tempo. Ao longo do último século, importantes pesquisas foram realizadas por arqueólogas estadunidenses no que diz respeito à decodificação de glifos e ao entendimento dos sistemas de escrita e seus símbolos. Os nomes das mulheres mais relevantes nesse campo são Linda Schele na área de escrita e a russa Tatiana Proskouriakoff na linguística e decodificação dos glifos. Ao

¹⁹ BETANCOR, M.; 2014. p. 82-83.

²⁰ LIMA, W. B. B.; 2009. p. 42.

²¹ Na pesquisa arqueológica e antropológica, a grande área Maya que compreende a extremidade ocidental de Honduras, a parte noroeste de El Salvador, Guatemala, Belize e, no México, a Península de Yucatán, Tabasco e a metade oriental de Chiapas, é geralmente subdividida em duas regiões: Terras Altas e Terras Baixas.

longo dos últimos séculos, a arqueologia e a história da arte têm feito pontos de contato quando se trata de descobertas de artefatos e manifestações socioculturais de cunho religioso, a maioria representada através da pintura mural. São três as principais pinturas murais da civilização Maya que, pelo seu relativo estado de conservação e por meio de métodos de pesquisa científica, servem como bases fiéis para compreender a história desse povo: os Murais de Chichén Itzá (Figuras 1 e 25), que foram estudados a partir de 1889, e uma parte deles reproduzida em 1907 por Adela Breton, os Murais de Bonampak, investigados a partir de 1946 e os Murais de San Bartolo, estudados a partir de 2001 e reproduzidos por Heather Hurst.

Os dois primeiros no território do atual México e o terceiro na Guatemala, e é a partir do estudo e relevância destas manifestações artísticas que surge a inserção destes temas na disciplina da história da arte; este texto busca ser mais uma contribuição para a historiografia, partindo do pressuposto de que há um número crescente de artistas envolvidos nas pesquisas arqueológicas e que sua função é a de reconstruir imagens do passado e seus significados.

1.2.1 As aquarelas dos Murais de Chichén Itzá de Adela Breton

Adela Breton (1849–1923) foi uma artista e arqueóloga britânica mais conhecida pela sua documentação de estruturas arquitetônicas e artefatos pré-hispânicos através de suas detalhadas pinturas em aquarela. No final do século XIX e início do século XX, Breton viajou várias vezes para o México, onde explorou sítios mais antigos como Teotihuacán²², Palenque e o Templo dos Jaguares em Chichén Itzá (Figura 1). Ela criou imagens muito bem detalhadas dos centros urbanos, muitas das quais arriscavam perder-se ou se destruírem devido aos ambientes exteriores e às várias viagens que ela realizava. As pinturas de Breton não eram somente obras de arte, também serviam como importantes registros arqueológicos das estruturas e

²² Foi um centro urbano na Mesoamérica pré-hispânica, 48 quilômetros a nordeste da atual Cidade do México, que abriga muitas das pirâmides mesoamericanas mais significativas construídas na América pré-hispânica.

artefatos que encontrou. Essas ilustrações forneceram informações valiosas sobre a arquitetura, arte e cultura das antigas civilizações do México. O legado de Breton continua a ser reconhecido e celebrado hoje em dia. Suas aquarelas fazem parte das coleções de vários museus importantes, incluindo o Museu Britânico, o Museu Nacional de Antropologia na Cidade do México e o *Peabody Museum* em Harvard.

Figura 1 - Reprodução dos murais de Chichén Itzá por Breton, aquarela, México, 1909



Fonte: Disponível em: <https://www.lajornadamaya.mx/yucatan/25255/adela-breton-testimonios-pictoricos-en-chichen-itza>. Acesso em: 3 set. 2022.

Seu trabalho também inspirou artistas e arqueólogas contemporâneas, que continuam a explorar e a documentar sítios antigos utilizando métodos artísticos e científicos. O estilo gráfico da artista foi influenciado pelo Realismo Britânico e pelas ilustrações científicas com as quais havia aprendido as técnicas de representação apresentando, assim, características como a precisão do traço, o cuidado com o realismo, e a sensibilidade estética quando se trata das cores. A sua evolução plástica foi notória ao longo da sua carreira que se adaptou ao estilo da iconografia mesoamericana.

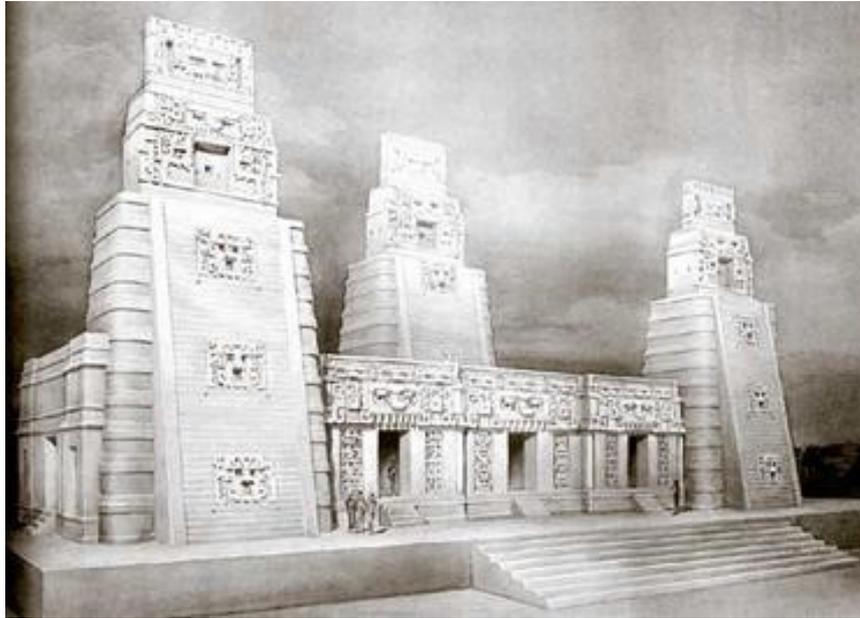
1.2.2 Interpretação da escrita na Arte Maya: O trabalho de Tatiana Proskouriakoff

Tatiana Proskouriakoff (1909–1985, também conhecida como Tania) foi uma intelectual, artista e arquiteta que dedicou sua vida a estudar as inscrições nos monumentos mayas e a interpretar a forma da epigrafia antiga. Suas contribuições permitiram aos arqueólogos a entender as configurações da história política desses povos. Filha primogênita de uma família russa, ela e sua família chegaram aos Estados Unidos em 1916; formou-se em Arquitetura em 1930 pelo *Pennsylvania State College*, em um curso predominantemente composto por homens. Seu primeiro emprego no Museu Universitário da Pennsylvania era usar suas habilidades para as artes gráficas solicitadas por um dos curadores da instituição. Em 1936, o diretor de pesquisas do museu, Linton Satterhwaite²³, convida Tatiana para fazer parte de uma expedição no sítio arqueológico de *Piedras Negras* na Guatemala; Tatiana era a única mulher da expedição. O seu trabalho se destacou bastante pelo uso da imaginação nas suas obras de reconstruções das estruturas nos sítios arqueológicos, isto é, ela imaginava os fragmentos arquitetônicos faltantes nas estruturas e os desenhava. Para o antropólogo Tim Ingold, o desenho é uma ferramenta imprescindível para os estudos antropológicos, com ele podemos entender a cotidianidade dos grupos humanos estudados e algumas das suas complexidades. Usando a ideia de linhas para representar formas de vida na sociedade, o desenho não busca perfeição, mas sim traços que mostram processos inacabados²⁴; A prática artística da arqueóloga pode ser vista como uma fusão de antropologia e arqueologia, resultando em um entendimento aprofundado dos costumes dos antigos Mayas.

²³ Linton Satterhwaite (1897–1978) foi um um arqueólogo mayista e epigrafista norte-americano.

²⁴ DA SILVA, J. C.; 2022. p. 1.

Figura 2 - Desenho da reconstrução da Estrutura I em Xpuhil feito por Tatiana ao grafite México, 1940.



Fonte: Disponível em: <https://www.archaeological.org/archaeologists-you-should-know-proskouriakoff/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

Figura 3 - Fotografia da fachada da Estrutura I em Xpuhil, México, 2000.



Fonte: Disponível em: <https://www.archaeological.org/archaeologists-you-should-know-proskouriakoff/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

Tatiana abriu uma janela conceitual para a rica iconografia e simbolismos. Ela capturou a essência dos relevos esculpidos nos monumentos, revelando cenas mitológicas, divindades, rituais e a vida diária; destacou a riqueza ornamental deles, incluindo formas geométricas intrincadas, figuras humanas e animais estilizados. A atenção aos detalhes permitiu aos estudiosos examinar com mais precisão a

iconografia, aprofundando a compreensão da cosmovisão e das crenças desse povo antigo. Seus desenhos não apenas são arquitetônicos, mas também são úteis para a interpretação da história e da cultura deste sítio situado em Campeche (Figura 2), no México. Ao captar a narrativa visual dos relevos, ela forneceu dados relevantes sobre a organização social, as relações de poder e os rituais praticados nessa antiga cidade maya. Xpuhil é um magnífico sítio arqueológico a aproximadamente 300 quilômetros ao sudeste da cidade que tem o mesmo nome. O nome “Xpuhil” é derivado da língua maya de Yucatán e significa "local da cauda de gato", possivelmente, em referência a uma planta herbácea local com esse nome. A cidade cresceu durante o Período Clássico (300–900 d.C.) e abriga por volta de 24 assentamentos que se estendem por uma faixa de aproximadamente 6 quilômetros de leste a oeste e 2 quilômetros de norte a sul.

Em 1939, foi convidada para trabalhar no sítio de Copán em Honduras, e na sequência no sítio arqueológico de Chichén Itzá no México em 1940²⁵. As reconstruções dos edifícios sugeridas por Tatiana feitas na técnica do grafite eram tão precisas que elas são a base dos estudos em arquitetura e arqueologia até os dias de hoje, sua habilidade para imaginar e reconstruir nos desenhos aquelas estruturas era muito particular e acertada. Dentre suas maiores contribuições para entender melhor os Mayas, Tatiana foi a primeira intelectual a propor que as inscrições nos monumentos não constituíam apenas datas do calendário e eventos astronômicos, mas também registros de eventos cotidianos dos personagens históricos locais, nobres, religiosos, guerreiros e figuras políticas²⁶. Em 1960, publica o artigo ***“Implicações Históricas do Padrão das Datas em Piedras Negras, Guatemala”***²⁷, que foi muito importante para entender melhor o sistema de escrita maya gravado nas *estelas*²⁸ e monumentos, cujas investigações estavam sem significativas novas descobertas algumas décadas antes disso. Apesar de sua educação formal ter sido em arquitetura, Tatiana Proskouriakoff dedicou sua vida a contribuir com o entendimento da escrita representada nas cidades dos Mayas; ela é considerada uma das pioneiras dos estudos de arqueologia maya e é a primeira mulher a liderar as

²⁵ SALOMON, C.; 2002. p. 42.

²⁶ ANTONELLI, P. H. L.; 2018 p. 137.

²⁷ Tradução do autor para: *Historical Implications of a Pattern of Dates at Piedras Negras, Guatemala*.

²⁸ As estelas Mayas são monumentos esculpidos em baixo relevo sobre pedras de grande tamanho e que serviam para contar as histórias dos governantes e acontecimentos celestes.

investigações arqueológicas sobre Arte Maya da sua época. Seu rigoroso trabalho desafiou ideias convencionais da época devido às suas contribuições para a compreensão da escrita, servindo como base para as gerações de arqueólogos que vieram depois dela e continuaram a expandir esse conhecimento para o nosso melhor entendimento da vida, das histórias e acontecimentos sociais dos antigos Mayas²⁹; a influência de seu trabalho foi determinante para as pesquisas do epigrafista russo Yuri Knorozov³⁰.

As ilustrações detalhadas da arqueóloga Proskouriakoff proporcionaram a Yuri Knorozov um registro preciso da iconografia, permitindo-lhe realizar análises sistemáticas que revelaram padrões e semelhanças entre os glifos encontrados em diferentes assentamentos. A escrita Maya já tinha sido estudada por Constantine Rafinesque³¹, que identificou que o sistema numérico Maya consistia em pontos e barras, no entanto, foi na base das observações de Tatiana Proskouriakoff, que Yuri Knorozov desenvolveu um método para decifrar a escrita Maya, que, anteriormente, era considerada indecifrável. Sua proposta, que se inspirou na escrita logográfica do sistema de escrita húngaro, sugere que os glifos Mayas representavam sons de sílabas e palavras, e não apenas ideias ou objetos. Apesar do trabalho de Yuri Knorozov ter sido inicialmente criticado por alguns especialistas, suas teorias foram confirmadas por novas descobertas e análises. Os desenhos de Tatiana Proskouriakoff tiveram um papel crucial na disseminação da compreensão da escrita Maya e na revelação dos mistérios da rica história e cultura dessa antiga civilização³². O trabalho dela facilitou a possibilidade de reconstruir a história geracional das dinastias governantes de várias cidades como Bonampak, Yaxchilán, Copán, Tikal e outras³³.

²⁹ Disponível em: <https://www.archaeological.org/archaeologists-you-should-know-proskouriakoff/>. Acesso em: 5 de agosto de 2022.

³⁰ Yuri Knorozov (1912–1999) foi um linguista, epígrafo e etnógrafo Soviético e Russo. Ele fundou a Escola Soviética de estudos mayas.

³¹ Constantine Rafinesque (1783–1840) foi um naturalista e arqueólogo norte-americano.

³² SALOMON, C.; 2002. p. 157.

³³ SCHELE, L.; MILLER, M.; 1992. p. 323-324.

1.2.3 Inserção dos Mayas antigos na cultura visual e literária dos Estados Unidos. O trabalho de Linda Schele

Linda Schele (1942–1998) foi uma das principais intelectuais do século XX e dedicou sua brilhante carreira aos estudos *mayistas*³⁴. Desde jovem, se interessou pela arte e devido a isso foi estudar na Universidade de Cincinnati, formando-se em 1960 no curso de arte comercial. Na sequência, entrou no mestrado em literatura na mesma instituição. Lecionou no departamento de arte da Universidade do Sul do Alabama e, ao mesmo tempo, desenvolvia suas pesquisas em pintura. Seu encontro com a civilização Maya aconteceu em 1970, quando viajou para Palenque, no México, e após ficar fascinada com a arquitetura do sítio, começou a se interessar pelo tema. No verão de 1973, Linda se une à expedição de Merle Greene Robertson³⁵, uma artista e arqueóloga veterana e trabalha como sua assistente para fotografar os relevos de estuque de Palenque e a câmara funerária do governador K'inich Hanab Pakal (603–683 d.C). Em dezembro do mesmo ano, apresentou seu primeiro artigo profissional na primeira Mesa Redonda de Palenque e também colaborou com o arqueólogo australiano Peter Mathews³⁶, apresentando aos membros da conferência, pela primeira vez, a história da dinastia dessa cidade Maya. Neste encontro, Linda Schele deixou de ser uma pessoa anônima para se tornar uma das principais figuras nas investigações sobre os Mayas, demonstrando domínio, não só no conhecimento da arte e da história da arte, mas também nas pesquisas de campo e no estudo da epigrafia.

Suas pesquisas se tornaram, também, um ponto crucial nos estudos da epigrafia, ela estudou as abordagens históricas de Tatiana Proskouriakoff, e as abordagens fonéticas de Yuri Knorosov, linguista contemporâneo a ela. Linda sempre colaborou nos debates e foi participante ativa nas conferências com outros intelectuais; nesse momento da sua vida ela se tornou uma das mais importantes

³⁴ Termo original em espanhol reconhecido pela Real Academia da Língua Espanhola para designar aos intelectuais interessados na cultura e civilização Maya, não deve ser confundido com *mayanista*. A palavra ainda não é reconhecida na língua portuguesa

³⁵ Merle Greene Robertson (1913–2011) foi uma arqueóloga, artista, historiadora da arte e professora norte-americana que dedicou sua vida ao estudo da cultura Maya e registrou os relevos das estelas dos sítios de Tikal e Palenque.

³⁶ Peter Mathews (1951) é um arqueólogo, epigrafista e mayista australiano.

mayistas da época, abandonou seu trabalho como professora na Universidade do Sul do Alabama e se inscreveu no doutorado da Universidade do Texas no departamento de Estudos Latinoamericanos. Em 1977, ela facilitou 21 oficinas consecutivas de escrita de hieróglifos mayas na Universidade do Texas. Ela foi responsável por ensinar uma geração de intelectuais entusiasmados pelas suas descobertas, e também, um público amador interessado pelo tema.

Figura 4 -Vaso Maya no estilo Códice, 13 x 10 cm. Desenhos de personagens são misturados com hieróglifos na composição.



Fonte: Disponível em:

http://research.mayavase.com/kerrmaya_list.php?rowstart=70&search=maya&vase_number=&date_added=&vase_type=&ms_number=&site=&icon_elements=. Acesso em: 10 out. 2022.

Em 1980 defende sua tese **“Glifos Mayas: Os Verbos”**³⁷ (posteriormente publicado em 1982), esse foi seu maior trabalho na gramática e na escrita dos glifos mayas; logo se tornaria professora de arte da Universidade do Texas, onde atraía estudantes que pretendiam aprimorar seus conhecimentos na área. Nesse mesmo ano, o diretor do Museu de Arte em *Fort Worth*, Texas, propôs a Linda Schele e à historiadora da arte Mary Miller³⁸, da Universidade de Yale, organizar a maior exposição de Arte Maya; elas decidiram apresentar as recentes descobertas da epigrafia e outras investigações sobre os Mayas clássicos. A exposição **O Sangue dos Reis: Dinastia e Rituais na Arte Maya**³⁹ teve o catálogo publicado com o mesmo

³⁷ Tradução do autor para: *Mayan Glyph: The Verbs*.

³⁸ Mary Miller (1952) é historiadora da arte especializada na Arte Maya.

³⁹ Tradução do autor para: *The Blood of Kings: Dynasty and Ritual in Maya Art*.

nome e, na época, foi a maior mostra de artefatos. O catálogo da exposição foi o livro mais influente dos Mayas publicado na última metade do século XX.

Nos textos curatoriais da publicação, Linda Schele e Mary Miller nos apresentam sua compreensão da Arte Maya, e a definem como “belos trabalhos de arte que tocam a sensibilidade de quem os apreciam mesmo sem conhecer seus significados”⁴⁰. A Arte Maya é estranha para nós, ela foi feita para outro tipo de experiência social de uma sociedade que existiu há milhares de anos; os artistas mayas não estavam preocupados com criatividade e originalidade, cânone definido pelos críticos europeus no século XX e que se desdobra até os dias de hoje. O conteúdo, os meios e a função dada à arte é estabelecida pela experiência social, a educação e as tradições locais. Podemos refletir a função da arte nos conceitos de Alfred Gell, na cultura maya antiga não existe distinção entre “obras de arte” ou meros artefatos utilitários e religiosos, porém, predomina um sentido: “Se, ao veicularem significados, as obras de arte encarnam intencionalidades complexas, também os instrumentos, ao evocarem os nexos sociais de sua produção e uso, seriam candidatos potenciais à adjetivação de obras de arte”⁴¹.

Segundo as arqueólogas Linda Schele e Mary Miller, o artista tinha pouco ou nenhum controle sobre os temas plasmados e a iconografia usada, porém, ele podia usar sua criatividade na maneira de compor narrativas usando imagens e símbolos para propor significados valendo-se jogos de palavras⁴². Outro grande sucesso na carreira de Linda Schele foi a publicação do livro ***Uma Selva de Reis: A História não contada dos antigos Mayas***⁴³, escrito com a colaboração de David Freidel⁴⁴, professor da Universidade Metodista do Sul nos Estados Unidos; este trabalho retrata a história das dinastias do Pré-clássico até o grande colapso das cidades mayas, que pode ter acontecido entre os anos 750 e 1050 a.C.⁴⁵. Este livro, além de ser uma fonte de referências para intelectuais, tornou-se *best-seller*. Essa popularidade permitiu a continuação da publicação de suas investigações, recebendo excelente acolhida tanto de intelectuais quanto de curiosos no assunto.

⁴⁰ Tradução do autor para: *beautiful works of art that touch our sensibilities even without knowledge of their meaning* SCHELE, L., MILLER, M. 1986. p.33.

⁴¹ MENEZES H.; HUPSEL R.; 2015. p. 2.

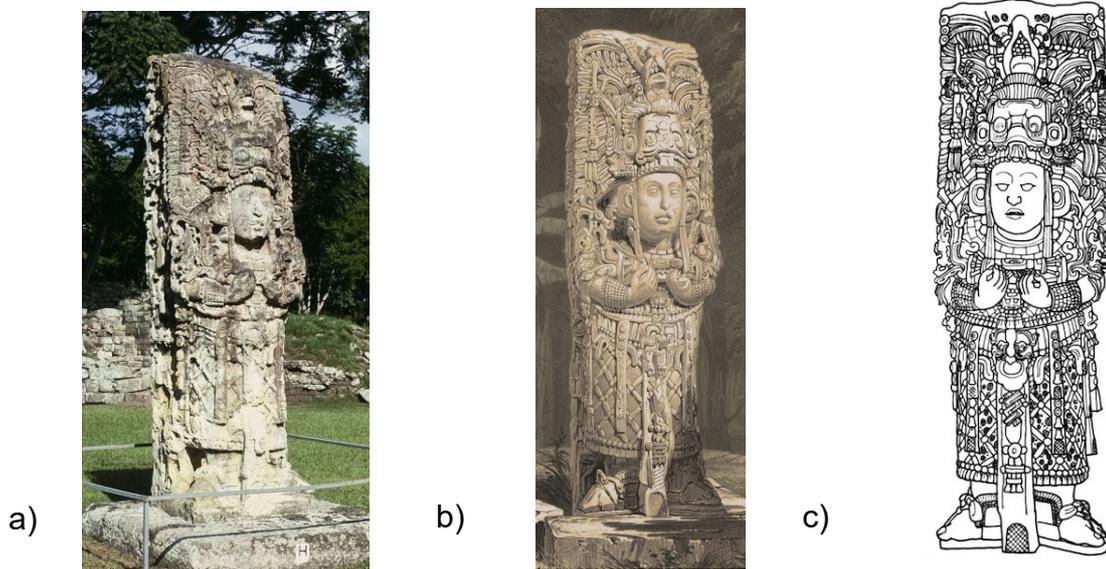
⁴² SCHELE, L.; MILLER, M.; 1977. p. 33.

⁴³ Tradução do autor para: *A Forest of Kings: The Untold Story of the Ancient Maya*.

⁴⁴ David Freidel (1946) é um arqueólogo mayista norte-americano.

⁴⁵ DEMAREST A. A.; 2011. p. 471.

Figuras 5, 6, 7 -(a) Fotografia da estela H. Waxaklajuun Ub'aah K'awiil vestido como o Deus do Milho, Copán, Honduras 2000. (b) Ilustração de Catherwood 1839. (c) Desenho de Linda Schele, 1980.



Fonte: Disponível em: <https://www.mesoweb.com/es/articulos/copan/08.html>. Acesso em: 15 nov. 2022.

1.3 Entre mulheres arqueólogas e historiadoras: A arqueóloga mexicana Adriana Velázquez Morlet

Adriana Velazquez Morlet é arqueóloga mexicana, historiadora mayista delegada do *Instituto Nacional de Antropología e Historia*, Centro INAH de Quintana Roo desde 1994 e atual diretora do Centro INAH Campeche no México; publicou mais de trinta artigos e dois livros sobre os Mayas, passando por temas além da arqueologia, como antropologia, geografia, história, arte, religião e proteção de patrimônio. Ela teve seu primeiro contato com a arqueologia na década de 1980, quando estudou na Escuela Nacional de Antropología e História (ENAH) no México. Após fazer seus primeiros trabalhos nos estados de Morelos e Michoacán, ela finalmente chegou à região que a interessava, os estudos sobre os antigos Mayas. Em Yucatán, Adriana Velázquez Morlet participou da elaboração do Atlas Arqueológico de Yucatán a convite do arqueólogo Enrique Nalda⁴⁶; após trabalhar

⁴⁶ Enrique Nalda (1936–2010) foi um arqueólogo espanhol naturalizado mexicano.

em vários projetos nessa região, ela chegou a Quintana Roo, também convidada pelo Enríque Nalda, para compor o grupo na escavação de Kohunlich. O trabalho que a Adriana Velázquez Morlet fez em Kohunlich foi, sem dúvida, muito importante para ela e decisivo para suas próximas pesquisas; ela morou lá por mais de dois anos, o que lhe permitiu conhecer os meandros da investigação arqueológica. As descobertas feitas durante essa temporada em diferentes contextos foram muito importantes para os participantes do projeto. Essa experiência em Kohunlich foi fundamental para a trajetória da Adriana Velázquez Morlet como arqueóloga. Ela passou a se dedicar ao estudo da arte e da arquitetura maya, e suas pesquisas contribuíram significativamente para o nosso conhecimento dessa civilização antiga. Em uma entrevista na revista Cuicuilco publicada em 2013, ela reflete sobre como a disciplina tem evoluído e como o tratamento de artefatos arqueológicos achados mudou nos últimos anos. Na década de 1980, a arqueologia mexicana destacou-se pelos arqueólogos vanguardistas da disciplina; o trabalho do arqueólogo Javier López Camacho⁴⁷, em particular, gerou investigações de altíssimo nível e qualidade de maneira geral sobre os Mayas. A partir dessa visão, foram definidos novos locais para se trabalhar com novas questões.

Além de reconstituir a história pré-hispânica, a arqueologia moderna também busca interagir com as comunidades locais. Isso é crucial para estabelecer um relacionamento mais eficaz e produtivo com as pessoas que habitam nos lugares de escavação antiga ou nas proximidades desses. Adriana Velázquez Morlet enfatiza que sua formação como arqueóloga lhe proporcionou uma compreensão aprofundada dos sítios de escavação; isso é um diferencial para a gestão do patrimônio histórico, um dos desafios centrais do trabalho do *Instituto Nacional de Antropología e História*. A gestão de bens culturais não se limita a tornar os sítios públicos, mas também a administrá-los de maneira científica, sustentável e eficiente. É essencial buscar um relacionamento respeitoso e, sempre que possível, vantajoso com as comunidades locais e vizinhas. Podemos dizer que é crucial buscar um relacionamento respeitoso e benéfico com os grupos residentes. Adriana Velázquez Morlet também enfatiza que seu trabalho como arqueóloga permitiu que ela identificasse possíveis riscos ao patrimônio histórico, um aspecto vital para estabelecer estratégias que contribuam

⁴⁷ Javier López Camacho é um arqueólogo mexicano, professor e investigador da Escola Nacional de Antropología e História.

para a proteção do patrimônio sob sua responsabilidade. As descobertas de pesquisa primitiva são tratadas de maneira diferente hoje em comparação com a década de 1980. A arqueologia moderna é mais holística e considera o contexto social e cultural dos sítios de exploração vetusta; ela também respeita mais as comunidades locais e busca proteger o patrimônio histórico para as gerações futuras. O Museu Maya de Cancún foi financiado principalmente pelo INAH, com uma pequena contribuição do governo do estado de Quintana Roo. O museu abriu suas portas em 2012 e tem sido muito bem-sucedido, especialmente entre a população local e visitante; nas primeiras semanas de funcionamento, ele recebeu mais de 10.000 visitantes até a data da publicação da entrevista. O museu possui uma coleção com mais de 500 artefatos de escavação antiga, como esculturas, cerâmicas, joias e itens do dia a dia. A reação positiva do público demonstra a relevância da pesquisa sobre a arte.

O estado de Quintana Roo tem uma superfície de aproximadamente 50.000 quilômetros quadrados, e mais de 1.700 zonas arqueológicas foram registradas nessa área. Sobre essas áreas, a arqueóloga Velázquez Morlet destaca que há diferentes níveis de informação: para algumas, apenas sua localização é conhecida, para outras existe um registro mínimo e para outras ainda há informações mais completas. Dos 1.700 sítios arqueológicos registrados em Quintana Roo, 13 estão abertos ao público. O INAH está trabalhando em outras quatro zonas, Ichkabal, Chakanbakán, Xcalacoco e Roviroso, para serem abertas ao público no futuro e também para proteger e conservar esse patrimônio, bem como para torná-lo disponível ao público⁴⁸. O trabalho de Adriana Velázquez Morlet como diretora do Centro INAH Campeche a confere um papel importante na proteção e conservação do patrimônio arqueológico-artístico da região.

Os nomes das arqueólogas citados nas páginas anteriores compõem a base acadêmica que fez o lastro da história da Arte Maya do último século, nos dias atuais, é uma disciplina nova e em constante evolução, podemos pensá-la nas palavras da arqueóloga Velázquez Morlet, tomando como referência uma publicação do catálogo de uma exposição de Arte Maya intitulada ***Mayas: A Linguagem da Beleza***⁴⁹, publicado pelo INAH em 2015, ela reflete sobre a importância do estudo da arte pré-

⁴⁸ VALENCIA, I.; 2013. p. 266.

⁴⁹ Tradução do autor para: *Mayas: El Lenguaje de la Belleza*.

hispânica e as novas formas de preservação da mesma. Durante quase dois mil anos de história pré-hispânica, os conceitos de corpo humano, animais, seus cuidados, vestimentas, beleza, feiura, e as ideias de representação em que se mistura pessoas, animais, plantas e paisagens foram elementos fundamentais na criação de obras de arte (Fugura 8). A ideia mesoamericana de mundo e sociedade sempre mudava. Isso é evidente nos muitos exemplos de Arte Maya existentes hoje. Observamos uma mistura rica de representações nas manifestações artísticas. Além disso, os registros arqueológicos revelam uma enorme diversidade de temas e conceitos nos materiais e métodos de fabricação utilizados⁵⁰.

As representações do corpo humano, por exemplo, têm sido padrão ao longo da história na arquitetura urbana presente em altos relevos e na área mesoamericana pré-hispânica, em geral; no caso da arquitetura Maya, a encontramos em monumentos individuais, fachadas e diversos objetos móveis, nos quais estavam representados não só os governantes, que ordenaram a sua construção, mas também, os seus antepassados, membros das cortes reais, como vemos nas cenas dos vasos Mayas, deuses e uma série de seres sobrenaturais, uma mistura entre deuses, humanos e animais, o que reforçou e promoveu a ideia de poder real baseado na linhagem divina. Em outras palavras, os senhores governantes destas cidades e as famílias nobres eram considerados diferentes entre os outros porque eram descendentes de seres divinos⁵¹.

⁵⁰ VELÁZQUEZ, M. A.; 2015. p. 16.

⁵¹ SCHELE, L.; FREIDEL, D.; 1990. p. 37.

Figura 8 - Fachada de estrutura arquitetônica como representação antropomorfa no sítio arqueológico de Uxmal em Yucatán, México,



Fonte: Disponível em: <https://www.got2globe.com/editorial/uxmal-iucatao-ruinas-maias-capital/>. Acesso em: 8 abr. 2023.

Ao olhar para as produções artísticas e considerar os elementos arquitetônicos e objetos estudados pelos arqueólogos, constatamos que os mesoamericanos tinham uma atitude estética persistente em relação à realidade. Em cada comunidade, cidade e período, encontraram formas únicas de interagir com a natureza e reproduzir aspectos da sociedade. As manifestações artísticas e a produção de objetos refletem como as culturas mesoamericanas interagem com o seu entorno. Isso originou a ideia de contemplação e a compreensão do "belo" ou do que era esteticamente aceitável em cada momento da história⁵². O conceito de arte pré-hispânica é um fenômeno multifacetado em constante mudança, não permanecendo inalterado na história pré-hispânica. Para entender suas expressões estéticas, partimos de um conceito em constante desenvolvimento. Deve-se considerar que a arte e a criação estética são resultados de processos históricos, não conceitos abstratos, e não podem ser submetidos a critérios gerais de interpretação.

Para interpretar a arte pré-hispânica e seus diversos significados, é crucial lembrar que cada obra é a criação de um artista, um ser social e produto de sua época.

⁵² VELÁZQUEZ M., A.; 2015. p. 16.

Este utilizou seu conhecimento, habilidades e técnicas, e escolheu materiais específicos para expressar-se através de seu trabalho. Eles tinham um propósito, desejavam transmitir uma ideia, uma expressão da memória de seu tempo. Ao longo do tempo, a percepção dessas representações se alterou, afetando a maior parte de seu sentido original. De forma geral, o trabalho dos especialistas em arte pré-hispânica permite aproximar-nos gradativamente da mensagem original e do significado de cada imagem e de objeto visto nos museus e sítios arqueológicos, sem esquecer que estes conteúdos não são exclusivamente religiosos, mas também têm um caráter político, social, e um conteúdo cosmogônico e ideológico que não deve ser ignorado.

2 IDENTIFICANDO A PINTURA MURAL MAYA

2.1 O Estudo da Pintura Mural Maya nos séculos XX e XXI

As cosmovisões dos povos originários da América são diversas e continuam existindo apesar da imponência do colonialismo europeu há séculos, seja na tradição oral ou na representação gráfica em superfícies e artefatos milenares que perduraram ao passo do tempo e que, nos dias atuais, são objetos de investigação de disciplinas como a arqueologia e a antropologia, ciências que permitiram a manutenção e propagação de alguns desses saberes ancestrais. Ao longo dos últimos séculos, a arqueologia e a história da arte têm feito pontos de contato quando se trata do estudo de artefatos e manifestações culturais de cunho religioso, a maioria representada por meio da pintura mural. A expressão visual dentro das práticas artísticas mais relevantes faz com que a pintura mural ocupe um lugar de destaque nas manifestações plásticas dos grupos sociais que viveram há milhares de anos nos territórios que compõem o Mayab⁵³ (aproximadamente 325.000 km²). Este sub-capítulo se propõe a apresentar, de forma descritiva, as investigações da professora mexicana e investigadora de Arte Pré-Hispânica da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), Leticia Staines Cicero, cuja obra acadêmica se desdobra no estudo da pintura mural pre-hispânica, principalmente a Pintura Mural Maya da área da Península de Yucatán.

A pintura mural se define como a representação de imagens em uma superfície arquitetônica bidimensional, existem mais de 20 sítios arqueológicos mayas com vestígios de pintura mural. A arquitetura maya utilizava cores nas pinturas de fachadas e relevos. Contudo, essas superfícies pigmentadas não resistiram ao tempo, tornando desconhecidas as suas aparências originais. As construções mayas tinham um revestimento de estuque, uma mistura pastosa de areia e pedra calcária, que resultava numa cor esbranquiçada. Os pigmentos eram aplicados sobre estas bases

⁵³ Território parcial mesoamericano onde habitam os grupos mayas tradicionais, divide-se nas Terras Altas e as Terras Baixas.

e se desenhavam nelas; as evidências do passado nos mostram que algumas edificações mayas, como as de Tikal estavam majoritariamente pintadas de vermelho⁵⁴; provavelmente, as construções foram adornadas com pinturas murais retratando cenas do cotidiano, porém, as únicas que ainda existem estão nos interiores, recintos e tumbas. As imagens pintadas se integravam nos elementos arquitetônicos como muros, pisos, cornijas, lintéis, entre outros. Existia um sistema de produção de pigmentos naturais orgânicos e inorgânicos, extraídos de terra e minerais, e outros de origem vegetal. O veículo aglutinante para as tintas era obtido da seiva de árvores de borracha. As superfícies eram preparadas com cal e uniformizadas para lisura. Depois, os desenhos feitos com linha vermelha, substituída pela preta para o acabamento. Sabe-se pouco sobre a origem dos pintores mayas, mas acredita-se que eles poderiam ter pertencido às cortes locais em que realizavam suas pinturas⁵⁵.

Em 1967, a revista *Estudios de la Cultura Maya da Universidad Nacional Autónoma de México* publica o texto do historiador da arte George Kubler intitulado ***Pintura Mural Pré-colombiana***⁵⁶ em 1967, o texto é um estudo sobre as produções de pintura mural no continente americano registradas até a data de publicação; ele afirma que os elementos figurativos da Pintura Mural Maya são mais antigos que a pintura feita em vasos de cerâmica e faz comentários comparativos entre os diferentes sistemas pictóricos e estilos das produções por cultura (Maya, Teotihuacana, Tolteca, etc.) região e temporalidade⁵⁷. Ele, ainda, cita outros autores que investigaram o tema da pintura mural pré-hispânica como Salvador Toscano⁵⁸ e Alfonso Caso⁵⁹ que fizeram importantes contribuições no tema.

A Pintura Mural Maya foi uma manifestação presente em todas suas épocas, abordando temas religiosos e históricos, serviu para retratar as dinastias locais dos

⁵⁴ Imagens renderizadas em 3D comissionadas pela National Geographic comprovam que as estruturas arquitetônicas de Tikal foram pintadas de vermelho. Disponível em: <https://trasancos3d.artstation.com/projects/QzBJI4>. Acesso em: 13 ago. 2023.

⁵⁵ STAINES C., L.; 2004. p. 3.

⁵⁶ Tradução do autor para: *Pintura Mural Precolombina*.

⁵⁷ KUBLER, G.; 1967. p. 45.

⁵⁸ Salvador Toscano (1912–1949) foi um historiador da arte mexicano que dedicou sua vida ao estudo das culturas pré-hispânicas.

⁵⁹ Alfonso Caso (1896–1970) foi um arqueólogo mexicano que se dedicou ao estudo das culturas mesoamericanas pré-hispânicas.

centros urbanos e transmitir saberes. Ao longo do tempo, a pintura mural foi abordando diferentes temas que expressam variações de estilos. Os povos mayas viveram em épocas paralelas divididas da seguinte forma: o Pré-Clássico, de 2000 a.C.–300 d.C.; o Clássico, de 300–900 d.C.; o Clássico Terminal de 900–100 d.C. (este período aparece como “colapso” na bibliografia) e o Pós-Clássico que foi de 1000–1542 d.C. As cidades mayas dessas épocas não compartilhavam as mesmas condições socio-políticas e econômicas e a relação histórica entre as Terras Altas e as Terras Baixas do Sul, nas quais as Terras Altas são reinos emergentes⁶⁰. As expressões plásticas no Pré-clássico Tardio (entre os anos 250 a.C. e 300 d.C.) temas funerários, religiosos e relacionados aos deuses e aos ancestrais aparecem; no Período Clássico referem-se a acontecimentos míticos e históricos, guerras, autossacrifícios, rituais, famílias dinásticas e eventos celestes. As pinturas do Pós-Clássico apresentam variantes iconográficas onde os deuses prevalecem sobre os retratos das elites locais e o estilo se manifesta de forma mais sofisticada, lembrando do estilo de pintura do Clássico⁶¹. A continuação será apresentada de maneira cronológica, considerando as datas estimadas de elaboração, os registros das produções de Pintura Mural Maya mais conhecidas na atualidade até a presente data.

Os murais mais antigos encontrados até agora são os de San Bartolo (Figura 41), na Estrutura SUB-1A, conhecida como *Las Pinturas*. Foram feitos aproximadamente no entre os anos 100 e 200 a.C. e trata-se de uma narrativa cosmogônica que descreve a morte e a ressurreição de Hun Hunahpú (interpretado e associado com o Deus do Milho) e, também, o surgimento da humanidade a partir dele e sua relação com governantes. A interpretação da narrativa coincide com alguns dos fatos descritos no Popol Vuh e eles apresentam uma forte influência de estilo Olmeca⁶². O último capítulo desta dissertação é dedicado aos Murais de San Bartolo e aborda o tema de forma mais completa. Perto de San Bartolo, no sítio arqueológico de *Cival* foram encontradas pinturas murais em preto e vermelho que datam do Pré-Clássico e que foram propositalmente destruídas de forma similar de como aconteceu com o mural Sul da estrutura SUB-1A de San Bartolo.

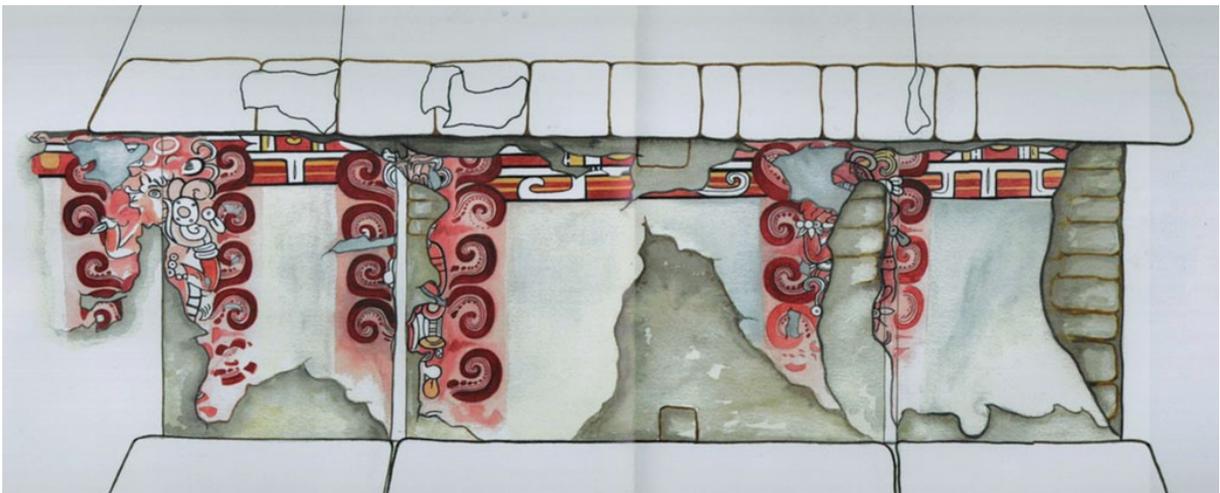
⁶⁰ IZQUIERDO D. L. C.; A. L.; 2001. p. 23.

⁶¹ STAINES C. L.; 2004 p. 3.

⁶² URQUIZÚ, M., HURST, H.; 2003 p. 332.

No sítio arqueológico de Tikal, na Estrutura 5D-Sub 11, na selva do Petén, na Guatemala, foram encontrados murais que datam de 50 a.C. (Figura 9), cuja narrativa é sobre seis figuras escuras antropomorfas que contrastam com o fundo vermelho, os homens representados levam cocares de penas e, talvez, trate-se dos antepassados de quem foi enterrado no lugar.

Figura 9 - Reprodução de Pintura Mural de Tikal Estrutura 5D-SU10 1, Guatemala. Desenho de José Francisco Villaseñor. (circa 50 a.C.).



Fonte: LOMBARDO R., S., 2001. p. 93-94.

A iconografia pictórica sugere que, após a morte, eles passaram para o Inframundo, conhecido como Xibalbá. Na cosmovisão maya, era nas montanhas que se encontram as portas para o Inframundo, por isso, a prática de fazer pirâmides com motivos fúnebres, muito presente na cidade de *Río Azul* no Petén na Guatemala, perto da fronteira com México e Belize, destaca-se pelas suas tumbas do Clássico Inicial que simbolizam o poder, a ordem cósmica, os deuses e o Inframundo (circa 250–550 d.C.). O tema pictórico define a finalidade do espaço arquitetônico (Figura 10).

Figura 10 - Registro dos Murais de Río Azul, Guatemala. (circa 50 a.C.).



Fonte: ACUÑA, M. J., 2015. p. 176.

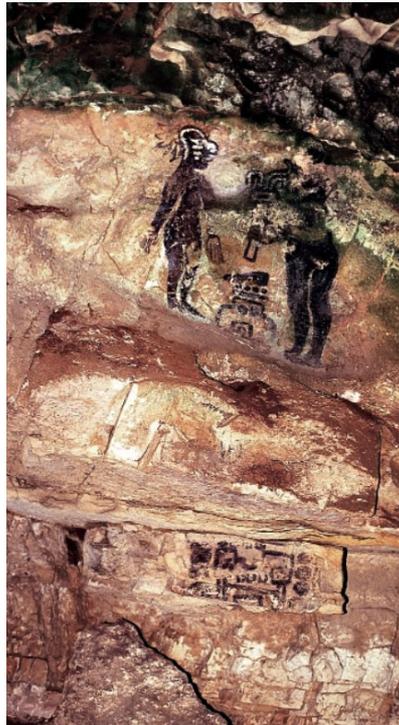
Figura 11 - Mural dos *Jugadores de Pelota* na estrutura Sub-39 no sítio arqueológico de Tikal (370 d.C.).



Fonte: Disponível em: <https://www.perspectiva.gt/lifestyle/destacan-nuevas-interpretaciones-del-mural-de-jugadores-de-pelota-de-tikal/>. Acesso em: 12 maio 2023..

No estado mexicano de Chiapas, foram encontrados resquícios de uma pintura feita na caverna de *Joljá* que relatam uma peregrinação de governantes e aparece a data *9 ajaw* (Figura 12), que possivelmente faz referência ao dia *9 ajaw 3 sak* (14 de dezembro de 297), referenciando a um acontecimento político importante no local⁶³. Estas são consideradas pinturas rupestres por não cumprirem os aspectos técnicos de preparo na superfície da pintura mural.

Figura 12 - Pintura 2 na Caverna de Joljá, Chiapas, México. (circa 297 d.C.).



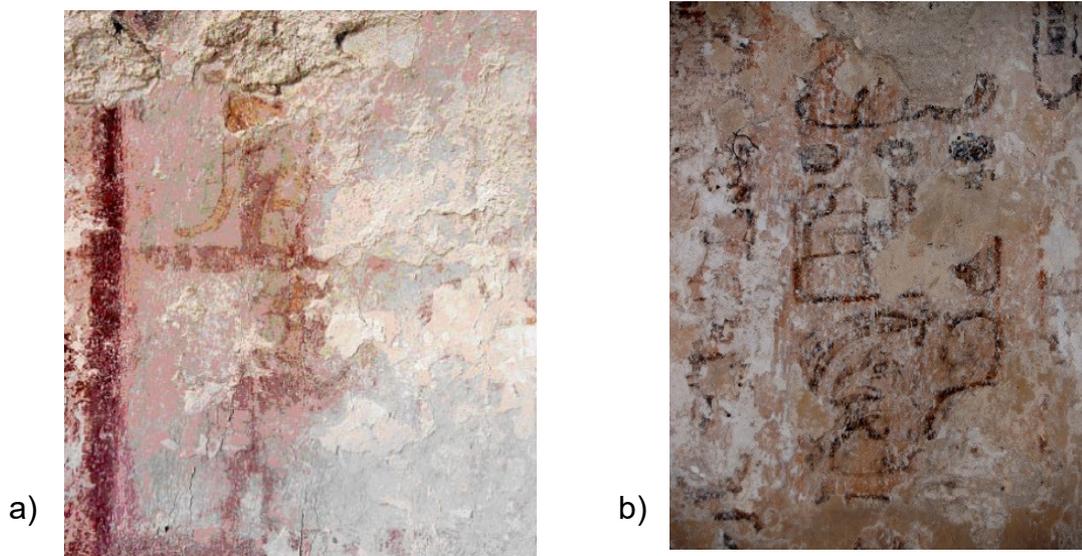
Fonte: MARTINEZ DE VELASCO C., 2011. p. 58.

O *Mural de los Jugadores de Pelota* de Tikal produzido na estrutura Sub-39 foi feito aproximadamente em 370 d.C. (Figura 11); são oito figuras masculinas antropomorfas e policromáticas pintadas quase em escala humana, aparentemente, em movimento com o rosto virado para a parede. Em alguns lugares do Mayab, encontraram-se traços arquitetônicos e objetos de cerâmica com aparências forâneas, atribuídas aos Teotihuacanos, bastante comuns entre 350 e 550 d.C. e que também aparecem nas pinturas murais.

⁶³ MARTINEZ V. C., A.; 2011. p. 57.

Os murais de *La Sufricaya* localizados no sítio arqueológico de Holmul, na selva do Petén (Figuras 13 e 14), Guatemala, datam de 379. d.C. e representam uma iconografia de influência teotihuacana. Foram encontrados em 2005 e apresentam tanto um conteúdo figurativo e descritivo em hieróglifos que ajudaram a identificar personagens em contextos históricos e mitológicos⁶⁴.

Figura 13 e 14 - (a) Mural 3 de La Sufricaya na estrutura 1. (b) Sequência de datas em hieróglifos (nomeando o visitante Teotihuacano Sihyah K'ahk', Rã Fumaça) do mural 6 (foto: Brianna Rego, 2005 (379 d.C.).



Fonte: WAGNER, E., 2004, p.4

Em Quintana Roo, no Caribe mexicano, está localizado o sítio arqueológico de Xelhá que teve seu desenvolvimento desde o Pré-Clássico tardio e conta com vários murais de diferentes períodos que ainda se conservam; os da Estrutura 86 foram feitos entre 400 e 600 d.C. (Figura 15). Os murais de Xelhá são feitos majoritariamente na cor vermelha e retratam personagens antropomorfos enfeitados com penas e elementos que lembram aos motivos Teotihuacanos.⁶⁵ (Re)Encontradas em 1937, em Uaxactún (Figura 16), na Guatemala, um conjunto de pinturas na Estrutura B-XIII datadas entre 450–550 d.C., que segundo o arqueólogo William Saturno⁶⁶, desapareceu após procedimentos indevidos por parte dos arqueólogos

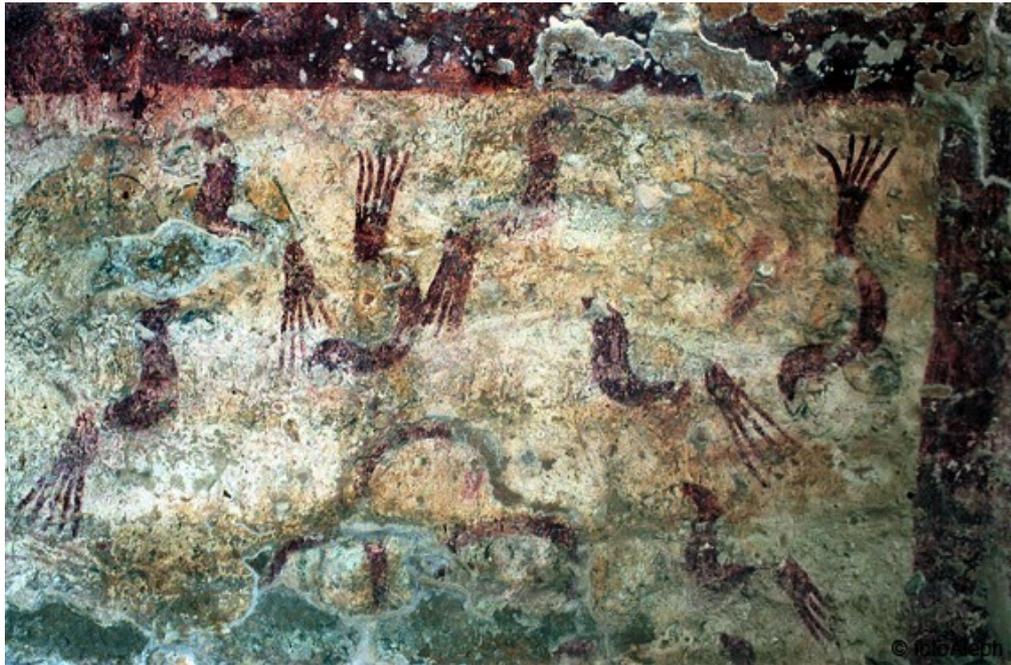
⁶⁴ HURST, H. et al; 2011 p. 356.

⁶⁵ STAINES C., L. 2004 p. 4.

⁶⁶ William “Bill” Saturno é um arqueólogo mayista cujas contribuições têm sido muito relevantes, principalmente no projeto dos murais de San Bartolo e Xultún.

responsáveis⁶⁷, neles, é possível observar elementos similares às pinturas murais do Clássico, como a composição horizontal em bandas, as pinturas apresentam várias personagens que parecem interagir entre eles; na lateral direita são retratadas três pessoas dentro do que parece ser uma casa, entre as figuras, também, há textos hieroglíficos e a cena retrata a nobreza local.

Figura 15 - Murais do sítio arqueológico de Xelhá na estrutura 86 (circa 400–600 d.C.).



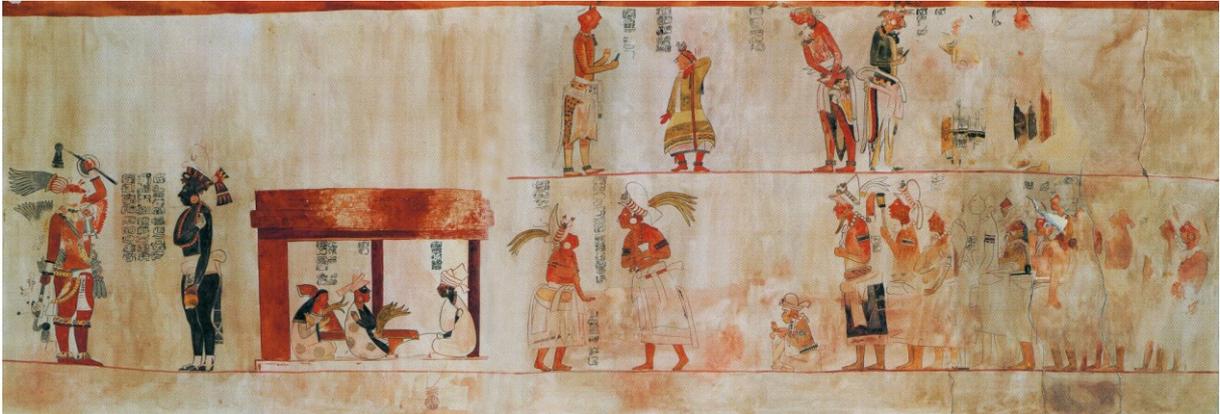
Fonte: Disponível em:
https://mediateca.inah.gob.mx/islandora_74/islandora/object/sitioprehispanico%3A1548.
 Acesso em: 9 jul. 2023.

Existem muitos sítios arqueológicos onde foram encontradas pinturas que são evidência dos avanços nas representações estéticas e narrativas dos maias. A iconografia presente nas pinturas dos sítios arqueológicos, feitas no Clássico Tardio, representa as dinastias regentes e cenas do seu cotidiano: guerras, inimigos como cativos, rituais de autossacrifício, cosmovisão, a relação daqueles governantes com seus antepassados e com os deuses, datas de acontecimentos importantes e festivos. Essas imagens comprovam o poder das dinastias e sua ligação direta com o divino. Essa representação foi realizada através das obras de pintores, escribas e escultores.

⁶⁷ The Thrill of the Find: Murals and Mysteries of the Maya, William Saturno. Museum of Science. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M0vZAVCOAal&ab_channel=MuseumofScience. Acesso em: 15 abr. 2023.

Eles produziram uma vasta quantidade de monumentos representando membros da realeza.

Figura 16 - Murais do sítio arqueológico de Uaxactún na estrutura B-XIII na Guatemala (circa 450–550 d.C.). Desenho de Arturo Reséndiz.



Fonte: Disponível em: <https://arsartisticadventureofmankind.wordpress.com/tag/uaxactun-maya-murals/>. Acesso em: 22 set. 2023

Nessa época, foram feitos registros de acontecimentos espaciais cujas configurações celestiais se alinham com fenômenos terrestres, isto é, segundo os Mayas os fenômenos que acontecem nas estrelas têm relação direta com o que acontece na terra⁶⁸. Os mayas acreditam que o cosmos dividia-se em treze níveis, e a Terra e o Inframundo em nove. O ser humano existe sobre a Terra junto aos os animais e os elementos da natureza, nesse contexto a *ceiba* (*Ya'axché*, *Ceiba Petandra*) é uma árvore sagrada que conecta a Terra e o Inframundo através de suas raízes, e ao céu pelos seus galhos⁶⁹.

Os Murais de Bonampak (Figura 37) foram (re)encontrados em 1946 e datam do ano 791 d.C., são os mais emblemáticos do período Clássico Tardio devido à complexidade das suas narrativas, eles serão abordados de maneira mais detalhada no próximo capítulo desta investigação. Os Murais de Mulchic (Figura 17) (re)encontrados em 1961, em Yucatán mostram uma narrativa similar aos de Bonampak; um grupo de cativos é apresentado ao soberano. O arqueólogo Román

⁶⁸ SCHELE L.; FREIDEL, D.; 1990. p. 106.

⁶⁹ STAINES C., L.; 2004 p. 5.

Piña Chan⁷⁰ exploraria o edifício para “libertá-las” em 1962, pois estavam dentro de uma subestrutura. Román Piña Chan afirma que os maias perceberam o mau estado dos murais e fecharam a sala quando e ampliaram o templo⁷¹.

Figura 17 - Reprodução dos Murais de Mulchic. “Os enforcados”. Zona Arqueológica de Yucatán (circa 600–800 d.C.).



Fonte: TEJEDA MONROY, E., 2014. p. 289

Figura 18 e 19- (a) Fragmento dos murais de Xuelén. (b) Fragmento de tampa de cofre de Dzibilnocac em Campeche, México.



Fonte: URIARTE, M. T., 2002 p. 14 e 15.

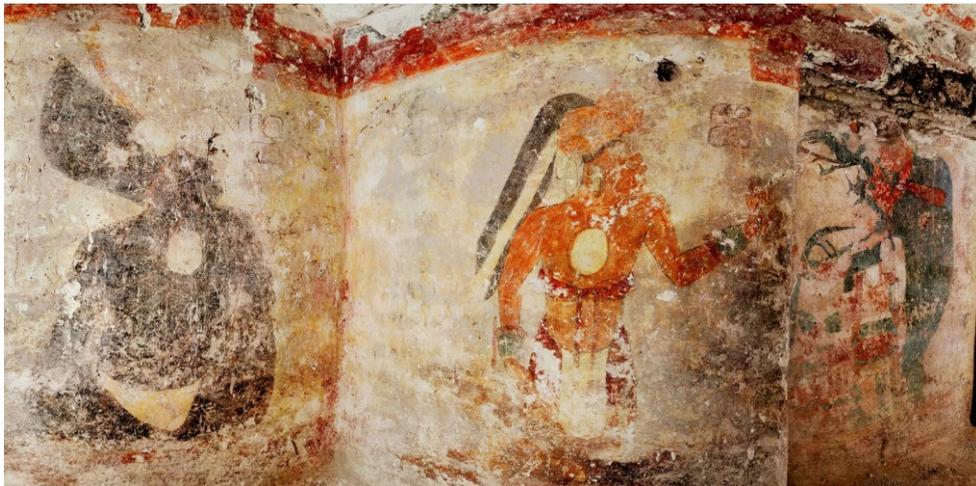
Ainda em Yucatán, os Murais de Xuelén (Figura 18), datam da mesma época e chamam a atenção por sua temática zoomórfica representada em pinturas de várias

⁷⁰ Román Piña Chan (1920–2001) foi um arqueólogo e antropólogo mexicano que dedicou suas investigações aos povos pré-hispânicos.

⁷¹ TEJEDA MONROY, E.; 2014. p. 288.

espécies de aves voando, a maioria delas são aves aquáticas, próprias de pântanos e mangues que estão associados com o Inframundo. Nessa região, existem centenas de recintos cujas portas eram enfeitadas e pintadas de vermelho sobre fundo branco que retratavam, em sua maioria, o deus K'awil, que cospe grãos e representa poder e abundância; neste conjunto, podemos mencionar as de Xkichmook, Yucatán, Dzibilnocac (Figura 19) e Santa Rosa Xtampak. Ao longo do tempo, migrações de grupos forâneos se assentaram ao norte da Península de Yucatán e novas características diferenciadas apareceram nas pinturas murais. Diego de Landa menciona isto no escrito *Relación de las cosas de Yucatan*, quando relata que no século X d.C, os putunes ou *chontales*⁷², um grupo étnico das Terras Baixas toma controle da cidade e se torna propagador destas novas maneiras de representação⁷³.

Figura 20 - Murais de Xultún na Guatemala (circa 800 d.C.).



Disponível em : <https://www.nationalgeographic.com/science/article/120510-maya-2012-doomsday-calendar-end-of-world-science>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Os murais de Xultún (Figura 20), localizados na Guatemala (re)descobertos em 2005 depois das investigações do sítio arqueológico de San Bartolo, são datados durante o período Clássico Tardio (circa 800 d.C.). Os vibrantes e relativamente bem conservados murais estão dentro de uma sala cuidadosamente selada, os arqueólogos encontraram cenas complexas que retratam um grupo de dignitários Mayas ricamente adornados, possivelmente conselheiros da realeza. As figuras,

⁷² Assim eram chamados estes grupos que descendiam de uma mistura entre grupos mayas e nahuas.

⁷³ STAINES C., L.; 2004 p. 9.

pintadas em tons de vermelho, azul, verde e preto, estão sentadas em esteiras e gesticulam entre si, criando uma atmosfera de diálogo e debate⁷⁴.

Figura 21 - Murais de Chiik Naab na estrutura Sub 1-4 (circa 620–720 d.C.).



Fonte: CARRASCO V.; R. BAQUEIRO, C., M., 2012. p. 34.

Aproximadamente cem anos antes dos murais de Xultún, foram pintados os murais de Chiik Naab em Calakmul (circa 620–700 d.C.) no sítio arqueológico que leva o mesmo nome, e foram (re)descobertos em 2001 no México; este sítio teve sua ocupação por mais de 1500 anos. Trata-se de várias pinturas feitas em uma estrutura que se estende em vários painéis aos lados subjacentes de uma escada. A pintura representa cenas do cotidiano que parecem ser de um mercado, retratando homens e mulheres comerciantes vestindo as roupas da época, ostentando penteados e utilizando elementos de cerâmica⁷⁵.

⁷⁴ ZENDER, M.; SKIDMORE, J.; 2012. p. 4.

⁷⁵ CARRASCO V. R.; BAQUEIRO C. M.; 2012. p. 29.

Os murais do sítio arqueológico *Las Higueras* (Figura 22) na estrutura do Edifício 1 localizados no estado de Veracruz, no México, foram pintados entre os anos 600 e 900 a.C., correspondem ao Clássico Tardio. Neles pode-se observar cenas de caráter religioso, uma representação de um deus na sua travessia ao Inframundo acompanhado pelas *Cihuateteotl*⁷⁶, mulheres mortas no parto que divinizadas por carregar energia vital. Nestes murais foram aplicadas técnicas italianas de conservação e restauro⁷⁷.

Figura 22 - Mural do sítio arqueológico *Las Higueras* na estrutura Edifício 1 (circa 600–900 d.C.).



Fonte: GONZALEZ A., A. J., 2018. p. 1

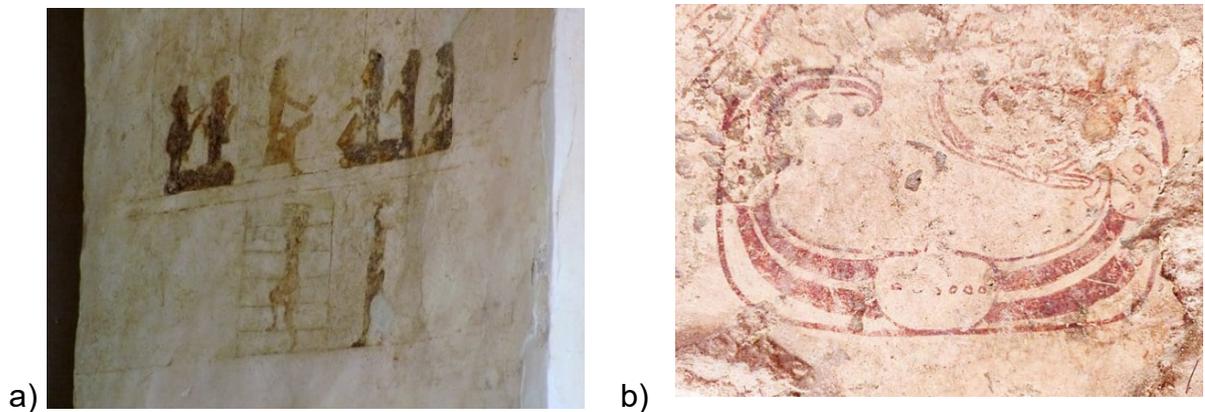
Os murais de Ek' Balam (Figuras 23 e 24) feitos entre 600–900 d.C. foram elaborados por escribas altamente capacitados que também eram pintores, a análise das pinturas revelou sofisticados processos de elaboração. Estudos recentes comprovam que a escola de Ek' Balam teve grande influência em cidades como Chichén Itzá. Recentemente na praça elevada a leste da acrópole foi encontrado um bloco de pedra pintada que parece ser uma tampa. A pedra, que havia sido usada

⁷⁶ Cihuateteotl é o nome na língua Nahuatl que se dá às mulheres que morrem em trabalho de parto. É dessa forma que a bibliografia apresenta o conceito a pesar de estarmos apresentando o universo Maya. O nome em alguma língua maya para essas mulheres não foi encontrado na elaboração desta pesquisa.

⁷⁷ ALVAREZ, G., A. J.; 2018. p. 1.

como tampa de um cofre, tem uma imagem de um símbolo em forma de U pintada em vermelho. Os pesquisadores Leticia Vargas de la Peña e Victor Castillo Borges sugerem que a imagem pode se referir ao submundo e representar uma cobra entrando em uma caverna com água subterrânea. Eles também concluíram que relevos de estuque representando captores e cativos foram reencontrados recentemente nessa parte da acrópole; a informação foi divulgada pelo Instituto Nacional de Antropologia e História do México no dia 14 de setembro de 2023⁷⁸.

Figura 23 e 24 - Murais de Ek'Balam na Sala 42 da acrópole. Fragmento do mural de Ek'Balam encontrado em 2023 em Yucatán. (circa 600–900 d.C.).



Fonte: Disponível em: <https://www.theyucatanimes.com/2023/09/mural-painting-found-in-ek-balam/>. Acesso em: 5 out. 2023.

Durante o Clássico Terminal (900–1542 d.C.), a cidade de Chichén Itzá era a sede da colheita de tributos das cidades menores próximas e tinha o controle econômico e político da região norte da Península de Yucatán, depois de 100 anos de existência; nela, havia importantes complexos arquitetônicos correspondentes ao estilo *Puuc*⁷⁹ e engenharia avançada, porém, neste período a escultura e a arquitetura apresentam elementos próprios de povos do altiplano central do México. A pintura mural foi encontrada em muitos edifícios desta metrópole, feita em composições diferentes do que podemos ver em murais anteriores, o estilo tem características menos realistas e naturais do que outros murais que expressam mais dinamismo nas suas narrativas.

⁷⁸ Maya Vault Stone. Disponível em: <https://www.archaeology.org/news/11743-230914-maya-vault-stone>. Acesso em: 5 out. 2023.

⁷⁹ Nome dado a uma região do estado de Yucatán cujo estilo arquitetônico foi predominante no passado.

Nos escombros do Templo de los Guerreros, foram encontrados dois murais, em 1889, conhecidos como “Ataque a un poblado y sujeción de cautivos” e “Pueblo Costero”. O tema da guerra persiste nestes dois murais, no primeiro vemos guerreiros de pele escura armados e levando cativos de mãos amarradas e no segundo, eles em uma comunidade de frente para o mar. No edifício do Templo de los Jaguares, encontrou-se outra pintura mural realizada nas quatro paredes do recinto, porém, o desgaste do tempo deteriorou grande parte, mesmo assim, pode ser identificada uma cena de disputa entre dois guerreiros armados com lanças e escudos; outro motivo que danificou os murais do Templo de los Jaguares foi um processo de conservação muito popular nos anos 1960 que consistia em aderir camadas de plástico em uma fórmula que supostamente fixaria os pigmentos, porém, infelizmente, foi a pior solução porque a umidade presa dentro da parede acabou deteriorando os murais sobrando apenas fragmentos, hoje em dia, podemos estudar os murais de Chichén Itzá graças aos registros feitos por Adela Breton⁸⁰ e, posteriormente, por Jean Charlot⁸¹. Estes murais apresentam características novas em relação à pintura mural do Clássico Tardio, ela inclui passagens, figuras humanas reduzidas que preenchem o espaço que remetem ao estilo da arte das populações do centro do México, isto sugere que a produção artística era um reflexo das relações políticas entre os povos da Mesoamerica naquele momento⁸².

⁸⁰ Disponível em: <https://www.doaks.org/newsletter/news-archives/2019/lost-murals-at-chichen-itza>. Acesso em: 20 mar. 2023.

⁸¹ Jean Charlot (1921–1979) foi um muralista francês que contribuiu nas pesquisas arqueológicas sobre os murais de Chichén Itzá.

⁸² GRECCO P. D.; DANTAS, M. F.; 2015 p. 144.

Figura 25 - Mural do *Templo de los Guerreros* de Chichén Itzá. Reprodução de Adela Breton.



Fonte: Disponível em: <https://arqueologiamexicana.mx/mexico-antiguo/templo-de-los-jaguares-chichen-itza-yucatan>. Acesso em: 22 jun. 2023.

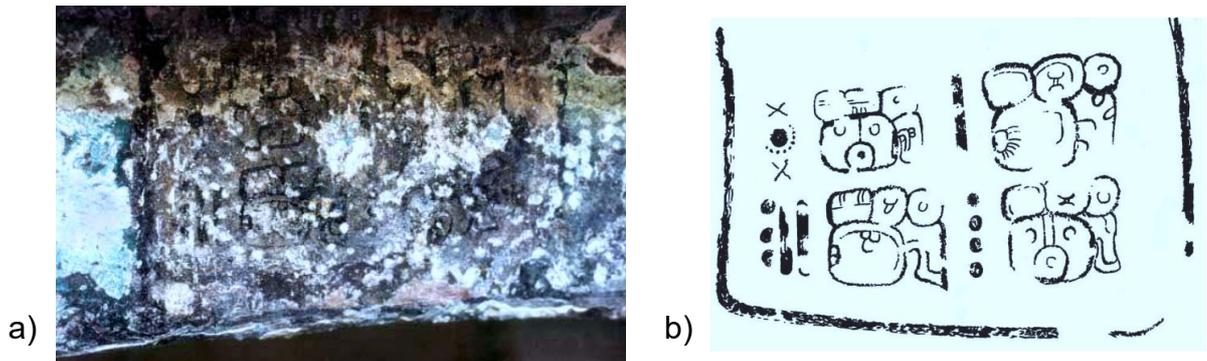
A cidade de Mayapán substituiu Chichén Itzá na administração do controle político aproximadamente em 1250 d.C., no Pós-Clássico Tardio; as investigações arqueológicas neste sítio evidenciaram a influência de um estilo iconográfico semelhante aos Códices Mixtecos⁸³. Para 1440, Mayapán declina e o poder é descentralizado na Península de Yucatán, surgindo províncias independentes que permaneceram organizadas até a chegada dos espanhóis. A Costa Oriental era uma rota de comércio composta pelas vias que conectavam México, Belize e Honduras, aqui encontram-se em alguns sítios pinturas murais com um estilo semelhante aos Códices Mixtecos⁸⁴ chamado Estilo Costa Oriental ou Estilo Internacional. Uma pintura mural com inscrições hieroglíficas foi registrada em 1978 no sítio arqueológico de *Playa del Carmen* no estado de Quintana Roo (Figuras 26 e 27), no México. O complexo arquitetônico foi feito entre os anos 1200 e 1520 no Pós-Clássico Tardio e

⁸³ STAINES C., L.; 2004 p. 12.

⁸⁴ Os Códices Mixtecos são registros de escritura pictográfica do povo Mixteca que habitou nos territórios onde hoje são os estados mexicanos de Guerrero, Puebla e Oaxaca. Foram feitos entre os séculos XIV e XVI.

no interior dele foram encontradas quatro blocos de inscrições representam datas do calendário e se assemelham com o Códice de Dresden; a data em questão é a mais recente conhecida até hoje em um edifício maya⁸⁵.

Figura 26 e 27 - Esq. Lintel 1 da pintura mural de Playa del Carmen (circa 1200–1520).
Dir. Dibujo de Christian Pager, 2004.



Fonte: HERBERT M., K., 2004. p 35 e 38.

Figura 28 - Murais de Mayapán na Estrutura Q161. Yucatán (circa 1350–1400 d.C.).



Fonte: MILBRAT, S., et al., 2010. p. 1.

A Estrutura 44 de Tancáh em Quintana Roo (Figura 30), apresenta semelhanças com as pinturas do Clássico na representação de temas relacionados à vida, à morte, ao renascimento, às deidades e não trata de temas históricos de guerra

⁸⁵ HERBERT M., K.; 2004; p. 37.

da nobreza; neste mural são representadas três deidades, uma delas é o Deus do Milho⁸⁶. No sítio arqueológico de Xcaret também foram encontrados fragmentos de pintura mural que datam entre 1200–1400 d.C. (Figura 29), possivelmente seja um representação de Itzamnaaj, a deidade mais importante para os Mayas⁸⁷, perante a um plantio de milho.

Figura 29 - Fragmento de pintura mural de Xcaret. Quintana Roo (circa 1200–1400 d.C.).



Fonte: fragmento-de-pintura-mural.html?lugar_id=1809. Acesso em: 2 fev. 2024.

Figura 30 - Murais de Tancáh, Quintana Roo. Mural na Estrutura 44. Reprodução de Felipe Dávalos. (circa 1200–1400 d.C.).



Fonte: MILLER, A. G., 1982. p. 151.

⁸⁶ STAINES C., L.; 2004. p. 11.

⁸⁷ Fragmento de pintura mural. Disponível em: https://lugares.inah.gob.mx/es/zonas-arqueologicas/zonas/piezas/10106-10106-fragmento-de-pintura-mural.html?lugar_id=1809. Acesso em: 2 fev. 2024.

Figura 31 - Estrutura 16 Tulum. Reprodução de Felipe Dávalos. (circa 900–1200 d.C.)



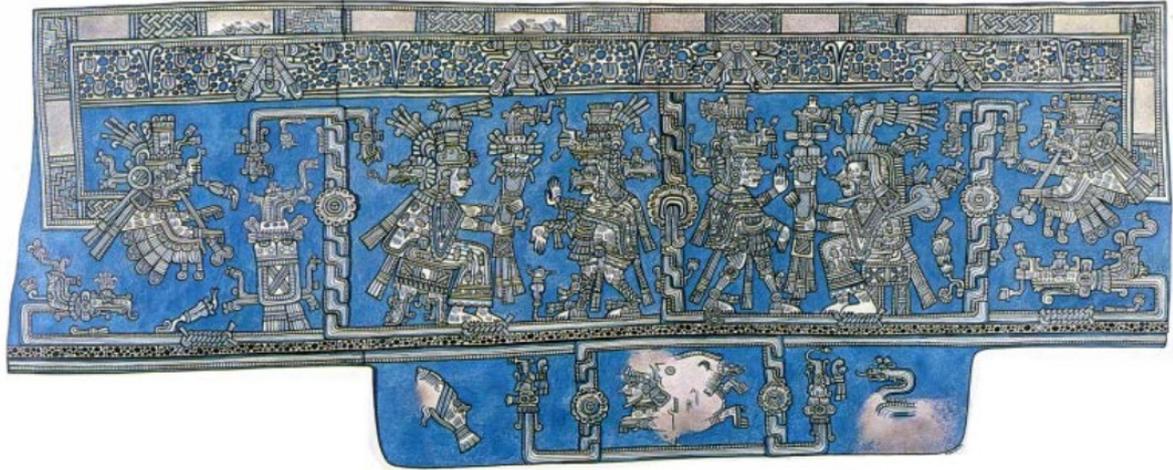
Fonte: MILLER, A. G., 1982. p 161.

Em Tulum, encontramos os dois murais mais representativos do Pós-clássico Tardio, nas Estruturas 5 e 16 (circa 900–1200 d.C.) (Figuras 31 e 32); o primeiro é um painel de três setores que está separado pelo corpo de duas serpentes entrelaçadas, vemos dois casais de deidades, uma masculina recebendo uma oferenda de uma feminina. No segundo vemos figuras variadas de alguns deuses, grãos e outros desenhos. Outras pinturas semelhantes a estas foram encontradas no interior do Rancho Ina na estrutura P-I (Figura 33), conhecida como Casa Azul (circa 1300–1450 d.C.); todas elas são pintadas nas cores azul e preto, as da fachada da Casa Azul no Rancho Ina também têm fragmentos de amarelo. O conjunto destes murais e os de Santa Rita Corozal (Figura 34) em Belize (circa 900–1200 d.C.) mostram conteúdos religiosos, imagens de deidades e rituais de sacrifício, nos quais a figura humana é protagonista e a semelhança estilística com o *Códice de Borgia*⁸⁸ evidenciam

⁸⁸ O Códice de Borgia é um dos poucos manuscritos pré-hispânicos que sobreviveram à destruição causada pela colonização. É um documento que descreve aspectos da religião e da cultura dos povos Nahuas. Recebeu esse nome do cardeal italiano Stefano Borgia que o obteve no século XVIII,

influências culturais e predominam esquemas estilísticos mais abstratos; eles compartilham a influência da tradição Mixteca-Puebla⁸⁹.

Figura 32 - Reprodução do mural do Templo del Dios Descendente, Estrutura 5, Tulum (circa 1200–1400 d.C.).



Fonte: MILLER, A. G., 1982. p 157.

Figura 33 - Reprodução do mural Rancho Ina, Quintana Roo, Estrutura P-I, Quintana Roo (circa 1300–1450 d.C.).



Fonte: Disponível em:
<https://mediateca.inah.gob.mx/repositorio/islandora/object/mural%3A147>.
 Acesso em: 22 jan. 2024.

⁸⁹ GONZALBO E., P.; YANAGISAWA, S.; 2008. p. 63.

Figura 34 - Reprodução do Santa Rita Corozal no Belize (circa 900–1200 d.C.).



Fonte: Disponível em: <https://arqueologiamexicana.mx/mexico-antiguo/tulum-quintana-roo-y-santa-rita-corozal-belice-pintura-mural>. Acesso em: 15 fev. 2024.

Em Chajul, uma comunidade maya Ixil nas terras altas da Guatemala, foram encontrados murais de 300 anos de antiguidade que retratam a vida cotidiana dos Mayas durante o período colonial. Os murais foram redescobertos por acaso em 2005, quando Lucas Asicon, um fazendeiro local, decidiu reformar sua casa. Ao remover o gesso das paredes, ele encontrou figuras de Mayas vestidos com roupas tradicionais, bem como cenas de europeus tocando tambores e flautas (Figura 35). Lucas Asicon e as outras famílias que (re)descobriram os murais estão tomando as medidas necessárias para protegê-los. Os historiadores acreditam que os murais são um importante registro da cultura maya da época; eles mostram como os Mayas se adaptaram à presença dos espanhóis e como mantiveram sua identidade cultural. A preservação dos murais de Chajul é um desafio; o governo da Guatemala não forneceu financiamento para o projeto e as famílias que os descobriram não têm recursos para custear os gastos de conservação. Apesar das dificuldades, as famílias de Chajul estão determinadas a proteger esse tesouro histórico. Eles acreditam que os murais são um legado importante para a comunidade e para o mundo. As cenas retratadas nos murais são variadas; algumas mostram os modos europeus, outras mostram Mayas realizando atividades cotidianas, como agricultura e tecelagem. Os

murais também incluem representações de figuras mitológicas mayas, como o deus da chuva Chaac⁹⁰.

Figura 35 - Lucas Asicono e sua família frente aos murais encontrados na sua casa em Chajul, Guatemala. National Geographic.



Fonte: Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/history/article/120905-maya-murals-found-kitchen-science-mayan>. Acesso em: 15 mar. 2023.

Outro caso de pintura maya colonial são os murais *indocristãos*⁹¹ de Yucatán estudados pela historiadora da arte e antropóloga Amara Solaris e pela cientista Linda Williams, pesquisadora da Pennsylvania State University desde 2018. Entre 1540 e 1590, durante a campanha evangelizadora franciscana em Yucatán, construtores e artistas mayas trabalharam juntos na edificação e decoração de centenas de edifícios cristãos, desde pequenas capelas a enormes templos e complexos arquitetônicos católicos; essa obra material reflete a transformação religiosa da península. A seleção estratégica de cores, especialmente do pigmento *azul maya*⁹², era usada em

⁹⁰ Exclusive Pictures: Maya Murals Found in Family Kitchen. Disponível em: <<https://www.nationalgeographic.com/history/article/120905-maya-murals-found-kitchen-science-mayan>>. Acesso em: 15 de março de 2023.

⁹¹ Tradução do autor para: Arte Indocristiano; é um conceito proposto pelo escritor mexicano Constantino Reyes-Valerio (1922–2006) em 1978 para referir-se a produções artísticas de teor católico feitas na *Nueva España* por indígenas e mestiços.

⁹² O historiador Constantino Reyes Valerio cunha esse termo para um tipo de pigmento azul turquesa procedente da Península de Yucatán; ele foi identificado nas pinturas de Las Higueras, Bonampak e até em Tenochtitlan e Cacaxtla que não são territórios mayas. DE LA FUENTE, B.; 1994. p 238.

superfícies arquitetônicas e ícones litúrgicos. Isso auxiliava os novos católicos indígenas a harmonizar as concepções cristãs de divindade com as ideologias sagradas existentes antes do contato com os espanhóis. Por meio de uma abordagem interdisciplinar que combina fontes visuais, documentos textuais e técnicas para a caracterização de materiais, foi possível demonstrar como a teoria da cor azul maya desempenhou um papel ativo na formação do catolicismo local⁹³.

Figura 36 - Mural maya cristão no Monastério de Santa Clara em Dzidzantún, Yucatán.



Fonte: Disponível em: <https://www.psu.edu/news/research/story/worlds-collide-art-history-and-materials-science-yucatan/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

O estudo e a relevância dessas manifestações artísticas incentivam sua inclusão na disciplina da história da arte. Este texto aspira contribuir à historiografia, assumindo que o tema é de interesse comprovado para historiadores da arte em pesquisa arqueológica. Sua função é reconstruir imagens e interpretar significados. As pesquisas e escavações das últimas décadas nos sítios arqueológicos mayas têm revisado e enriquecido radicalmente nosso entendimento dos reinados e da cultura Maya ancestral. No decorrer do tempo, os estilos da pintura mural maya mostram uma técnica unificada a pesar das variações de recursos materiais e das condições

⁹³ Worlds Collide: Art history and materials science in the Yucatán
Disponível em <https://www.psu.edu/news/research/story/worlds-collide-art-history-and-materials-science-yucatan/> Acesso em 15 de abril de 2024.

climáticas de cada localidade. Existe uma homogeneidade no estilo de uma figuração orgânica sempre acompanhada de contornos e uso de linhas que cercam as superfícies coloridas. A figura humana é o componente principal nos temas históricos e religiosos. Aqui, governantes e guerreiros coexistem com deidades antropomórficas e zoomórficas. Apesar das mudanças estilísticas na pintura mural maya, ela revela tendências, mudanças políticas e sua cosmogonia e cosmovisão⁹⁴. O historiador George Kubler sugere que um dos resultados pictóricos da influência da Pintura Mural Maya foi a elaboração de ilustrações em manuscritos; ele observa o sistema de sequências de glifos interrompidos por figuras que ilustram seus significados e, ainda, usa como exemplos os murais de Tulum e sua semelhança com as ilustrações do Códice Peresiano⁹⁵ (também conhecido como Códice de Paris), a elaboração dos códices seria, então, o final do caminho pictórico da Pintura Mural Maya⁹⁶. Ele conclui:

“Mas se a pintura mural foi, por muito tempo, o campo no qual as inovações formais surgiram e se desenvolveram originalmente, então é para a pintura mural, e não para a história da cerâmica, que devemos olhar para descobrir os fatos que moldaram a história da arte mesoamericana antiga... Até agora, os arqueólogos nos deram uma história detalhada dos tipos de cerâmica, mas ainda falta uma história da pintura americana antiga na qual a história da cerâmica pintada seja apenas um capítulo. Quando essa história puder ser escrita, se é que isso será possível, a história dos murais deverá estar entre seus principais temas”⁹⁷.

2.2 Aspectos históricos e religiosos nos Murais de Bonampak no estado mexicano de Chiapas (791 d.C.)

⁹⁴ LOMBARDO R., S.; 2001. p. 151

⁹⁵ O Códice de Paris é um dos três manuscritos mayas e foi pintado em Yucatán no período Clássico. Ele serve para contar os anos. Esse nome foi dado devido a que foi encontrado em um caixote de lixo na biblioteca de Paris em 1859.

⁹⁶ KUBLER, G.; 1967. p. 59.

⁹⁷ Tradução do autor para: Pero si la pintura mural fue por largo tiempo el campo en que originalmente aparecieron y se desarrollaron innovaciones formales, entonces es hacia la pintura mural, y no hacia la historia cerámica, a donde debemos mirar para descubrir los hechos que dieron forma a la historia del arte antiguo mesoamericano... Hasta ahora, los arqueólogos nos han dado una historia detallada de los tipos de cerámica, pero todavía falta una historia de la antigua pintura americana dentro dentro de la cual la historia de la cerámica pintada sea sólo un capítulo. Cuando esa historia se pueda escribir, si es que alguna vez sea posible, la historia de los murales deberá figurar entre sus temas principales. KUBLER, G. 1967. p. 65.

O sítio arqueológico de Bonampak fica localizado no estado mexicano de Chiapas, no sul do país, e foi uma importante rota de comércio e transporte no passado e, hoje, é um dos sítios arqueológicos mais relevantes devido à complexidade da sua arquitetura e de seus murais, que tiveram sua importância histórica durante o Período Clássico Inicial (300-650 d.C). Os murais de Bonampak (Figura 36) são considerados alguns dos mais importantes e melhor conservados murais da Arte Maya; a arqueóloga Heather Hurst cita a historiadora Mary Miller e sugere que estes murais foram feitos por pintores que também eram escultores devido à comparação do estilo e composição das extremidades das personagens com a Estela 1 de Yaxchilan⁹⁸. Eles estão distribuídos pelas quatro paredes de três salas cerimoniais. A criação dos murais de Bonampak data de 791 d.C e eles foram reportados pelo arqueólogo Gilles Healey, um estudante norte-americano que obteve prestígio e reconhecimento por ter feito um grande “descobrimento”. Ele, na verdade, foi levado ao sítio arqueológico por homens locais, os Lacandones⁹⁹ que sabiam da existência desse lugar há muito tempo. Em 1946, não houve uma descoberta por parte de Healey, o que houve foi a apresentação do sítio de Bonampak aos grandes estudiosos sobre a cultura Maya que estavam concentrados em Washington; isso gerou uma disputa entre arqueólogos mexicanos pelo crédito na atribuição da “descoberta”¹⁰⁰, quem “descobriu” primeiro os murais, seriam os Lacandones, nativos do lugar e descendentes diretos dos antigos Mayas ou seria Gilles Healey, um visitante estrangeiro?

Para refletir sobre a noção de “descoberta” podemos pensar nos argumentos da professora Diana Taylor quando cita as primeiras impressões dos europeus ao chegarem no Novo Mundo. No capítulo ***“Roteiros do Descobrimento: reflexões sobre performance e etnografia”***, do seu livro ***“O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas” (2013)***, Taylor faz uma crítica perspicaz à noção de “descobrimento” nos processos etnográficos, questionando os

⁹⁸ URQUIZÚ, M.; HURST, H.; 2003. p. 332

⁹⁹ Os Lacandones são os nativos da selva de Chiapas, devido ao seu status de afastamento, acredita-se que eles são descendentes diretos dos nobres mayas que se refugiaram na selva Lacandona.

¹⁰⁰ The Splendid Maya Murals of Bonampak, Mexico, with Prof. Mary Miller. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EDudtA1nVa4&ab_channel=YaleUniversity>. Acesso em: 3 de junho de 2022.

conceitos como "transferência" cultural, ação que justificaria a "performance da conquista" dos europeus no território americano; ela argumenta que a perspectiva do "descobrimento" mantém uma visão eurocêntrica da pesquisa etnográfica, onde o pesquisador assume o papel de um explorador desbravando áreas "desconhecidas". Essa perspectiva ignora a agência e autonomia dos povos em questão, reduzindo suas culturas a objetos de estudo exóticos que serão "desvendados" pelo olhar desse estrangeiro investigador. A autora questiona a ideia de "transferência" cultural, que supõe a simples importação de práticas e ideias de uma cultura para a outra, tornando-a refém de um olhar que se apresenta paternalista¹⁰¹. Retomando o assunto principal sobre murais de Bonampak, e sobre a repetição do conceito de "descoberta" em relação a sítios arqueológicos e murais estudados na bibliografia que é base deste texto, faço uma provocação: pode um visitante estrangeiro descobrir algo que foi feito pela mão do homem, que já existia há milhares de anos e que era conhecimento dos habitantes locais?

Os estudos destes murais contribuíram com as pesquisas que apontam os Mayas como guardiões do tempo, que viviam em harmonia com aspectos da vida religiosa, e revelavam que, ao mesmo tempo que eram pacíficos, também tinham práticas violentas de tortura com seus cativos de guerra. O etnógrafo especializado em Mesoamerica, Eric Thompson¹⁰² foi responsável pelas investigações do sítio e contribuiu com os estudos sobre as interpretações dos murais de Bonampak que serão apresentadas a seguir. O protagonista da história retratada nos murais é o governante Chaan Muán II (Céu Harpia)¹⁰³; na primeira sala, é apresentado como um guerreiro em uma cena de guerra, na qual um grupo de guerreiros mayas está submetendo um grupo de prisioneiros inimigos. Na segunda sala se observa uma cena de cerimônias religiosas; um grupo de sacerdotes e dignatários mayas comemoram a vitória de uma guerra militar. Os murais de Bonampak são uma fonte importante de informações sobre a cultura e a história Maya, neles os Mayas compartilharam sobre a vida cotidiana, a guerra e seus rituais religiosos. O azul utilizado nos murais era um pigmento muito caro para a época, sugerindo, assim, que os murais foram feitos para a apreciação da elite local. Em um primeiro momento, os

¹⁰¹ TAYLOR, D.; 2013. p. 92.

¹⁰² Eric Thompson (1898–1975) foi um etnógrafo e arqueólogo britânico maya.

¹⁰³ Chaan Muán II reinou em Bonampak entre os anos 776 e 795 d.C.

murais estavam parcialmente cobertos por grossas camadas de poeira que foi removida usando querosene, porém, algumas partes foram perdidas devido ao uso indevido de água na investigação. Posteriormente, na década de 1980, foi utilizada luz infravermelha para restaurar os murais, encontrando os traços e reproduzindo-os da maneira mais fiel possível.

Figura 37 - Reprodução do Mural da Segunda Sala do Sítio Bonampak de Heather Hurst e Leonard Ashby, 2001.



Fonte: Disponível em: <https://artgallery.yale.edu/collections/objects/193024>. Acesso em: 23 jun. 2022.

O significado de Bonampak no espanhol e português é *muros pintados*¹⁰⁴. Em 1999, os arqueólogos e artistas da Universidade de Yale, Heather Hurst e Leonard Ashby se dedicam a reproduzir os murais de Bonampak sob a supervisão da professora de História da Arte Mesoamericana Mary Miller, professora da escola Vincent Scully da Universidade de Yale¹⁰⁵. Mary Miller é a responsável pelas principais pesquisas sobre os sítios de Bonampak desde os anos 80 e fez interpretações das narrativas dos murais e seus significados, concluindo que os elementos da pintura se expandem na arquitetura da Estrutura 1, na sua decoração e no conteúdo artístico¹⁰⁶. O trabalho artístico único de H. Hurst apanha de maneira equilibrada sua visão precisa e seu conhecimento científico da cultura e história maya para oferecer clareza e informação para seus próprios estudos do registro visual e arqueológico. Desta maneira, as reconstruções dos murais da arqueóloga-artista ajudaram a prolongar sua bolsa de pesquisa durante os anos de investigação. A relevância deste trabalho foi

¹⁰⁴ MILLER, M.; 2013 p.154.

¹⁰⁵ Authentic duplication of Maya murals is laborious task. Disponível em: <http://archives.news.yale.edu/v30.n11/story17.html>. Acesso em: 4 dez. 2023.

¹⁰⁶ GRECCO P. D.; DANTAS, M. F.; 2015 p. 137.

reconhecida pela MacArthur Foundation em 2004, quando Hurst foi nomeada Membro Honorário da instituição pelo seu trabalho na reprodução dos Murais de Bonampak. As pinturas abrem portas ao desconhecido mundo da dança e da música pré-hispânica e reafirmam sua importância nas celebrações de rituais realizados em recintos secretos, exclusivos das dinastias. Uma das cenas é uma procissão de nobres músicos que mostra um flautista tocando uma ocarina, seguido de um grupo de trompetistas e integrantes com carcaças de tartaruga, mostra um homem tocando um atabaque de madeira e couro e um grupo de homens tocando chocalhos. Percebemos que a cena é de caráter religioso e podemos encontrar alguns músicos usando máscaras e elementos zoomórficos, e esse é um registro de rituais feitos pelos humanos para interagir com os deuses através da música (Figura 38).

Bonampak foi uma das últimas construções arquitetônicas erguidas perto do Rio Usumacinta. A batalha representada aconteceu em 791 d.C., antecedendo a cerimônia registrada, porém, as pinturas não foram finalizadas, e posteriormente, houve as migrações que obrigaram os Mayas a abandonar seus territórios¹⁰⁷. Perto de Bonampak existe outro caso similar, as esculturas das construções em Yaxchilán, foram construídas em 800 d.C, e abandonadas em 808 d.C., também sem serem concluídas. Os estudos existentes sobre Bonampak ainda não são suficientes para entendermos se as cenas pintadas nos murais são registros da realidade ou se se trata de uma narrativa simbólica ou mitológica; George Kluber supõe que teriam sido os mayas do período Clássico que teriam inventado a composição de várias cenas em paredes contínuas já que isto não acontece em outras culturas como na Teotihuacana¹⁰⁸.

Estrutura 1: os murais pintados dentro da estrutura convidam ao espectador a apreciar uma história descrita nas três salas e que envolve a elite local, contada em três episódios de eventos que aconteceram em temporalidades diferentes, porém, a Sala 1 e 3 são de datas próximas, enquanto, a da Sala 2, a da guerra, teria acontecido 5 anos antes. As pinturas são acompanhadas por sequências de hieróglifos que descrevem os personagens e falam sobre um ritual de ascensão de um novo governante da cidade em 791 d.C., porém, não conseguimos identificá-lo devido à

¹⁰⁷ MILLER M.; 2013. p. 174.

¹⁰⁸ KLUBER, G.; 1967. p. 55.

danificação nessa área do mural. Na sala 1, é apresentado um ambiente interior da nobreza em uma cena ritualística que envolve músicos e dança, dois nomes de jovens nobres personagens foram identificados, também na Sala 2 e 3¹⁰⁹.

Figura 38 - Detalhe dos Murais de Bonampak: Sala 1 muro este, Procissão de Músicos (reprodução) De Agostini Picture Library.



Fonte: Disponível em: <https://www.thoughtco.com/the-murals-of-bonampak-chiapas-mexico-171611>. Acesso em: 5 jul. 2023.

Na Sala 2 se apresenta uma narrativa de guerra que desdobra em três paredes; a cena apresenta o então governante de Bonampak, Chan Muan II, que governou até 795 d.C. Ele aparece submetendo prisioneiros de guerra nas paredes norte e sul da sala. Era comum, entre os Maias de Bonampak, que os artistas representassem cenas da vida dentro dos nichos de nobreza das elites locais, tanto nas pedras e paredes talhadas, quanto em pinturas murais e vasos utilitários policromáticos feitos no período Clássico. As pinturas dos Murais de Bonampak destacam-se pela sua figuração realista e minuciosa; nelas, vemos grupos de pessoas retratadas em cenas da elite local nos palácios e, também, cenas de conflito e de captura de prisioneiros. Os estudos químicos dos pigmentos revelaram que foram utilizados pelo menos 6 tipos de azul, incluindo o azul maya, e 5 tipos de tons de verde, revelando a técnica e

¹⁰⁹ MILLER M.; BRITTENHAN, C.; 2013, p. 79.

o conhecimento que possuíam os antigos escribas-pintores mayas que eram responsáveis pela execução dos projetos artísticos. Bonampak é uma obra-prima para a história da arte e da pintura¹¹⁰.

Figura 39 - Murais de Bonampak, Chiapas (Mexico). Detalhe mostrando uma cena de celebração entre os nobres (reprodução) De Agostini Picture Library.



Fonte: Disponível em: <https://www.thoughtco.com/the-murals-of-bonampak-chiapas-mexico-171611>. Acesso em: 5 jul. 2023.

O esqueleto de Bonampak: Devido aos terremotos que aconteceram entre 2005 e 2007, os arqueólogos fizeram novos estudos baseados em redescobertas de resquícios de ritos cerimoniais. Formou uma rachadura perto da parte do mural que representa as cenas de tortura e, durante os processos de manutenção da estrutura, foi encontrado um esqueleto humano sem o crânio. Em uma matéria publicada em 12 de março de 2010 no site da National Geographic, o arqueólogo Emílio Galaga Marreta explica que se trata de um guerreiro da alta classe que teria sido oferecido como sacrifício, e especula-se que poderia ser de um prisioneiro de guerra¹¹¹. Pouco se sabe sobre os motivos certos que levariam os Mayas a colocar uma tumba nesse

¹¹⁰ MILLER M.; 2013 p. 85.

¹¹¹ Headless Man's Tomb Found Under Maya Torture Mural. Disponível em: <<https://www.nationalgeographic.com/history/article/100312-headless-bonampak-tomb-maya-torture-mural>>. Acesso em: 14 de novembro de 2023.

recinto, mas é claro que se tratava de uma cerimônia importante. Galaga afirma que os enterros dentro de templos mayas e nas pirâmides são comuns, mas desconhece o contexto em que aquele enterro pode ter sido realizado. Os restos do cadáver indicam que se trata de um homem entre 35 e 42 anos que sofreu um tipo de artrite e teve seu crânio removido por motivos desconhecidos. Pelas jóias que usava identificaram que era um nobre que foi capturado e sacrificado no recinto. Existe, ainda, a possibilidade de este homem poder ser parente de Chan Muaan II, governador de Bonampak na época em que os murais foram feitos. Com o esqueleto, foram encontrados objetos de jade e conchas do tipo *Spondylus* que estão representados na primeira sala do templo. A morte deste governante pode estar relacionada à própria pintura mural e apontar para uma evidência das imagens representadas. A decapitação era uma prática recorrente entre os antigos mayas no contexto da guerra e a falta da cabeça causou curiosidade sobre o paradeiro dela, porém, brincos de jade foram encontrados, o que sugere que estavam colocados nas orelhas e que existe a possibilidade do crânio ter erodido e decomposto no lugar. Existe a hipótese, também, de que o crânio possa ter sido levado por saqueadores de tumbas que deixaram os colares, pingentes e uma concha laranja e violeta que era comum entre os nobres.

As primeiras reproduções dos Murais de Bonampak são da autoria de Rina Lazo (1923–2019), uma artista guatemalteca que ganhou o concurso para criar uma réplica dos murais de Bonampak para o Museu Nacional de Antropologia do México. Ela viajou para a selva com seu marido, o muralista Arturo García Bustos (1926–2017), e começou o trabalho de decalque em março de 1964. As fotografias dos murais não eram adequadas para a reprodução, então a artista e sua equipe usaram os desenhos feitos entre 1947 e 1948 pelo muralista mexicano Agustín Villagra Celati (1907–1985) e pelo pintor guatemalteco Antonio Tejada Fonseca (1908–1966). Eles também coletaram amostras de cores para garantir a cópia mais fiel possível. O trabalho foi meticuloso e exigiu muita observação e atenção aos detalhes. Rina Lazo estudou desenho, linha e contorno das figuras para garantir que a cópia fosse precisa. Ela também pesquisou a técnica e os pigmentos da pintura maya para que pudesse recriar os murais com a maior fidelidade possível. A réplica foi inaugurada em 1967 e recebeu elogios de personalidades como o escritor guatemalteco Miguel Ángel Asturias, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura. A fidelidade e a excelência do

trabalho de Rina Lazo levaram a uma série de exposições dos decalques dos murais de Bonampak¹¹².

Figura 40 - Rina Lazo e sua reprodução dos Murais de Bonampak. Archivo Histórico del Museo Nacional de Antropología do México.



Fonte: Disponível em:

https://mna.inah.gob.mx/detalle_huella.php?pl=Fallece_Rina_Lazo_autora_de_las_replicas_de_los_murales_de_Bonampak. Acesso em: 14 set. 2022.

¹¹² Murió Rina Lazo, autora de las réplicas de los murales de Bonampak. Disponível em: https://mna.inah.gob.mx/detalle_huella.php?pl=Fallece_Rina_Lazo_autora_de_las_replicas_de_los_murales_de_Bonampak. Acesso em: 14 set. 2022.

3 OS MURAI DE SAN BARTOLO E O LEGADO DE MULHERES ARTISTAS E ARQUEÓLOGAS

3.1 Reconstrução de um imaginário milenar através do trabalho artístico da arqueóloga Heather Hurst e sua contribuição para compreensão da cosmovisão maya representada nos Murais de San Bartolo no Petén, Guatemala (100 a.C.)

Este capítulo se propõe fazer uma reflexão sobre os fatos correspondentes aos estudos dos Murais de San Bartolo, um conjunto de manifestações artísticas da antiga civilização Maya datados entre 100 e 200 a.C. e investigados a partir de pesquisas de campo na selva do Petén na Guatemala. Sua relevância e os estudos multidisciplinares nas pesquisas contemporâneas partem da arqueologia e chegam aos espaços expositivos de arte, modificando o nosso entendimento das representações artísticas pré-hispânicas na Mesoamérica. A partir de 2001, começaram as investigações de um conjunto dos murais da civilização Maya na selva do Petén na Guatemala. Estes murais são considerados os mais antigos até agora encontrados, modificando o que sabemos sobre a cosmovisão Maya e as cerimônias religiosas, também o legado de governantes, escultores e escribas. Os Murais de San Bartolo narram visualmente a criação do mundo por meio de rituais de humanos com deidades antropomórficas e zoomórficas.

De qualquer maneira, por muito tempo, estes murais permaneceram soterrados numa estrutura inferior que continha mais pinturas; eles foram intencionalmente destruídos e espalhados em milhares de fragmentos e logo escondidos pelos Mayas¹¹³ da época. Depois de 15 anos de trabalho multidisciplinar com os estudos arqueológicos e tecnologia avançada, incluindo a participação da NASA, análise de laboratório e restauro, os resultados são satisfatórios e acrescentam mais um capítulo para a história do passado da Mesoamérica.

¹¹³ Painting with mittens and bananas. Heather Hurst at TEDxSkidmoreCollege. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VE_25R_b86M&t=335s. Acesso em: 3 jan. 2021.

Figura 41 - Estado original do Mural Oeste da Estrutura SUB-1A.



Fonte: Disponível em: <https://es.thebrainchamber.com/san-bartolo/>. Acesso em: 4 jan. 2023.

Os murais expressam a forma de entender o mundo da cultura de um povo milenar através das suas representações artísticas permeadas de significados religiosos e suas intersecções com a ciência e a inserção na arte contemporânea. Atualmente, a arqueóloga-artista Heather Hurst é reconhecida pelas suas contribuições na reconstrução gráfica dos Murais de San Bartolo e na interpretação dos seus significados. É na pesquisa e produção de Heather Hurst que iremos nos aprofundar nas páginas seguintes, pensando na relevância desta investigação para a região Mesoamericana e, também, sobre estudo da Pintura Mural Maya. O trabalho multidisciplinar da arqueóloga-artista Heather Hurst tem um papel central nestas pesquisas e deu corpo a duas exposições de arte, produzidas por ela e exibidas no Tang Museum em *Saratoga Springs*, New York: a primeira foi ***Maya Murals: The Art of Power***, que ficou em cartaz de 11 de outubro de 2008 a 23 de janeiro de 2009. Esta mostra foi composta pelas reproduções do Mural Norte da Estrutura SUB-1A de San Bartolo, e a reprodução dos Murais de Bonampak, outros desenhos arquitetônicos originais e objetos relacionados que agora fazem parte da coleção da instituição. Baseadas em sua formação como artista e arqueóloga, as reconstruções de pinturas propostas por Hurst nos levam a uma profunda investigação sobre a vida de nobres mayas do período Pré-clássico, que compreendeu o período de 250 a.C. – 300 d.C., além da análise química de pigmentos originais dos murais, gama de cores,

intensidade e sua fluência no entendimento dos glifos mayas em inscrições. Seu trabalho combina arte e ciência para suscitar um novo entendimento da informação codificada nos murais. Com recentes descobertas que decifram glifos por outros acadêmicos, os murais reconstruídos por Hurst decodificam e descrevem um complexo sistema político muito mais antigo de como era entendido anteriormente, sendo um deles baseado nos mitos do poder e força militar

A segunda exposição ***7.000 Maya Fragments: Murals from San Bartolo, Guatemala*** (Figura 49), apresenta uma obra definida pela artista como uma *Pop-up installation*¹¹⁴ em escala real, expondo o conjunto de aquarelas que resultaram numa exposição temporária que durou uma semana, realizada entre 21 e 28 de abril de 2018 na Tang Gallery do Skidmore College, em New York, e houve também um programa de encontros com a comunidade acadêmica tocando em temas pertinentes às pesquisas arqueológicas e à identidade da comunidade latina local, principalmente de imigrantes descendentes da região da Mesoamérica. Hurst realizou uma minuciosa reprodução dos Murais de San Bartolo, e com a ajuda de outros profissionais decodificou o conteúdo pintado neles¹¹⁵.

O sítio arqueológico de San Bartolo encontra-se ao noroeste do departamento do Petén, no meio da selva e sua localização é estratégica em relação a outros sítios próximos que foram centros urbanos importantes no passado. Antes da década de 1980, o sítio teve a presença de seringueiros e moradores de aldeias próximas, o que despertou o interesse da equipe do Instituto de Antropologia e História da Guatemala para realizar trabalhos de limpeza e reconhecimento, porém, foi só no ano de 1998 que se realizou o diagnóstico da zona, mesmo sem ter intervenção arqueológica por parte de órgãos competentes, um descuido que permitiu à invasão de saqueadores que buscavam vasilhas e outros artefatos para comercializá-los de maneira ilegal, prática muito comum nos assentamentos arqueológicos mesoamericanos e que gerou a perfuração de mais de 100 túmulos. Em 2001, o arqueólogo estadunidense William Saturno se encontrava visitando o sítio pelo projeto *Corpus de Inscripciones Jeroglíficas Mayas* do *Peabody Museum* da Universidade de Harvard quando, depois

¹¹⁴ Exposições de arte de curta duração e menos formal do que um museu, tem como finalidade de mostrar o desenvolvimento de uma pesquisa. Geralmente são de caráter imersivo.

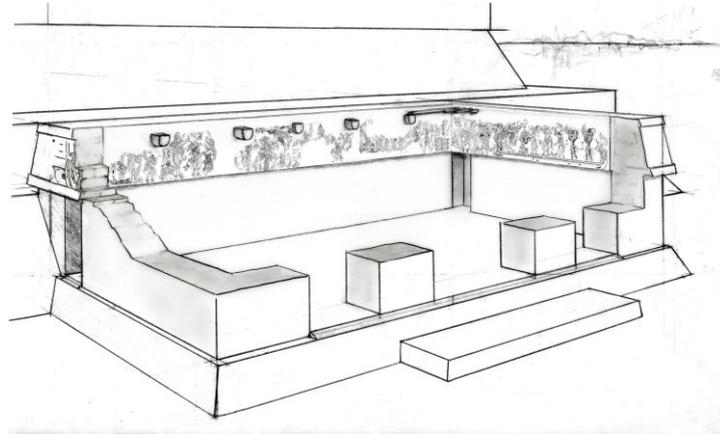
¹¹⁵ 7000 Fragments: Maya Murals from San Bartolo Guatemala. Disponível em: <https://tang.skidmore.edu/exhibitions/248-7000-fragments-maya-mural>. Acesso em: 9 jan. 2023.

de uma longa jornada, entrou em um destes túneis cavados por saqueadores para descansar na sombra e foi nesse momento que ele viu um dos murais que estava parcialmente exposto. Por este fato a suposta “descoberta” é atribuída a William Saturno, mesmo entendendo que o mural tinha sido visto antes pelos saqueadores que o cavaram. Em 2002, começaram as escavações e investigações intensivas no lugar e se estenderam ao longo de 15 anos, sendo financiadas pelo Archaeological Institute of America e pela Universidade de Boston, onde Saturno ministra aulas, e tendo até a participação da NASA. Os murais estão localizados na Estrutura SUB-1A do complexo arquitetônico denominado Las Pinturas, composto por várias edificações piramidais, e entende-se que foram construídas com finalidades religiosas e sua elaboração data do período Pré-clássico Tardio, especificamente entre os anos 100 e 200 a.C., período caracterizado por importantes transformações e mudanças internas que levaram ao afloramento e expansão territorial da civilização Maya. As expressões artísticas refletem a cultura, religião e os aspectos sociopolíticos dos povos, abordando diversas temáticas de maneira narrativa e têm a função comunicar saberes cosmogônicos e acontecimentos históricos. Na cultura dos Mayas as pinturas murais expressavam aspectos sagrados e profanos da sociedade e principalmente acontecimentos relacionados a seus governantes e seus deuses.

Mural Oeste da Estrutura SUB-1A: Nos seus treze metros de comprimento, conta a história do nascimento dos cosmos segundo os mayas e o ato de coroação de um governante (Figura 43). Na primeira seção aparecem cinco deidades, os primeiros quatro são representações duplas dos gêmeos deuses Hunahpú e Ixabalanqué, cujas aventuras são narradas no Popol Vuh, cada um oferecendo um sacrifício perante uma árvore sagrada, que criaria a ordem no mundo dos humanos. Na cosmovisão dos Mayas, as quatro árvores representam os quatro cantos principais em relação ao centro do mundo. Começando pelo lado esquerdo, observamos que esses deuses perfuram o pênis com galhos, derramando sangue de sacrifício como oferenda (Figura 43). O primeiro oferece um peixe, que representa o mundo aquático; o segundo, um veado que simboliza a terra; o terceiro, um pavão que representa o céu. A quarta deidade entrega flores cheirosas e coloridas que representam o incenso, o sustento dos deuses em um paraíso florido onde o sol renasce todos os dias. Em cima de cada árvore a grande deidade pássaro observa os sacrifícios dos deuses. O quinto deus (representação danificada) representaria o Deus do Milho, uma das

principais deidades dos Mayas, relacionadas com o centro do universo e a origem da vida.

Figura 42 - Simulação do interior da Estrutura SUB-1A, Heather Hurst, 2008.



Fonte: HURST, H., 2005. p. 619.

Os deuses atingiram, em escala cósmica, o que os reis realizaram na vida real. Assim como os deuses organizaram os cosmos, os governantes estruturaram as cidades, edificações e campos de plantio com quatro lados, semelhante aos pontos cardeais. Na segunda seção do Muro Oeste se observa o que seria a ascensão de um rei ao trono. Nessa narrativa, ele encarna o Deus do Milho e se autoproclama um governante divino, a representação da vida e da morte que coincide com o ciclo agrícola¹¹⁶ (Figura 44). Nas palavras de Boris Beltrán, subdiretor do projeto San Bartolo Xultún para uma matéria publicada no jornal online do ministério de Cultura e Deporte da Guatemala: “É como se um grão de milho que quando é plantado apodrece, é associado à morte, porém depois renasce, dá vida, vive e dá vida e depois morre...”¹¹⁷.

¹¹⁶ SATURNO, W. A. STUART, D. TAUBE, K. 2005. p. 629.

¹¹⁷ Tradução do autor para “Es como un grano de maíz que cuando se siembra se pudre, se asocia con la muerte, pero luego renace, da vida, vive y da vida y luego muere”. Disponível em: <<http://culturaguatemala.com/2021/11/11/murales-de-san-bartolo-un-tesoro-en-el-corazon-del-mundo-maya/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

Figura 43 - Reprodução do Mural Oeste da Estrutura SUB-1A, parte 1 de 3, Heather Hurst.



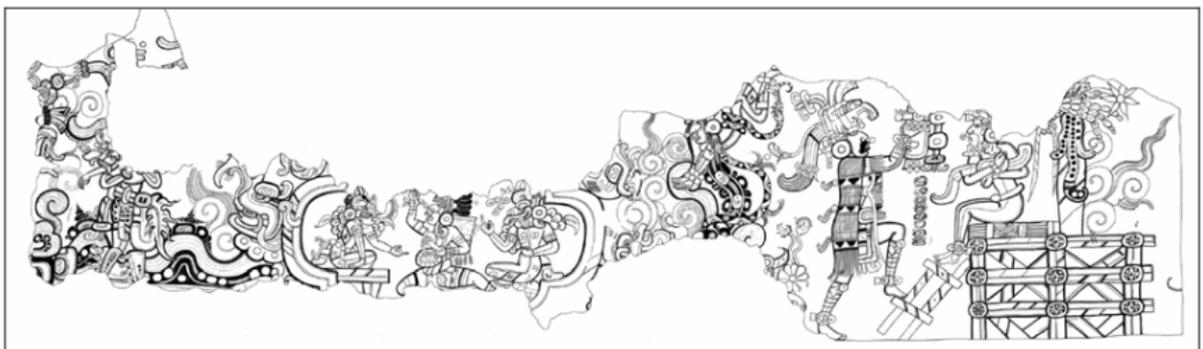
Fonte: HURST, H., 2005. p. 621.

Figura 44 - Reprodução do Mural Oeste da Estrutura SUB-1A, parte 2 de 3, Heather Hurst.



Fonte: HURST, H., 2005. p. 621.

Figura 45 - Reprodução do Mural Oeste da Estrutura SUB-1A, parte 3 de 3, Heather Hurst.



Fonte: HURST, H., 2005. p. 621

É importante mencionar que essas quatro árvores sagradas aparecem também no **Códice de Dresden**¹¹⁸ e foram identificadas pelos sacrifícios oferecidos a cada uma. Sobre cada árvore há um pássaro mítico, relacionado ao pássaro monstro Vucub Caquix, derrotado pelos gêmeos heróis antes da sua partida para *Xibalbá*. Na parte final do mural, junto dos gêmeos heróis e os pássaros míticos há uma quinta árvore que acompanha o Deus do Milho. Esta quinta árvore representa o centro do mundo (*axis mundi*); esta afirmação é feita a partir de comparações entre os Mayas clássicos e outros povos como os Olmecas e os Mexicas, para os quais o centro do mundo era uma planta de milho. Nas últimas duas partes da composição, vemos o Deus do milho em sua versão infantil e na sequência ele segurando um tambor e dançando em sua forma jovem, dentro de uma caverna-tartaruga, entre o Deus da Chuva e o Deus das Águas Paradas.

Na aparição seguinte, o Deus do Milho com as pernas sobre a cabeça entrando na água, ou também interpretado como sua versão moribunda, é a expressão da morte Maya Clássica (*och ha*, cujo significado é "entrar na água"). O Deus do Milho aquático representa a sua morte. A última representação mostra-o sendo coroado por um assistente. Esta é a história dos ciclos da vida humana na Terra: o nascimento, nossa morte e ressurreição, acompanhados pela música e pela dança que eram os meios para estabelecer contato com os nossos ancestrais, segundo os Mayas¹¹⁹ (Figura 45).

Mural Norte da Estrutura SUB-1A: O Mural Norte se estende por quatro metros de comprimento e tem duas cenas principais compostas por quatorze figuras humanas, mas também há representação de animais e sangue em uma narrativa mais complexa. Quatro bebês, ainda com cordão umbilical, nascem de uma cabaça à esquerda. O quinto emerge de um banho de sangue, representando possivelmente o nascimento do Deus do Milho. Esta cena é observada pelo Deus do Milho em sua fase adulta, aparecendo como uma deidade que assiste ao evento. Do outro lado que ocupa o maior espaço se identifica a Montanha Das Flores, habitada por várias

¹¹⁸ É um dos quatro livros mayas que sobreviveram à invasão Espanhola, é um tesouro de conhecimentos sobre astronomia, astrologia, rituais e crenças da civilização Maya. Datado do século XIII, este manuscrito pintado em papel de casca de árvore contém almanaques, tabelas lunares e previsões de eclipses, oferecendo uma visão única da cosmovisão e práticas religiosas dos mayas. Tem esse nome porque foi encontrado em Dresden, na Alemanha em 1739.

¹¹⁹ SATURNO, W. A.; STUART, D.; TAUBE, K.; 2005. p. 629.

criaturas: serpentes, um jaguar, um lagarto e pássaros que voam fora do ninho. No pensamento maya clássico, este é um lugar paradisíaco ancestral com um acesso sobrenatural ao submundo aquático da vida após a morte. Em outras representações, a Montanha Das Flores é o *axis mundi*, o suporte onde crescem os plantios de milho.

Dentro da montanha uma mulher ajoelhada está oferecendo *tamales*¹²⁰ e sobre ela um jaguar devora um pássaro; segundo a cosmovisão dos Mayas representada no Popol Vuh, os humanos foram feitos a partir do milho. Em ambos lados da montanha vemos pássaros sendo devorados, de um lado por uma serpente e, pelo outro, por um jaguar e o sangue jorrado indica a morte dos pássaros. Uma figura masculina oferece uma cabaça que representa a água; o Deus do Milho, vestido de vermelho, recebe as oferendas e está sendo arrumado por uma mulher que provavelmente é a sua esposa e seus filhos Hunahpú e Ixabalanqué (dando a entender que se trata do pai deles Hun Hunahpú), para uma jornada de morte e a ressurreição. Ao longo do espaço se estende uma serpente que serve como superfície do “nível terrestre” para os oito personagens que sobre ela estão representados. Além do Deus do Milho e sua esposa, três homens e três mulheres fazem parte da composição e afirma-se que formam os casais ancestrais que deram origem aos grupos da humanidade, todos usando diferentes tipos de joalheria.

Heather Hurst identificou dois escribas-artistas Mayas que teriam realizado as pinturas e ela os denominou como Pintor Bananas e Pintor Luvas¹²¹, devido à maneira em que eles realizaram os acabamentos das mãos das personagens antropomórficas e isto foi o que lhe permitiu identificar a diferenciação entre os traços dos pincéis. Um terceiro escriba-artista foi identificado no Mural Sul, que teria sido destruído intencionalmente pelos Mayas no ato da ampliação vertical da estrutura, mas não há afirmações sobre qual seria o verdadeiro motivo da destruição do Mural Sul e do Mural Leste que faltam, segundo as investigações, e que alguma vez existiram. A arqueóloga Hurst insiste que ela vê os três como Mestres da Pintura e que não havia a relação artista e assistente, diferenciando da tradição ocidental, e que esta é uma característica de criação artística pensada a partir de como era organizada a

¹²⁰ Comida salgada feita de milho puro ou recheada com carnes e o folhas similar a uma pamonha.

¹²¹ Tradução do autor para: *Painter Bananas* and *Painter Mittens*. O primeiro faz acabamentos de mãos similares a um cacho de bananas, e o segundo parece mais como se os personagens estivessem usando luvas.

sociedade Maya. Ela identificou, também, a ausência de assinaturas por parte dos pintores, o que sugere se tratar de uma escola de pintura da corte real da época e que estes pintores possivelmente eram também escultores e talhadores. Segundo ela, o uso de linhas contínuas e firmes parece mais com o traço de um talhador e que as linhas soltas poderiam ser atribuídas ao estilo de um pintor de cerâmica, comparação feita também nos murais de Bonampak¹²² e nos vasos de cerâmica.

Figura 46 - Reprodução do Mural Norte da Estrutura SUB-1A, Heather Hurst.



Fonte: Disponível em: <https://tang.skidmore.edu/exhibitions/248-7000-fragments-maya-mural>. Acesso em: 9 jan. 2023.

A ideia central do projeto de pesquisa em San Bartolo é manter o sítio onde se encontram os murais preservados para não serem vandalizados ou afetados pelas mudanças climáticas. Segundo uma matéria do jornal universitário *Saratogian*, uma exposição similar foi realizada em junho de 2018 no Museo Nacional de Arqueologia e Etnografía da Guatemala. A escavação arqueológica em túneis durou quatro anos, revelando os murais. A conservação da arquitetura e a estabilização dos corredores de acesso levaram cinco anos. Finalmente, catalogar, analisar e juntar os fragmentos dos murais levou seis anos, conforme o texto da exposição. Nas palavras da artista¹²³:

É muito surpreendente ter a oportunidade de ver o edifício em escala real, isso não é possível devido ao que está enterrado em baixo da construção. Não existe a possibilidade de parar para ver o mural, pois você fica sempre

¹²² URQUIZÚ, M.; HURST, H.; 2003. p. 332.

¹²³ Life-size model of Maya mural chamber at Tang Museum. Disponível em: https://www.saratogian.com/news/life-size-model-of-maya-mural-chamber-at-tang-museum/article_328ffc5b-7662-53ec-89a9-011466eaf7c3.html. Acesso em: 7 jan. 2023.

nos túneis estreitos. É incrível poder ter a oportunidade de trazer isso para a audiência em que as pessoas podem interagir com ele, andar por ele e explorá-lo por elas mesmas de perto. É muito valioso para mim em termos do fator educacional... Esta é uma prova do conceito de que poderemos construir uma mostra parecida na Guatemala¹²⁴.

Figura 47 - Fragmentos do Mural Sul.



Fonte: Disponível em: <https://archaeology.org/issues/november-december-2021/features/piecing-together-maya-creation-stories/>. Acesso em: 28 jan. 2023.

Na atualidade, a reprodução dos murais de Heather Hurst é exposta permanentemente na sala principal do Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia da Guatemala, ao lado dos fragmentos originais que serviram como base para a criação dos murais. Atualmente, as investigações sobre os murais da Estrutura SUB-1A encontram-se pausadas depois de 15 anos contínuos, e o foco das pesquisas agora é os milhares de fragmentos da Estrutura Ixim, que faz parte do complexo arquitetônico de Las Pinturas e sua criação data de 200 anos antes dos Murais da Estrutura SUB-1A¹²⁵.

¹²⁴ Tradução do autor para: This is amazing to have the opportunity to see the building full scale, which is something we have not been able to do because it's buried beneath later construction. You never get a chance to stand back from the mural to see it because you're always in the narrow tunnels. It's great to have a chance to bring it to an audience where people can really interact with it, and walk in and actually explore it on their own and see the murals close up. That's pretty valuable to me in terms of the educational factor... "[This is] a proof of concept that we could build such a display in Guatemala,

¹²⁵ Piecing Together Maya Creation Stories. Disponível em: <https://archaeology.org/issues/november-december-2021/features/piecing-together-maya-creation-stories/>. Acesso em: 28 jan. 2023.

Em um vídeo gravado para *TED TALKS* em 2018¹²⁶, Heather Hurst afirma que o arqueólogo William Saturno teria encontrado o primeiro mural quando descansava em um túnel cavado por saqueadores e que provavelmente eles passaram por ali quando buscavam vasilhas e outros objetos para comercializá-los. Esta afirmação demonstra que os supostos saqueadores (que talvez fizessem parte da população das aldeias próximas do sítio de San Bartolo) já sabiam da existência deste mural porque ele estava parcialmente exposto, mas que, provavelmente, devido à inviabilidade em extraí-lo, teriam deixado-o intacto. Em um documentário da National Geographic de 2005¹²⁷, o próprio arqueólogo conta como foi o primeiro momento em que ele viu o mural; o mural não teria sido, então, encontrado e descoberto pelos saqueadores que o deixaram visível enquanto buscavam artefatos? A noção de descoberta propagada pelos profissionais estadunidenses é reforçada pelo uso de tecnologias e equipes mais sofisticadas, o que parece validar este fato. Por que, então, é atribuída a descoberta a William Saturno se os murais foram expostos pelos saqueadores clandestinos e mostrados pelos moradores locais? Podemos refletir sobre estas afirmações a partir das propostas de Diana Taylor e suas pertinentes críticas às noções de descoberta citadas anteriormente e nas palavras de Marianne Hernández, presidenta da fundação Patrimonio Cultural y Natural Maya (Pacuman), que em uma reportagem da National Geographic sobre novos sítios arqueológicos encontrados nos últimos anos, afirma que muitos dos sítios são novos para nós, porém não para os saqueadores¹²⁸.

¹²⁶ Painting with mittens and bananas. Heather Hurst at TEDxSkidmoreCollege. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VE_25R_b86M&t=335s&ab_channel=TEDxTalks. Acesso em: 3 jan. 2021.

¹²⁷ Los Murales Preclásicos de San Bartolo. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=vlb0XuQyfAA&t=339s&ab_channel=CarlosGonzalezNavarrete. Acesso em 15 de abril de 2024.

¹²⁸ Exclusivo: megalópole maia é revelada sob floresta da Guatemala por varredura de laser. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2018/02/exclusivo-megalopole-maia-e-revelada-sob-floresta-da-guatemala-por-varredura-de-laser>. Acesso em: 31 mar. 2024.

Figura 48 - Exposição *7.000 Maya Fragments: Maya murals from San Bartolo*, visita guiada na Tang Gallery, New York, 2018.



Fonte: Disponível em: https://www.saratogian.com/news/life-size-model-of-maya-mural-chamber-at-tang-museum/article_328ffc5b-7662-53ec-89a9-011466eaf7c3.html. Acesso em: 7 jan. 2023.

Os Murais de San Bartolo foram reconhecidos como Patrimônio Cultural da Nação da Guatemala em 19 de agosto de 2023 e estão sob análise para serem declarados patrimônio cultural da humanidade pela Unesco desde 2012. Os Sítios de San Bartolo e Xultún foram centros de arte e escrita maya por mais de 1.200 anos. A descoberta de murais bem preservados em cada local forneceu informações valiosas sobre o desenvolvimento da pintura mural maya, os materiais usados e o papel da arte na narrativa pública de governança. O projeto dos murais de San Bartolo é financiado pelo *National Endowment for the Humanities* (NEH) em Washington D.C., uma agência federal dos Estados Unidos que apoia pesquisas em humanidades. O prêmio de pesquisa arqueológica e etnográfica do NEH é concedido a projetos que contribuem para o estudo e para o entendimento do passado das culturas humanas. O projeto de San Bartolo é liderado por uma equipe de arqueólogos e etnógrafos da Universidade Estadual de New York em Albany, em colaboração com a Fundação Arqueológica de San Bartolo. A equipe de pesquisa investigará um sistema de estradas recém-descoberto e arte e arquitetura não documentadas anteriormente no sítio maya e a reconstrução dos murais que foram destruídos propositalmente. Ele

também trabalhará com as comunidades mayas locais para explorar as relações entre o homem e a natureza, a Arte Maya e as práticas de criação de lugares. Este é um exemplo crucial de como a pesquisa arqueológica promove o entendimento e respeito pelas culturas indígenas. Também mostra como a colaboração entre arqueólogos, etnógrafos e comunidades indígenas gera informações relevantes para a sociedade atual.¹²⁹.

Figura 49 - Visita de estudantes no Museo Popol Vuh na Universidade Francisco Marroquín, Guatemala, 2024.



Fonte: Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=828649212621032&set=pb.100064278836425.-2207520000&type=3>. Acesso em: 5 abr. 2024.

3.2 O legado de mulheres arqueólogas, artistas e historiadoras da Arte Maya.

No início da década de 1990, as arqueólogas e historiadoras mexicanas Maria Teresa Uriarte (1947) e Beatriz De La Fuente (1929–2005) iniciaram o projeto ***La Pintura Mural Pre-Hispánica*** na Universidade Nacional do México, que incentivou o estudo destas expressões artísticas em sítios arqueológicos e fundamentou as bases que cimentaram algo que podemos entender como Historiografia da Arte Maya.

¹²⁹ Archaeology, the Visual Record, Conservation, and Urbanization & Ecology Disponível em <https://www.xultun.org/research>. Acesso em 5 de abril de 2024.

Beatriz De La Fuente dedicou sua vida a investigar a arte pré-hispânica mesoamericana e atuou como docente, sendo responsável pela publicação de mais de 15 livros sobre os Mayas e os Teotihuacanos, ganhando reconhecimento nacional e internacionalmente; ao mesmo tempo, publicou muitos artigos, dirigiu simpósios e ministrou aula em instituições mexicanas e estrangeiras, também, orientou muitos projetos de mestrado e doutorado. Paralelamente às investigações, De La Fuente teve cargos acadêmico-administrativos e foi diretora da Escola de História da Arte na Universidade Iberoamericana e na UNAM foi diretora da Coleção de Arte da Coordenação de Humanidades e da Direção Geral de Publicações. Também foi membro da Academia de Artes do México, Academia Mexicana de História, vice-presidenta do Comité Internacional *d’Histoire de l’Art* e obteve o Prêmio Nacional de Ciências e Artes¹³⁰.

Companheira e ex-aluna de De La Fuente, María Teresa Uriarte é historiadora da Arte Maya e diretora do projeto de Pintura Mural Pré-Hispânica na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) e já foi curadora de várias exposições com temáticas e artefatos mayas¹³¹, ela foi responsável por apresentar a palestra pré-hispânicos **“Mulheres em destaque, os Mayas, e História da Arte”**¹³² para falar da importância das mulheres pesquisadoras no século XIX e no século XX na Universidade de Harvard em 2019, principalmente essas mulheres que foram citadas nos capítulos anteriores neste texto. A palestra de Uriarte teve seu foco direcionado ao legado de Adela Breton, Tatiana Proskouriakoff e à fotógrafa Alice Dixon¹³³, contribuindo com um dos propósitos que esse texto busca refletir sobre a importância das pesquisas e legados de arqueólogas, artistas e historiadoras¹³⁴. Leticia Staines Cicero é outra historiadora mexicana que se dedica a estudar a pintura mural maya, a sua dissertação de licenciatura foi sobre os murais de Mulchic, em Yucatán. Ela foi

¹³⁰ In memoriam. Beatriz de la Fuente (1929-2005). Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-12762005000200009. Acesso em: 17 out. 2024.

¹³¹ María Teresa Uriarte. Disponível em: <https://www.academiamh.com.mx/miembros/maria-teresa-uriarte/>. Acesso em: 3 out. 2024.

¹³² Tradução do autor para *“Remarkable Women, the Mayas, and Art History”*.

¹³³ Alice Dixon Le Plongeon (1851–1910) foi uma fotógrafa inglesa, escritora e arqueóloga. Ela participou nas primeiras escavações nos sítios mayas de Chichen Itzá e Uxmal.

¹³⁴ María Teresa Uriarte highlights remarkable women in the history of Pre-Columbian archaeology Disponível em: <https://www.doaks.org/newsletter/news-archives/2019/lost-murals-at-chichen-itza>. Acesso em: 20 mar. 2023.

convidada por Beatriz De La Fuente para coordenar as publicações sobre a pintura mural maya; elas trabalharam juntas nos sítios arqueológicos que têm vestígios de pintura mural e identificaram relações entre a pintura mural maya e a teotihuacana. Ela é responsável pela catalogação da pintura mural maya do Instituto de Investigações Estéticas da UNAM¹³⁵. Sonia Lombardo (1936–2014) foi diretora do Museu Nacional de Antropologia, historiadora da arte e arqueóloga mexicana que se dedicou a estudar a pintura mural de Teotihuacán, de Cacaxtla e da área maya; ela fez reproduções e interpretou o conteúdo dos murais a partir de registros históricos, ela propôs que os murais de Cacaxtla em Tlaxcala, apesar de não estarem no território maya, teriam semelhanças marcantes¹³⁶.

A importância do trabalho de pesquisa das historiadoras mexicanas não indígenas e dos arqueólogos estadunidenses é indiscutível, e sua contribuição para a recuperação de saberes ancestrais do povo Maya é muito necessária, porém, é importante mencionar que a maior parte das instituições que têm acervos de arte pré-hispânica fizeram suas coleções a partir de movimentações e transações de procedência duvidosas e extrativismo de patrimônios culturais. A partir desses fatos podemos elaborar algumas reflexões que são descritas a seguir:

No seu texto *História da Arte e a Mulher* (1990), Whitney Chadwick cita exemplos de como artistas mulheres foram apagadas, devido às atribuições equivocadas e interesses particulares dos homens ao longo da história da arte ocidental desde o Renascimento italiano. A autora chama a atenção à maneira como a historiografia ocidental tratou a produção e memória de mulheres intelectuais e artistas, desmerecendo suas produções por convenções e suposições equivocadas sobre o gênero do artista¹³⁷. O texto de Chadwick nos ajuda a reconhecer e valorizar o fato de que a História da Arte Maya recente é predominantemente escrita e produzida por mulheres artistas-arqueólogas e historiadoras contemporâneas e do século passado. Apesar das possíveis dificuldades enfrentadas por estar em uma área acadêmica historicamente dominada por homens, estas mulheres obtiveram

¹³⁵ Leticia Staines Cicero. Disponível em: <https://www.esteticas.unam.mx/leticia_staines>. Acesso em: 3 de dezembro de 2023.

¹³⁶ Sonia Lombardo. Serie Rostros de la Antropología. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g9A6qS1OSrc>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹³⁷ CHADWICK, W.; 1990. p. 158.

reconhecimento. Isso não impediu o reconhecimento do trabalho delas nos seus respectivos tempos de atividade intelectual. Podemos pensar neste exemplo como um avanço, a partir do momento em que a noção de que a continuidade das relações de poder pelo gênero são trocadas, tendo como protagonistas e líderes intelectuais mulheres.

Podemos afirmar que a arqueologia é uma ciência que estuda os registros das culturas do passado baseando-se nos vestígios deixados pelo lastro da passagem do ser humano por lugares específicos e que, muitas vezes, o estudo da mesma legitima as relações históricas coloniais entre poder, ciência e dicotomia de gênero. A arqueóloga brasileira Loredana Ribeiro no seu texto ***Crítica Feminista, Arqueologia e Descolonialidade*** (2017), sugere que: “gênero, ciência e colonialismo estão correlacionados no pensamento moderno, justificando-se uns aos outros”¹³⁸; se aplicamos essa afirmação ao contexto da História da Arte Maya, é preciso refletir sobre o fato de que todas as principais intelectuais especialistas no tema são mulheres brancas euro-descendentes, apesar dos territórios onde são feitas estas pesquisas arqueológicas serem lugares onde habitaram povos originários do grupo étnico maya e seus descendentes e que estas pessoas trabalham nas escavações de forma arriscada e precarizada. Segundo a historiadora da arte Cecília Fajardo-Hill, devido aos processos coloniais, a história moderna não permitiu que houvesse grandes intelectuais mulheres racializadas¹³⁹ para contar essas histórias porque a academia e os nichos da arte continuam tendo padrões masculinos europeus e *norte-americanos*, perpetuando os cânones de poder brancos e ocidentais que inviabilizam a participação e produção de pessoas não brancas; esta realidade evidencia a falta de protagonismo de homens e mulheres mayas na disciplina.

Tatiana Proskouriakoff foi uma arqueóloga russo-americana que se especializou na iconografia maya. Ela desenvolveu um método para interpretar as inscrições mayas, que revolucionou o estudo da cultura Maya. Proskouriakoff foi uma pesquisadora brilhante e seu trabalho ajudou a lançar as bases para o nosso atual entendimento dessa civilização. Linda Schele foi uma arqueóloga norte-americana que se especializou na epigrafia maya e uma das primeiras arqueólogas a estudar as

¹³⁸ RIBEIRO, L.; 2017. p. 222.

¹³⁹ FAJARDO-HILL, C.; 2020 p. 40.

inscrições em pedra de uma perspectiva interdisciplinar, combinando conhecimentos de linguística, história e arte. Schele foi uma pesquisadora inovadora e seu trabalho ajudou a esclarecer muitos aspectos da cultura maya, incluindo sua história, religião e sociedade. Heather Hurst é uma arqueóloga norte-americana que se dedica ao estudo da arquitetura maya. Ela é uma especialista em arquitetura residencial maya e tem trabalhado para reconstruir a vida cotidiana dos mayas antigos. Ela é uma pesquisadora talentosa e seu trabalho está ajudando a propagar uma imagem mais completa da cultura maya antiga.

Adriana Velázquez Morlet é uma arqueóloga mexicana mayista e tem uma perspectiva única sobre a cultura de seu povo. Sua relação com território lhe permite entender a cultura maya de dentro para fora, o que facilita para interpretar as evidências arqueológicas de uma forma mais profunda. Também, é importante porque ajuda a quebrar o estereótipo de que a arqueologia é uma disciplina dominada por estadunidenses e europeus, como foi por muito tempo desde suas origens. Ela é uma inspiração para outras arqueólogas e mostra que é possível fazer contribuições significativas para a arqueologia local, mesmo não pertencendo aos nichos acadêmicos dos Estados Unidos da Europa. Seus trabalhos são fundamentais para nossa compreensão dessa cultura antiga e suas contribuições afirmam que, nos últimos anos, as mulheres têm assumido a frente das pesquisas arqueológicas e destaca-se o caso de Isabel Ramírez Castañeda¹⁴⁰, que foi a primeira arqueóloga mexicana em assumir um projeto ainda no século XIX, e ainda conclui: .

Foi amplamente demonstrado, a responsabilidade e o enfoque porque as mulheres estamos dando um estilo diferente à arqueologia, não só através dos estudos de gênero mas também de forma geral, através de novos enfoques na antropologia e a arqueologia mexicana, cada vez somos mais¹⁴¹.

No passado, Isabel Ramírez Castañeda enfrentou uma série de obstáculos que limitaram seu reconhecimento e sua progressão profissional na arqueologia científica. O seu trabalho notável foi ofuscado pelas limitações de gênero do México de sua

¹⁴⁰ Isabel Ramírez Castañeda (1881–1943) foi a primeira mulher mexicana que trabalhou com arqueologia científica, antropologia e etnografia no país.

¹⁴¹ Tradução do autor para "Ha quedado ampliamente demostrado, la responsabilidad y el enfoque porque las mujeres le estamos dando un estilo distinto a la arqueología, no sólo a través de los estudios de género sino en general, a través de nuevos enfoques en la antropología y arqueología mexicana, cada vez somos más". En Antropología las mujeres han reducido la brecha: Adriana Velázquez. Disponível em: https://rotativo.com.mx/cultura/en-antropologia-las-mujeres-han-reducido-la-brecha-adriana-velazquez_12313_102.html. Acesso em: 20 outu. 2023.

época. Relegada a papéis secundários na academia, seu esforço foi subvalorizado e reduzido a tarefas de coleta de informações, categorizadas como folclore. Ao longo de sua carreira, seu reconhecimento foi insuficiente e sua história permaneceu na sombra da antropologia mexicana, refletindo a tendência histórica de tornar invisíveis os contributos das mulheres para a ciência. Além disso, desigualdades de gênero manifestaram-se em condições de trabalho precárias, com salários significativamente inferiores às das suas colegas homens. Apesar destas adversidades, o legado de Isabel Ramírez Castañeda perdura como um exemplo da tenacidade e do talento das mulheres no campo do conhecimento, o seu trabalho contribuiu para o reconhecimento e a preservação do rico patrimônio cultural maya¹⁴². Atualmente há nomes de arqueólogas que lideram investigações como o da guatemalteca Mónica Pellecer Alecio, de quem infelizmente não foi encontrada informação bibliográfica suficiente, mas que liderou uma investigação em 2005 e foi responsável por encontrar restos mortuários de um governante em San Bartolo datados de 150 a.C.¹⁴³. Todas as arqueólogas, artistas e historiadoras de arte mencionadas neste texto contribuíram de forma significativa para nosso conhecimento da civilização Maya.

O protagonismo excessivo por parte de arqueólogos dos Estados Unidos no território mesoamericano e a falta de protagonismos de profissionais locais é evidente na bibliografia para escrever este documento demonstra que eles exercem poder perpetuado na relação histórica das bases administrativas europeias instauradas no continente, e é comum que eles afirmem esse poder através das suas práticas científicas, neste caso arqueológicas, destinando milhões de dólares nestas pesquisas. Assim, as oportunidades para indígenas e pessoas descendentes destes povos são reduzidas pela própria relação de exclusão propagada pela cultura dos Estados Unidos em relação ao México, Guatemala, El Salvador e os outros países da América Central, ricos em patrimônios materiais de culturas milenares, porém, assolados pela pobreza, pela exclusão, o racismo e a violência institucional. Loredana Ribeiro insiste em uma prática arqueológica feminista e descolonial, que possa expressar as particularidades de sujeitos envolvidos nela; os povos mayas da Mesoamérica ainda lutam pelo direito à autodeterminação e pela autonomia no que

¹⁴². RUTSCH ZEHMER, M. I. M.; 2003. p.113.

¹⁴³ Oldest Maya mural wows archaeologists. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/id/wbna10452176>. Acesso em: 28 mar. 2024.

se refere ao seu patrimônio cultural histórico e a sua participação em espaços de poder institucional. Neutralizar essas dinâmicas de poder e as hierarquias sociais, características da ciência ocidental, é um desafio para as lutas sociais contemporâneas de ambas partes¹⁴⁴. Esta investigação expressa e insiste que a arte e o seu estudo são disciplinas que permitem a inclusão de outros protagonistas que trabalham para escrever uma nova história.

Em uma palestra do *Museum of Science* de Boston em 2015, o professor William Saturno é questionado sobre o total de sítios arqueológicos mayas que têm sido escavados até a data, na sua resposta ele afirma que de todos os sítios arqueológicos mayas que se conhecem até a data, apenas o 1% têm suas escavações em andamento e apenas o 10% das investigações nesses sítios têm sido executadas no total¹⁴⁵. Com as obras do projeto do *Tren Maya*¹⁴⁶, iniciadas em 2019 pelo governo mexicano e os avanços da tecnologia LiDAR (*Light Detection and Ranging*), que permite detectar estruturas perdidas nas florestas, foram registradas muitas cidades antigas das quais não se tinham conhecimento¹⁴⁷. Este cenário permite que pessoas mayas, homens e mulheres, participem da arqueologia científica no futuro. Assim, podem adquirir mais protagonismo nas investigações e contribuir para escrever a história milenar do seu povo.

¹⁴⁴ RIBEIRO, L.; 2017. p. 224.

¹⁴⁵ Murals and Mysteries of the Maya - William Saturno, PhD. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M0vZAVCOAal&t=3741s>. Acesso em: 15 dez. 2023.

¹⁴⁶ Trem Maia: a polêmica ferrovia bilionária que liga pobres e ricos no México. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cqv113lxqv0o>. Acesso em: 2 fev. 2024.

¹⁴⁷ Exclusivo: megalópole maia é revelada sob floresta da Guatemala por varredura de laser. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2018/02/exclusivo-megalopole-maia-e-revelada-sob-floresta-da-guatemala-por-varredura-de-laser>. Acesso em: 31 mar. 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos na Arte Maya, especialmente na Pintura Mural, revelam a riqueza cultural e simbólica e as complexidades do convívio social, político e religioso nos povos mayas antigos. O aspecto cerimonial e religioso, a representação plástica de deidades feitas há mais de dois mil anos oferece uma perspectiva única sobre a relação do humano e o divino. O surgimento do conceito de Arte Maya e os estudos de Herbert Spinden, de há um século, foram um marco para a disciplina da Historiografia da Arte Maya na academia norte-americana nutrida pelas contribuições da inglesa Adela Breton, a russa Tatiana Proskouriakoff a estadunidense Linda Schele, cujas contribuições foram fundamentais para a compreensão de aspectos da cultura maya através da arte; identificou-se que na intersecção de arte e arqueologia as mulheres arqueólogas e artistas protagonizam o cenário da disciplina na academia norte-americana e isso também acontece no México pelo trabalho de arqueólogas como Adriana Velázquez Morlet, que além de teorizar sobre o tema cuidam e preservam os objetos e artefatos milenares. Foi através das ilustrações detalhadas de Tatiana Proskouriakoff que o epigrafista Yuri Knorozov conseguiu decifrar a escrita maya, ela trouxe uma nova perspectiva sobre a narrativa visual e a iconografia desse povo

Essa colaboração interdisciplinar entre artistas e arqueólogos pode enriquecer a pesquisa e a preservação do patrimônio material. Nesse contexto, as expressões plásticas bidimensionais, em paredes e muros se manifestam de formas diversas; o compilado de pinturas murais apresentado por Leticia Staines Cicero e Beatriz De La Fuente é um estudo descritivo de registros dessas práticas artísticas. As contribuições de Adela Breton nos Murais de Chichén Itzá fizeram com que esse conjunto de murais fosse tão emblemático historicamente. Os Murais de Bonampak revelam uma complexa composição visual que representa acontecimentos históricos e a participação de governantes locais em cerimônias que expressam valores religiosos da alta sociedade maya antiga das Terras Altas. A arte servia como meio de comunicação e registro para transmitir valores referentes à sua identidade cultural. A narrativa visual dos murais, a representação da figura humana, a proporção, o uso de pigmentos e o coletivo de artistas possuem sofisticação e complexidade peculiares. O contexto político dos artistas determinava as composições, refletindo crenças e as

estruturas sociais e políticas da época. Os Murais de São Bartolo expressam outro tipo de sofisticação plástica e sua narrativa conta a história da criação do mundo segundo os maias daquela época, envolvendo rituais e interações entre humanos e deuses, com elas podemos entender suas crenças, estruturas sociais e políticas. As análises dos murais reforçam a necessidade de preservação e de conservação. Contudo, alguns murais citados foram intencionalmente destruídos e fragmentados. Isso instiga reflexões acerca da responsabilidade governamental na proteção deste patrimônio cultural subvalorizado.

O descaso histórico em relação às culturas originárias foi promovido pela empreitada colonial no continente e teve consequências que demandam o exercício de assumir a responsabilidade por parte dos Estados-nações. Essa responsabilidade contemporânea de estudar, preservar e difundir o conhecimento promove a valorização desses legados e cria espaços mais inclusivos nos quais mulheres e homens possam participar de maneira mais igualitária, já que no passado esses lugares foram ocupados majoritariamente por homens; como consequências, o trabalho das mulheres arqueólogas não teve a mesma participação que o dos homens em séculos passados. Este texto busca contribuir com a História da Arte e afirmar que as mulheres na arqueologia conquistaram espaços de protagonismo. Porém, esta realidade também configura um cenário de exclusão pela falta de mulheres arqueólogas maias, ladinas e mestiças¹⁴⁸ ou originárias dos territórios onde existe estas expressões artísticas milenares.

As noções de descoberta encontradas na bibliografia sugerem que os arqueólogos dos Estados Unidos, muitas vezes, são creditados como “descobridores” em contextos onde as dinâmicas de poder entre locais e visitantes criam um contraste social de investigador e investigado, essa alteridade determina quem tem o poder e conhecimento e influência a autonomia de representação dos povos. Este texto oferece uma reflexão sobre a importância da interseção entre arte, arqueologia e identidade cultural, com o intuito de valorizar o legado cultural da civilização Maya antiga. As expressões artísticas dos Mayas destacam-se no contexto da Arte Pré-Hispânica, em que elas expressam riqueza e complexidade estética; com elas

¹⁴⁸ De ladinas y mestizas. Disponível em: <https://www.plazapublica.com.gt/content/de-ladinas-y-mestizas>. Acesso em: 28 mar. 2024.

podemos estudar o passado e incentivar a valorização do patrimônio cultural e a circulação e democratização de conhecimento, o estudo da Arte Maya e suas representações devem ser acessíveis a todas as pessoas e, principalmente, àqueles de descendem desses povos e não só a um restrito círculo acadêmico. A promoção de eventos e exposições que celebrem o legado da Arte Maya e suas narrativas é fundamental para fomentar o respeito pelas culturas originárias e promover valores de reparação histórica, construção de consciência crítica sobre a importância da preservação do patrimônio cultural dos povos indígenas.

Por fim, este estudo acadêmico é um chamado à ação para todas as pessoas que preocupam com a preservação de saberes culturais e históricos que com seu valor estético e complexidade merecem ser celebrados estudados como parte vital da herança cultural da humanidade; a antiga civilização Maya é um exemplo de sofisticação cujos avanços podem ser considerados muito superiores em relação a saberes e tecnologias.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA MEXICANA DE LA HISTORIA. *María Teresa Uriarte*. México D.F. Disponível em: <https://www.academiamh.com.mx/miembros/maria-teresa-uriarte/>>. Acesso: em 3 out. 2024.

ACUÑA, M. J. Royal death, tombs and cosmic landscapes: early classic Maya Tombs Murals, From Río Azul, Guatemala. *Maya Archaeology. Precolumbia Mesoweb Press*, San Francisco, n.3, p.168-165, 2015.

ARQUEOLOGIA MEXICANA. *Templo de los Jaguares, Chichen Itzá, Yucatán*. Disponível em: <https://arqueologiamexicana.mx/mexico-antiguo/templo-de-los-jaguares-chichen-itza-yucatan>. Acesso em: 22 jun. 2023.

ANALES del Instituto de Investigación Estéticas. MEMORIAM. Beatriz De La Fuente (1929-2005), México D.F, v. 27, n. 87, p. 225-226, 2005 . Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0185-12762005000200009&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 17 out. 2024.

ANTONELLI, P. H. L. *A epigrafia e os Maya: uma análise historiográfica do processo de construção da Imagem de um povo a partir de sua escrita*. 2018. 171 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e ciências humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2018.

ALBRITTON, A.; FARELLI, G. *Art history in a global context: methods, themes, and approaches*. New York: Wiley-Blackwell, 2020. p. 35-54

ARCHAEOLOGICAL INSTITUTE OF AMERICA. Archaeologists you should know. Tatiana Avenirovna Proskouriakoff (1909–1985) Russian-American Archaeologist, Architect, Scholar, Known For Groundbreaking Contributions To Maya Archaeology Disponível em: <https://www.archaeological.org/archaeologists-you-should-know-proskouriakoff/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

BETANCOR, M. H. O gênesis Quiché: Livro sagrado descreve as criações do mundo e do homem segundo a cultura que antecedeu os maias. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, p. 80-83, set. 2014.

BELTRAN, B.; ROMÁN, E. Características diagnósticas Preclásicas presentes en la Pirámide de Las Pinturas, San Bartolo, Petén. *In: SIMPOSIO DE INVESTIGACIONES ARQUEOLÓGICAS EN GUATEMALA*, 21., 2008, Guatemala. *Anais [...]*. Guatemala: Museo Nacional de Arqueología y Etnología, 2008. p. 693-703.

CARRASCO V., R.; BAQUEIRO, C., M. The murals of Chiik Nahb Sctructure Sub 1-4, Calakmul, Mexico. *Maya Archaeology*, San Francisco, n.3, p. 8-59, 2012.

CHADWICK, W. História da Arte e artista mulher, 1990. In: PEDROSA, A.; CARNEIRO, A. MESQUITA, A. (org.). *Histórias das mulheres, historias feministas*: [vol. 2] antologia. São Paulo: MASP, 2019. p. 151-170.

CHOY, L.; JUÁREZ A., P. Prensa Libre. *Más evidencias de la relación entre Tikal y Teotihuacán*. 18 de maio 2021. Guatemala. Disponível em: <https://www.perspectiva.gt/lifestyle/destacan-nuevas-interpretaciones-del-mural-de-jugadores-de-pelota-de-tikal>. Acesso em: 12 maio 2023.

CLYNES, T. Exclusivo: megalópole maia é revelada sob floresta da Guatemala por varredura de laser. *National Geographic*, 1 fev. 2018. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2018/02/exclusivo-megalopole-maia-e-revelada-sob-floresta-da-guatemala-por-varredura-de-laser>. Acesso em: 31 mar. 2024.

CULTURA GUATE. *Murales de San Bartolo, un tesoro en el corazón del mundo maya*. 11 de novembro de 2021. Disponível em: <http://culturaguatemala.com/2021/11/11/murales-de-san-bartolo-un-tesoro-en-el-corazon-del-mundo-maya>. Acesso em: 3 mar. 2024.

DEER, T. *Adela Breton and the Temple of the Jaguar: a Victorian perspective on the art of Chichén Itzá*. 2018. 65 f. Dissertation (Bachelor of Arts in Archaeology) - Department of Archaeology and Anthropology University of Bristol. 2018.

DE LA FUENTE, B. Reseña de "De Bonampak al Templo Mayor: el azul maya en Mesoamérica" de Constantino Reyes Valerio. *Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas* - UNAM, México D.F., v. 16, n.65, p. 238-241. 1994.

DE LA FUENTE, B. La Pintura Mural Prehispánica en México. *Boletín Informativo*, México D.F., Año 8, n. 16, p. 3-5; 6-11, jun. 2002.

DÍAZ DEL CASTILLO, B. *Historia verdadera de la conquista de nueva España*. México D. F.: Publicaciones Herrerías, 1938.

ESCALANTE G., P.; YANAGISAWA, S. Tulum, Quintana Roo y Santa Rita Corozal, Belice. *Pintura Mural*. Arqueología Mexicana, 2023. México D.F. Disponível em: <https://arqueologiamexicana.mx/mexico-antiguo/tulum-quintana-roo-y-santa-rita-corozal-belice-pintura-mural>. Acesso em: 15 fev. 2024.

ESTRADA, A. C. *Naturaleza, cultura e identidad: reflexiones desde la tradición oral maya contemporánea*. México D.F.: Janeiro, 2009. v. 34.

FACEBOOK. Museo Popol Vuh, Universidad Francisco Marroquín. 20 de março de 2024. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=828649212621032&set=pb.100064278836425.-2207520000&type=3>. Acesso em: 5 abr. 2024.

FAJARDO-HILL, Cecilia. Gender, race, and feminism. Specificity in global context: the case of chicanas Latinas and Latinamerican women artist, 1960s–1980s. [S.l.: s.n., 20--].

GARCÍA BARRIOS, A. What really caused the collapse of the Maya civilization?. *National Geographic*, 10 ago. 2023. Disponível em:
<https://www.nationalgeographic.com/premium/article/mayan-empire-collapse-mystery>. Acesso em: 15 jan. 2023.

GELL, A. A rede de Vogel: Armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas. Tradução de Marcia Martins e Laura Bedran. *Revista Arte e Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 175-191, 2001.

GONZALBO ESTRADA, P.; YANAGISAWA, S. Murales em Tulum e Santa Rita. La Pintura Maya Expresiones de un Arte Milenario. *Revista Arqueología Mexicana*, México D.F., v. 16, n. 93, p. 60-65, 2008.

GONZALEZ A., J. A. Los Murales de Las Higueras (Rescate y restauración). *Ciencia y Luz - Universidad Veracruzana*, Veracruz, p. 1, mar. 2018.

GONZALEZ DÍAZ, M. Trem Maia: a polêmica ferrovia bilionária que liga pobres e ricos no México. *BBC News Brasil*. 13 dez. 2023. Disponível em:
<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cqv1l3lxqv0o>. Acesso em: 2 fev. 2024.

GONZALEZ TORRES, Y. *Diccionario de mitología y religión de mesoamérica*. Mexico D.F.: Larousse, 1991.

GRECCO PACHECO, D.; MARQUES PESCE, F. A guerra está entre nós. Mudanças Sociais e Políticas na Pintura Mural e de Bonampak e Chichén Itzá. In: XI ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 11., 2015, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas. UNICAMP. 2015. p. 135-149.

GUIDA NAVARRO, A. A civilização maia: contextualização historiográfica e arqueológica. *Revista História*, Franca, SP, v. 27, n. 1, 2008.

HERBERT MAYER, K. Una pintura mural maya con jeroglíficos en Playa del Carmen Quintana Roo: la pintura mural prehispánica en México. *Boletín informativo*, Mexico, año 10, n. 21, p. 32-29, dez. 2004.

HEMEROTECA, PL. Los orígenes de la palabra “maya”. *Prensa Libre*. 21 de septiembre de 2015. Disponible em: <https://www.prensalibre.com/hemeroteca/los-origenes-de-la-palabra-maya/>. Acesso em: 1 abr. 2022.

HURST, Heather. San Bartolo, Petén: Técnicas de pintura mural del Preclásico Tardío. *In: SIMPOSIO DE INVESTIGACIONES ARQUEOLÓGICAS EN GUATEMALA*, 18., 2004, Guatemala. *Anais [...]*. Guatemala: Museo Nacional de Arqueología y Etnología, 2004. p. 618-625

HURST, Heather; CRAIG, J.; SATURNO, W.; ESTRADA-BELLI, B. B.; ROMÁN, E. Tesoro o Basura: Un estudio sobre la terminación de murales de San Bartolo, Cival, y La Sufricaya, Petén. *In: SIMPOSIO DE INVESTIGACIONES ARQUEOLÓGICAS EN GUATEMALA*, 21., 2008, Guatemala. *Anais [...]*. Guatemala: Museo Nacional de Arqueología y Etnología. Guatemala. 2008. p. 351-360.

HURST, Heather; TAUBE, K.; CIFUENTES A., Y.; BASS, A.; O'GRADY, C.; SATURNO, W.; STUART, D. Pigmento y pintura: resumen de los estudios iniciales de la reconstrucción de los fragmentos de la Pintura Mural del sitio arqueológico San Bartolo. *In: SIMPOSIO DE INVESTIGACIONES ARQUEOLÓGICAS EN GUATEMALA*, 28., 2014, Guatemala. *Anais [...]*. Guatemala: Museo Nacional de Arqueología y Etnología, 2014. p. 785-796.

INAH TV. *Sonia Lombardo*. Serie Rostros de la Antropología. Youtube, 9 de maio de 2013. 12:18. Disponible em: <https://www.youtube.com/watch?v=g9A6qS1OSrc>. Acesso em: 10 dez. 2023.

IZQUIERDO D. L. C., A. L. Introducción a la identidad maya. *In: MARTINEZ DE VELASCO, A. VEGA, M. E. (org.). Los Mayas: Voces de Piedras*. México D.F.: Ambar Diseño S.C., 2011. p. 17-35.

JUMIQUE C., A. Murales de San Bartolo declarados patrimonio cultural: Por qué son uno de los descubrimientos más importantes de la arqueología maya. *Prensa Libre*. 18 de agosto de 2023. Disponible em: <https://www.prensalibre.com/guatemala/comunitario/murales-de-san-bartolo-declarados-patrimonio-cultural-por-que-encierran-uno-de-los-descubrimientos-mas-importantes-de-la-arqueologia-maya/>. Acesso em: 1 nov. 2022.

KAUFMAN, R. National Geographic. 8 de setembro de 2012. [S.l.]: Exclusive Pictures: Maya Murals Found in Family Kitchen. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/history/article/120905-maya-murals-found-kitchen-science-mayan>. Acesso em: 15 mar. 2023.

KUBLER, George. Pintura Mural Precolombina. *Estudios de cultura Maya*, México D.F., v. 6, p. 45-65, 1967.

LANDA, D. de. Relación de las cosas de Yucatán. *Historia*, Madrid, v. 16, 1992.

LIMA, W. B.B. Discursos e representações na “Relación de la cosas de Yucatán: A Alteridade e Interpretação da cultura na obra do Frei Diego de Landa (1549-1579)”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Fortaleza. *Anais [...]*. Fortaleza: ANPUH, 2009.

LOMBARDO DE RUIZ, S. Los estilos de la pintura mural maya. In: CICERO, Leticia Staines (org.). *La pintura mural prehispánica en México II, Área Maya*. México D.F. : [s.n.], 2001. p. 85-154.

LUGARES INAH. *Xcaret, Fragmento de pintura mural*. Disponível em https://lugares.inah.gob.mx/es/zonas-arqueologicas/zonas/piezas/10106-10106-fragmento-de-pintura-mural.html?lugar_id=1809. Acesso em: 2 fev. 2024.

MARTINEZ DE VELASCO C., Alejandra. Superficies inmortalizadas por el cincel y el pincel In: MARTINEZ DE VELASCO, A. VEGA, M. E. (org.). *Los Mayas: voces de piedras*. México D.F.: Ambar Diseño S.C., 2011. p. 51-61.

MAYA VASE DATABASE. Kerr Number 1250. Disponível em: http://research.mayavase.com/kerrmaya_list.php?rowstart=70&search=maya&vase_number=&date_added=&vase_type=&ms_number=&site=&icon_elements=. Acesso em: 10 out. 2022.

MEDIATECA INAH. XELHÁ. Disponível em: https://mediateca.inah.gob.mx/islandora_74/islandora/object/sitioprehispanico%3A1548. Acesso em: 9 jul. 2023.

MEDIATECA INAH. *Pintura de la Estructura P-1 o Casa Azul, Rancho Ina*. Disponível em: <https://mediateca.inah.gob.mx/repositorio/islandora/object/mural%3A147>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MENEZES, H.; HUPSEL, R. "Arte - Alfred Gell". *In: ENCICLOPÉDIA de Antropologia*. Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. São Paulo. 8 dez. 2015. p. 1-5. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/arte-alfred-gell>. Acesso em: 9 jan. 2023.

MIJÁN MAROÑO, Anxo. *Trasancos*. National Geographic Archaeology Collection. Tikal. RBA and National Geographic Archaeology Collection. Disponível em <https://trasancos3d.artstation.com/projects/QzBJI4>. Acesso em: 13 ago. 2023.

MILBRATH, S.; PERAZA LOPE, C.; DELGADO KÚ, M. Religious Imagery in Mayapán's Murals. *The PARI Journal*, San Francisco, v. 10, n. 3. p. 1-10, 2010.

MILLER, A. G. On the edge of the Sea. Mural painting at Tancah-Tulum, Quintana Roo, Mexico. Harvard University. Washintong D.C.: Dunbarton Oaks. 1982.

MILLER, M. Imaging Maya Art. *Archaeology*, v. 50, n.3, maio/jun.1997. Disponível em: <https://archive.archaeology.org/9705/abstracts/bonampak.html>. Acesso em: 4 abr. 2023.

MILLER, M .; BRITTENHAM, C. *The spectacle of the late Maya court: reflections on the murals of Bonampak*. Austin: University of Texas Press, 2013.

MESOWEB. *Un recorrido por Copán*. Disponível em: <https://www.mesoweb.com/es/articulos/copan/08.html>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MUSEO NACIONAL DE ANTROPOLOGIA. Murió Rina Lazo, autora de las réplicas de los murales de Bonampak. México D.F. Disponível em: https://mna.inah.gob.mx/detalle_huella.php?pl=Fallece_Rina_Lazo_autora_de_las_replicas_de_los_murales_de_Bonampak. Acesso em: 14 set. 2022.

MUSEUM OF SCIENCE. *Murals and Mysteries of the Maya* - William Saturno, PhD. Youtube, 21 de janeiro de 2015. 1:23:55. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M0vZAVCOAaI&t=3741s>. Acesso em: 15 dez. 2023.

NBC NEWS. Oldest Maya mural wows archaeologists. 13 dez. 2005. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/id/wbna10452176>. Acesso em: 28 mar. 2024.

O'GRADY, C.; HURST, H. Lost walls/murals rebuilt: interdisciplinary approaches to the conservation of Preclassic Maya wall paintings from San Bartolo. *In: ICOM Committee for Conservation 16th Triennial Meeting*. Lisbon: Critério Artes Gráficas; ICOM Committee for Conservation, 2011. p. 1-10

OSTMANN J. María Teresa Uriarte highlights remarkable women in the history of Pre-Columbian archaeology. *Dumbarton Oaks*, Washington DC, 23 out. 2019. Disponível em: <https://www.doaks.org/newsletter/news-archives/2019/lost-murals-at-chichen-itza>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PEREZ DE HEREDIA, E.; BIRÓ, P.; BOUCHER, S. Maíz y balché. Una revisión de la iconografía de los murales de Tulum. *Estudios de cultura maya*, México D.F., v. 57, p.117-149, 2021.

PEREIRA, M.C. A capital maia que se empilhou até o Colapso. Uxmal. *Got2Globe*. Disponível em: <https://www.got2globe.com/editorial/uxmal-iucatao-ruinas-maias-capital/>. Acesso em: 8 abr. 2023.

PERSPECTIVA. Destacan nuevas interpretaciones del “Mural de jugadores de pelota” de Tikal. 19 maio 2021. Guatemala. Disponível em: <https://www.perspectiva.gt/lifestyle/destacan-nuevas-interpretaciones-del-mural-de-jugadores-de-pelota-de-tikal/>. Acesso em: 12 maio 2023.

PHELAN, J. Life-size model of Maya mural chamber at Tang Museum. *The Saratogian*. New York, 22 jul. 2021. Disponível em: https://www.saratogian.com/news/life-size-model-of-maya-mural-chamber-at-tang-museum/article_328ffc5b-7662-53ec-89a9-011466eaf7c3.html. Acesso em: 7 jan. 2023.

REGO, B. Archaeology in the Peten: The Early Classic Maya Site of Holmul in Guatemala. *Electrum Magazine*, 28 mar. 2011. Disponível em: <https://www.electrummagazine.com/2011/03/adventures-in-archaeology-the-early-classic-maya-site-of-holmul-in-guatemala/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

REYES VALERIO, C. *Arte Indocristiano*. México D.F: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2000. (Colección Obra Diversa).

ROACH, J. Headless man's tomb found under Maya torture mural. *National Geographic*, 12 mar. 2010. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/history/article/100312-headless-bonampak-tomb-maya-torture-mural>. Acesso em: 14 nov. 2023.

RUTSCH ZEHMER, M. I. M. Isabel Ramírez Castañeda (1881-1943): Una Antihistoria de los inicios de la antropología mexicana. *Revista Cuicuilco de Ciencias Antropológicas*, Escuela Nacional de Antropología e Historia INAH, México D.F., v. 10, n. 28, p. 99-118, 2003.

SALOMON, Char; PROSKOURIAKOFF, Tatiana. *Interpreting the Ancient Maya*. Oklahoma: University Of Oklahoma Press; Norman, 2002.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. Histórias e cosmologia indígenas no Popol vuh, livro maia-quiché. *Revista USP*, São Paulo, n. 125, p. 109-124, 2020.

SANTOS R., M. Adela Breton, Testimonios pictóricos en Chichén Itzá. *La Jornada Maya*. 10 jul. 2020. Yucatán. Disponível em: <https://www.lajornadamaya.mx/yucatan/25255/adela-breton-testimonios-pictoricos-en-chichen-itza>. Acesso em: 3 set. 2022.

SATURNO, W. A.; STUART, D. TAUBE, K.. La identificación de las figuras del Muro Oeste de Pinturas Sub-1, San Bartolo, Petén. *In: SIMPOSIO DE INVESTIGACIONES ARQUEOLÓGICAS EN GUATEMALA*, 18., 2004, Guatemala. *Anais [...]*. Guatemala: Museo Nacional de Arqueología y Etnología, 2005. p. 626-635.

SAVKIC, Sanja. Expresando lo ideal a través de lo material: el arte. *In: MARTINEZ DE VELASCO, A. VEGA, M. E. (org.). Los Mayas: voces de piedras*. México D.F. Ambar Diseño S.C., 2011. p. 39-49.

SCHELE, Linda; MILLER, Mary. *The blood of kings: dynasty and ritual in Maya art*. London: Thames and Hudson, 1986.

SCHELE, Linda ; FREIDEL, David. *A forest of kings: the untold story of the ancient Maya*. New York: Morrow, 1990.

SILVA, J. S. DA. Desenho - Tim Ingold. *In: ENCICLOPÉDIA de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 13 jul. 2022. p. 1-5. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/desenho-tim-ingold>. Acesso em: 8 dez. 2023.

SOLIS M., R.; MITLÁN L., B. A. *De ladinas y mestizas*. Plaza Pública. 15 feb. 2021. Disponível em: <https://www.plazapublica.com.gt/content/de-ladinas-y-mestizas>. Acesso em: 28 mar. 2024.

SOMOS CULTURA CANCÚN. *Adriana Velázquez Morlet en "Conferencias Magistrales"*. Youtube, 19 fev. 2021. 1:04:06. https://www.youtube.com/watch?v=mPcBhy4r1Kw&ab_channel=somosculturacun. Acesso em: 28 nov. 2023.

SPINDEN, Herbert J. *A study of Maya art: It's subjects matter & Historical Development*. New York: Dover Publications, 1975.

SPINDEN, Herbert J. *Ancient civilizations of Mexico and Central America*. New York: American Museum Press, 1922.

STAINES CICERO, L. Pintura Mural Maya. *Revista Digital Universitária*, Instituto de Investigaciones Estéticas. UNAM, México D.F., v. 5, n. 7, p 1-14, 2004.

TANG TEACHING MUSEUM. *7000 Fragments: Maya murals from San Bartolo Guatemala*. New York. Disponível em: <https://tang.skidmore.edu/exhibitions/248-7000-fragments-maya-murals-from-san-bartolo-guatemala>. Acesso em: 9 jan. 2023.

TAUB, Karl; SATURNO, William A.; STUART, David. Nuevos hallazgos arquitectónicos y pictóricos en la Pirámide Las Pinturas, San Bartolo, Petén. *In: SIMPOSIO DE INVESTIGACIONES ARQUEOLÓGICAS EN GUATEMALA*, 19., 2005, Guatemala. *Anais [...]*. Guatemala: Museo Nacional de Arqueología y Etnología, 2004. p. 627–636.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

TEDLOCK, Dennis. *Breath on the Mirror: mythic voices and visions of the living Maya*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1999.

TEDX TALKS. *Painting with mittens and bananas*. Heather Hurst at TEDxSkidmoreCollege. Youtube, 30 dez. 2013, 26:07. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VE_25R_b86M&t=335s. Acesso em: 3 jan. 2021.

THE BRAIN CHAMBER. *Los murales de San Bartolo: un vistazo a las creencias mayas del Preclásico Tardío*. Disponível em: <https://es.thebrainchamber.com/san-bartolo/>. Acesso em: 4 jan. 2023.

THE YUCATAN TIMES. *Mural Painting found in Ek Balam*. Yucatán, 13 de setembro de 2023. México, Disponível em: <https://www.theyucantimes.com/2023/09/mural-painting-found-in-ek-balam/>. Acesso em: 5 out. 2023.

TEJEDA MONROY, Eduardo A. Los murales de Chichén Itzá, Chacmultún, Ichmac y Mulchic. Implicaciones sobre la beligerancia maya en el Clásico tardío-terminal (600-1000 d.C.). *Revista Nacional de Arqueología*, México D.F., 2014.

UNESCO. Adriana Velázquez Morlet Directora del Centro INAH Campeche, INAH, Secretaría de Cultura, México. Disponível em: https://irpmzcc2.org/upload/secciones_archivos/adriana-velazquez-morlet_202104091243.pdf. Acesso em: 12 dez. 2023.

UNESCO. *The Painted Murals of San Bartolo*. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/tentativelists/5738/>. Acesso em: 1 nov. 2022.

UNIVERSIDAD FRANCISCO MARROQUÍN. *Murales de San Bartolo y Museo Popol Vuh*. El Amigo de la Marro. 15 jun. 2018. Disponível em: <https://noticias.ufm.edu/2018/06/35604-2/>. Acesso em: 2 dez. 2023.

UNIVERSIDAD NACIONAL AUTÓNOMA DE MÉXICO. *Instituto de Investigaciones Estéticas*. Leticia Staines Cicero. Disponível em: https://www.esteticas.unam.mx/leticia_staines. Acesso em: 3 dez. 2023.

URQUIZÚ, Mónica. HURST, Heather. Las pinturas murales de San Bartolo: Una ventana al arte y cosmovisión del hombre prehispánico. *In: XVI SIMPOSIO DE INVESTIGACIONES ARQUEOLÓGICAS EN GUATEMALA*, 16., 2004, Guatemala. *Anais [...]*. Guatemala: Museo Nacional de Arqueología y Etnología, 2003. p. 325-334.

VALENCIA, I. Entrevista com Adriana Velázquez Morlet, Delegada del Centro INAH Quintana Roo. *Revista Cuicuilco de Ciencias Antropológicas*, Escuela Nacional de Antropología e Historia INAH, México D.F., v. 20, n. 56, p 261-270, 2013.

VALSECHI, L. *Research/Penn State magazine*. Worlds Collide: Art history and materials science in the Yucatán. 22 mar. 2023. Pennsylvania. Disponível em: <https://www.psu.edu/news/research/story/worlds-collide-art-history-and-materials-science-yucatan/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

VASCAÍNO, A. P. **Teotihuacán**: a cidade anciã das pirâmides, no México. *CNN Brasil*. 30 out. 2014. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/viagemegastronomia/viagem/um-dos-tesouros-arqueologicos-do-mexico-as-ruinas-de-teotihuacan-ficam-localizadas-na-cidade-de-san-juan-de-teotihuacan-a-apenas-50-km-da-cidade-do-mexico/>. Acesso em: 15 set. 2022.

VANCE, E. Unprecedented Maya Mural Found, Contradicts 2012 "Doomsday" Myth. *National Geographic*. 12 maio 2012. Disponível em : <https://www.nationalgeographic.com/science/article/120510-maya-2012-doomsday-calendar-end-of-world-science>. Acesso em: 15 dez. 2023.

VEIGA, E. Seca que pode ter levado ao colapso da civilização maia provocou queda de até 70% nas chuvas. *BBC Brasil*. 2 ago. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45039979>. Acesso em: 1 dez. 2023.

VELA, E. I. Popol Vuh: El libro sagrado de los mayas. *Arqueología Mexicana*, Raíces/Instituto Nacional de Antropología e Historia, México D.F., v. 15, n. 88, p. 42-50, 2007.

VELAZQUEZ MORLET, A. Mayas: el lenguaje de la belleza. *In: ROMERO BLANCO, K. El lenguaje de la Belleza*. México D.F.: Instituto Nacional de Antropología e Historia Córdoba, 2015. p 16-29. n. 45

VELAZQUEZ MORLET, A. *La ciudad amurallada*. Lugares INAH. Tulum https://lugares.inah.gob.mx/es/inicio/opinion/12490-la-ciudad-amurallada-12490.html?lugar_id=. Acesso em: 28 abr. 2023.

VELAZQUEZ MORLET, A. *Pintura mural en Tulum: Zona Arqueológica – edificio 16*. Hola Tulum. 13 ago. 2022. Tulum. Disponível em: <https://www.holatulum.com/pintura-mural-en-tulum-zona-arqueologica-edificio-16/>. Acesso em: 8 maio 2024.

WAGNER, E. Some thoughts on the composition of murals 1 and 3 of estructura 1, La Sufricaya, El Petén, Guatemala. *Wayeb Notes*, Institut für Altamerikanistik und Ethnologie, n.10. Bonn: Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn, 2004.

WOLFGANG VOSS N., Alexander: ¿Qué significa Maya? – Análisis Etimológico de una palabra. *Investigadores de la cultura maya*, UACAM, Campeche, n. 10, t. 2, p. 380-398, 2002.

WORLD HISTORY ENCYCLOPEDIA. House of the Governor, Uxmal. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/image/3109/house-of-the-governor-uxmal/>. Acesso em: 8 abr. 2023.

XULTUN.ORG. Archaeology, the Visual Record, Conservation, and Urbanization & Ecology. Disponível em: <https://www.xultun.org/research>. Acesso em: 5 abr. 2024 .

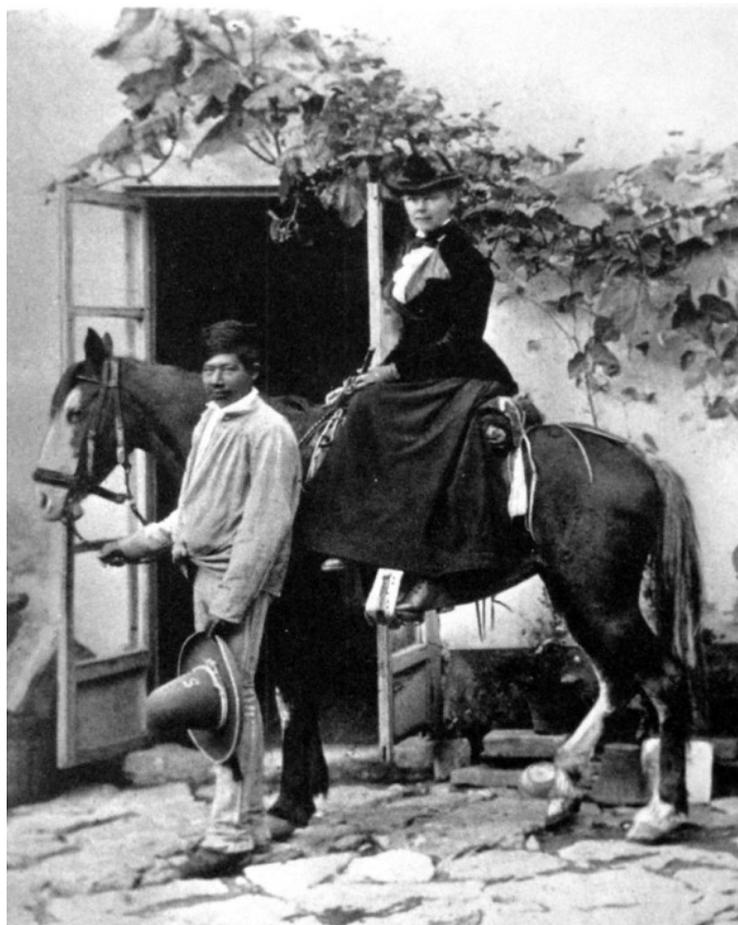
YALE UNIVERSITY. The Splendid Maya Murals of Bonampak, Mexico, with Prof. Mary Miller. Youtube, 22 de outubro de 2013, 58:15. Connecticut. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EDudtA1nVa4&ab_channel=YaleUniversity. Acesso em: 3 jun. 2022.

YALE UNIVERSITY ART GALLERY. *Mural copies from Bonampak*. Three paintings from the three rooms of building 1 at Bonampak at 50% reduction. Connecticut Disponível em: <https://artgallery.yale.edu/collections/objects/193024>. Acesso em: 23 jun. 2022.

YALE BULLETIN & CALENDAR. Authentic duplication of Maya murals is laborious task. Connecticut, v. 30, n. 11. Disponível em: <http://archives.news.yale.edu/v30.n11/story17.html>. Acesso em: 4 dez. 2023.

ZENDER, M.; SKIDMORE, J. Unearthing the heavens: classic Maya murals and astronomical tables at Xultun, Guatemala. *Precolumbia Mesoweb Reports*, p. 1-17. 2012. Disponível em: <https://www.mesoweb.com/reports/Xultun.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2024.

ZORICH, Z. Piecing together Maya creation stories. *Archaeology Magazine*, Nov./Dec. 2021. Disponível em: <https://archaeology.org/issues/november-december-2021/features/piecing-together-maya-creation-stories/>. Acesso em: 28 jan. 2023.

ANEXO – Imagens de apóio.

A) Retrato de Adela Breton



B) Retrato de Tatiana Proskouriakoff



C) Linda Schele ensinando a escrita a jovens descendentes dos Mayas.

D) Retrato da arqueóloga mexicana Adriana Velazquez Morlet.



E) Isabel Ramírez Castañeda com outros membros do Museo Nacional Do México em 1910.



F) Simulação 3D do recinto das pinturas de Bonampak.





F) Simulação em 3D do interior da Pirâmide Principal de Las Pinturas em San Bartolo.



G) Estado original do Mural Norte da Estrutura SUB-1A.

H) Idolatria, 80 x 100 cm. Óleo e acrílica sobre tela. Pintura de Herbert De Paz, 2020.



1) Réplica dos Murais de San Bartolo no Palacio Nacional de Cultura da Guatemala.

